

ROTEIRO

De entre testemunhos de defesa da nossa fronteira e glórias passadas, as Fortalezas Abaluartadas primam pela sua beleza, monumentalidade e solidez.

VALENÇA



VLC página 4

Itinerários :



ALMEIDA



ALM página 42

Itinerários :



MARVÃO



MRV página 82

Itinerários :



ELVAS



ELV página 118

Itinerários :



GUIA DE UTILIZAÇÃO

Buscou-se com este roteiro construir um guia que seduzisse o visitante e a sua família, para uma descoberta de quatro fortalezas abaluartadas e da raia, em itinerários que podem durar até vários dias, numa peregrinação a ser dividida em múltiplas etapas, conforme a energia, o tempo e os interesses específicos.

Selecionámos pontos nevrálgicos que abrissem a paisagem urbana ao visitante e o convidassem à descoberta de novas realidades e experiências que existem, claro, e que deixámos esboçadas. Sendo um roteiro que vive do empenho dos municípios e das suas equipas técnicas na sua manutenção e desenvolvimento, dos seus amantes de património e dos seus cidadãos – que nos recebem e fazem viver estas suas terras e fortalezas – concentrámos nas ligações nos códigos QR presentes no roteiro toda a informação disponível e permanentemente atualizada, transformando o roteiro numa plataforma e não apenas num objeto fechado em si.

Procuramos que o roteiro seja assim interativo e dinâmico, não perdendo um carácter físico e de pertença do visitante, algo que se por um lado corre a contraciclo das tendências desmaterializantes dos dias de hoje, por outro se alinha na defesa e fruição de um património nosso, algo que julgamos em constante evolução e aprendizagem.

Esperamos assim que os pontos de informação selecionados neste roteiro para cada localidade permitam uma compreensão dos seus agregados urbanos e dos redutos militares dentro dos quais vivem há séculos, e que as sugestões de visita em itinerários de até seis dias de viagem organizem uma descoberta da

raia, que o é a Oeste e Este, bem como a Norte e a Sul da fronteira, essa linha divisória que cada vez mais nos une.

Fica também uma seleção de fotografias e cartografia – desenvolvida especificamente para este roteiro – que, esperamos, acrescente perspectiva à narrativa destes quatro municípios e as suas regiões. Procurámos acima de tudo a simplicidade de manuseamento e consulta, a completude de conteúdos e a abertura à interpretação individual. Com base neste último ponto, desejamos que os apontamentos e observações que, podem e devem ser feitos nos espaços previstos no roteiro, conduzam a uma participação cívica de quem viaja e guarda um pouco do que viu e conheceu, insuflando-lhe os contornos da sua própria visão e individualidade, adindo ao que existe, transmitindo-nos um património mais rico do que o encontrado.

A Raia e as suas Fortalezas Abaluartadas

Avançamos para este roteiro integrados numa candidatura a Património Mundial da UNESCO das Fortalezas Abaluartadas da Raia de Portugal (sendo que a cidade de Elvas e as suas Fortificações já possuem este reconhecimento da UNESCO) expressão do completo domínio da arte da fortificação abaluartada, que desde o século XVI arquitetos e engenheiros militares portugueses aplicaram no império Português, aquém e além-mar.

Temos, portanto, duas constantes neste roteiro: a Raia, a fronteira de mais de 1300 quilómetros entre Portugal e Espanha, e as fortalezas abaluartadas da Idade Moderna que a defenderam.

Ora, Portugal continental é delimitado a Norte e a Este pelo território espanhol, sendo a mais antiga fronteira da Europa, fixada após as cam-

panhas de conquista de territórios aos Muçulmanos que desde o século VIII habitavam a Península Ibérica e com as disputas com os nossos vizinhos Cristãos. Com o Tratado de Alcanizes, na província de Zamora (assinado a 12 de setembro de 1297), estabeleciam-se para a posteridade limites que datavam dos tempos do Condado Portucalense e do Reino de Castela e Leão, celebrando-se com este tratado entre os reis D. Dinis de Portugal e Fernando IV, de Castela e Leão, um estabilizar de fronteiras que traria definitivamente a região do Ribacôa para Portugal e, mais a Sul, praças tão importantes como Campo Maior.

Doravante, de Caminha a Castro Marim, numa linha contínua que desagua sempre no Atlântico, teríamos uma fronteira que acompanha rios (raia húmida) ou é delimitada por pontos notáveis ou marcos fronteiriços em terra (raia seca) que constitui a raia, do lado da República Portuguesa, e *la Raya*, em Castelhana, do lado do Reino de Espanha. Um território repartido entre duas nações e dois povos que, no entanto, partilham cultura, identidade e hábitos, recursos e paisagens.

Ser-se raiano sempre foi uma condição especial, e hoje é-o de forma vanguardista pois simboliza e dá corpo e expressão a uma Comunidade que também é Europeia e que diluiu os limites fixados pelos governos nacionais, caso da capacidade de cunhar moeda, de ministrar justiça e deter *imperium* (forças do poder, armadas e de segurança) sobre o seu território.

Hoje, neste começo de século XXI que é apenas uma fração do tempo de vida das nações presentemente unidas pela raia, é com admiração que recordamos que há apenas 100 anos se discutia em Lisboa a questão da Contenda de Moura (Convénio de Limites, de 1926) ou que em meados do século XIX se extinguia com o Tratado de Limites de 1864 uma terra de ninguém, o Couto Misto, a Norte de Chaves. Questões há, que ainda são acalentadas em

Portugal, como a questão de Olivença, na sequência da Guerra das Laranjas (1801), da mesma forma que uma boa parte de Espanha não vê com bons olhos a sua fronteira com o enclave britânico de Gibraltar. A realidade, contudo, é que hoje a raia portuguesa e espanhola une mais do que separa, constituindo-se as suas fortificações medievais e modernas como pilares de uma história bélica comum, de valentia e feitos da gente que forjou os seus países, esses Velhos Mundos europeus donos de Impérios já idos, hoje peças locais de um “geoxadrez” europeu e global.

De entre estes marcos de guerras e glórias passadas, as Fortalezas Abaluartadas construídas entre os séculos XVI e XVIII primam pela sua beleza geométrica e solidez, que dir-se-ia intemporal. Edificadas para substituir os reducos medievais face aos avanços da arte da guerra e sobretudo da pirobalística, estes sistemas de arquitetura militar teriam uma aplicação particularmente interessante em terras lusas a partir da Restauração, em 1640.

Neste modelo de guerra de cerco e contra-cerco que seria mantido até ao início do século XX, com a última guerra de trincheiras entre potências simétricas, construir-se-ão fortalezas deslumbrantes e *quasi* inexpugnáveis como Valença, Almeida, Marvão e Elvas, que respeitam os preceitos que engenheiros militares italianos, holandeses e franceses ditaram acerca destas obras militares.

A sua presença nos dias de hoje marca a paisagem e as mentes de quem habita estes municípios abraçados pelas muralhas, e inspira os seus visitantes. Desejamos com este roteiro pelas Fortalezas Abaluartadas da Raia que esta magia vos toque também, levando-vos à descoberta de um património que é essencial e caracteristicamente português, simultaneamente símbolo da nossa independência e de uma proximidade com o nosso povo irmão, que cultivamos há mais de 700 anos, desde Alcanizes.



VALENÇA



FORTALEZAS
ABALUARTADAS
DA RAIA

Valença

SÍNTESE HISTÓRICA

Partimos neste roteiro de Valença, o ponto mais nortenho do nosso roteiro e aquele onde a fortaleza se encontra mais próxima da fronteira, junto ao rio Minho. O Alto Minho do nosso lado e *Baixo Miño* do lado galego esbatem-se na diferença e crescem na união. Disso é testemunha o Tratado de Limites, assinado em Lisboa em 29 de setembro de 1864 entre Espanha e Portugal, quando indica que no Minho internacional (Anexo I, Artigo II) *“Em virtude do uso comum sobre os rios limitrophes correspondente aos povos de ambas as nações, poderão estes navegar livremente pelo Minho, [...] E igualmente poderão os habitantes de ambos os territórios passar de um a outro lado com toda espécie de embarcações e bem assim aproveitar as águas para todos os usos que lhes convenham”*.

Arribamos então a esta cidade com um forte sentimento de travessia, não só porque o Caminho por aqui passa, mas porque tudo aqui é perto e vizinho, e quem é de

ou vai a Valença não resiste a ir a Tui, o mesmo acontecendo aos de lá. É uma raia que convida, comunga e não divide.

As origens conhecidas de Valença remontam ao princípio dos tempos, ao Paleolítico, encontrando-se arte rupestre em sítios como o do Monte dos Fortes, em Taião (da Idade do Bronze), a Tapada de Ouzão e o Monte da Lage, em Gandra (da Idade do Ferro), constituindo estes núcleos o maior conjunto de arte rupestre atlântica identificado até hoje em Portugal.

Cedo se organizariam os povos aqui, Gróvios e Celtas, entre outros (não faltariam certamente Fenícios e Cartagineses, navegando desde a costa) de forma organizada, chegando com os Romanos e a sua estrada (a via XIX do Itinerário de Antonino) entre Astorga (*Asturica Augusta*) e Braga (*Bracara Augusta*) passando por Lugo (*Lucus Augusti*) a civilização como hoje ainda a conhecemos. Debruçada sobre o rio Minho, essa Valença que então se chamava de Contrasta, receberia um *castellum* que velava sobre as gentes que dependiam do seu poder e controlava quem ia e vinha sobre esse limite natural que era e ainda hoje é o rio Minho.

As fontes indicam-nos que o cônsul romano Décimo Júnio Bruto (apodado de o Galaico, em memória da sua conquista da Galécia) em 137 a.C., terá fixado acampamento nas imediações da atual Valença, após ter atravessado o Lima, então na mitologia romana identificado com o rio Lethes (o rio do esquecimento) preparando-se para cruzar o *Minium* (rio Minho) para Norte, conquistando a Península Ibérica até às Astúrias. Com a degradação do Império nos séculos IV e V, este território as-



Câmara Municipal de Valença

🏠 Praça da República
4930-702 Valença

☎ (+351) 251 809 500

✉ geral@cm-valenca.pt

🌐 <https://cm-valenca.pt>

📍 42.030397, -8.644717





*Perspetiva de Valença
e Rio Minho*

sistiu, como toda a Península, à chegada dos germânicos Suevos e Godos, que seguiriam nas suas conquistas e colónias até parte do atual Magrebe. Na região de Valença, a presença destes povos foi particularmente forte com, no final do século VII e princípio do século VIII, o rei Witiza, monarca Godo da Galiza que constituiu em Tui a sede da sua corte, pai do último rei visigodo de Toledo, D. Rodrigo.

Com a chegada dos árabes à Península, em 711, a sua conquista só pararia nas Astúrias, onde se refugiou um grupo de visigodos sob o comando de Pelágio. Importantes cidades como Coimbra, Porto, Braga, Zamora, Pamplona, Tui... seriam disputadas, conquistadas e perdidas por cristãos e árabes nos séculos seguintes, ficando nomes como o de Almansor – o chefe do Al Andaluz nos séculos X e XI – marcados na memória e até na toponímia dos povos peninsulares. A região de Valença não se esquece que há 1000 anos, em 997, Almansor reduziu a escom-

bros o mosteiro de Ganfei, mosteiro beneditino do século VII que seria reconstruído anos mais tarde (em 1018) pelo cavaleiro-santo Ganfredo.

Desenhando o rio Minho o limite Norte do Condado Portucalense, esta mesma fronteira seria adotada pela fundação da nacionalidade e o nosso primeiro Rei, Afonso I, com o reino de Portugal. Após o tratado de Tui, no entanto, celebrado em 1137 entre Afonso VII de Castela e Leão e seu primo, o então ainda infante D. Afonso Henriques, este último invadiria a região Tudense e tomaria por alguns anos esta praça. Contrasta, do outro lado do rio, veria erguer-se uma única fortificação no reinado de D. Sancho I, construída sobre o antigo fortificado pré-romano, para apoiar as conquistas das praças galegas de Tui e Pontevedra que este rei empreendeu, uma questão que só seria verdadeiramente sanada no século XIV, já com D. João I.

Entretanto, da vizinhança de Contrasta, na povoação de Tardinhade, no concelho

Em 1262, D. Afonso III mudaria o nome de Contrasta para aquele que hoje conhecemos, Valença.

O étimo latino Valentia, de valentia, bravura, coragem, estará provavelmente na origem da palavra Valença.

de Ganfei, nasceria por essa época (finais do século XI) São Teotónio, o primeiro Santo do território já reconhecido como Portugal. Fundador (com D. Telo e D. João Peculiar) e primeiro prior do mosteiro de Santa Cruz em Coimbra, foi conselheiro de D. Afonso Henriques, e mestre de D. Sancho I. A sua importância no início da nossa nacionalidade e da expansão que teve o sonho português na Península Ibérica é enorme, sendo o aniversário do seu falecimento a data do feriado municipal.

A raia do rio Minho, como vemos, é na Idade Média palco de constantes conflitos, invasões e incursões, ora do lado português, ora do lado de Castela e Leão. Afonso IX de Leão e da Galiza, de seu cognome o Galego invadiria e arrasaria as muralhas de Contrasta, entre 1211 e 1212. D. Afonso II reconstruiria, na sequência destes ataques, o castelo e as muralhas, repovoando Contrasta.

Em 1262, D. Afonso III confirma a carta de foral de Contrasta, alterando o seu nome para Valença, o qual permanece até aos nossos dias.

D. Afonso III e seu filho, D. Dinis, implementam reformas políticas e militares estruturantes na defesa da linha de fronteira. Em todo o caso, o étimo latino *Valentia*, de va-

lência, bravura, coragem, estará provavelmente na origem da palavra Valença.

Em termos arquitetónicos, alguns testemunhos das campanhas levadas a cabo por D. Afonso III e D. Dinis ainda são bem visíveis, caso da Porta do Açougue em cujo remate do arco se encontram as armas de D. Afonso III, de uma enorme simplicidade. Com estes reis, a fronteira minhota seria a chave para proteger Ponte de Lima, Guimarães, Braga e o Porto, investindo-se fortemente no amuralhar e repovoar, protegendo a linha de fronteira do Minho e, mais tarde, os portos como de Caminha, Cerveira, Valença, Monção e Melgaço, e os locais de passagem a vau do rio, como o Couto de Sanfins de Friestas, gerido pelos frades do mosteiro, nas imediações de Valença.

A fortaleza que D. Afonso III e D. Dinis e, mais tarde, a dinastia de Avis consolidaria, encontramos-na desenhada naquele testemunho ímpar da arquitetura portuguesa que é o *Livro das Fortalezas* de Duarte d'Armas, do século XVI.

A dinastia de Avis continuaria a política Afonsina e Dionisina, reconhecendo a importância estratégia política e militar de Valença, criando-se com D. Afonso V o título de Marquês de Valença, um título nobiliárquico de juro e herdade por carta de 11 de outubro de 1451. Tratou-se do primeiro título de Marquês concedido em Portugal.

Os séculos XV e XVI seriam marcados por uma relativa estabilidade política e militar na região e a vila de Valença (seria cidade já no século XXI) cresceria, nobilitando-se e povoando-se, assistindo à construção de casas que ainda hoje podemos admirar,

sofrendo as muralhas restauros entre 1500 e 1512, que seriam na sua essência assimiladas com as obras do século XVII, após a Restauração. Até essa época, existiria apenas a vila medieval. No século XVII, inicia-se a construção do sistema abaluartado pelo recinto da Coroada e, no século XVIII, a reformulação do recinto da Magistral ou Vila Velha.

Após o período Filipino em que a pressão dos conflitos na raia se esvaiu face à união ibérica vigente, a grande *revolução urbanística* surgiria no século XVII, com o início da Guerra da Restauração, com a construção da Obra Coroa, dirigida por D. Rodrigues de Vasconcelos, 2.º conde de Castelo Melhor, e arquitetada pelo engenheiro Michel de L'École, nomeado Mestre de Todas as Obras de Fortificação no Norte do país e percursor da Aula Militar da Escola de Viana, criada em 1701, por D. Pedro II. L'École seria também responsável pela fortificação de outras praças em Portugal, como Monção e Chaves e no Brasil, como o Rio de Janeiro.

Valença tornava-se, no século XVII, uma das principais praças de guerra do país, com uma dispendiosa e complexa fortaleza abaluartada, que resistiria a vários ataques das tropas espanholas, desde 1643, havendo campanhas sérias de tomada das muralhas da vila em 1654 (com a breve conquista da praça, retomada no mesmo ano para o lado Português) e 1660. A obra de Michel de L'École seria prosseguida no século XVIII pelo portuense Manuel Pinho Vilalobos, formado na Aula de Fortificação de Lisboa, discípulo do engenheiro-mor Luís Serrão Pimentel. Integrado, nos finais do século XVII, na Vedoria do Minho, esteve envolvido na modernização das fortalezas de Viana, Caminha, Cerveira, Monção e Valença.

Reconhecendo a importância estratégica desta praça-forte, o governador militar acumulava a patente de Brigadeiro-General e, mesmo não estando província de Douro e Minho (da qual Valença fazia parte) incluída no teatro de operações durante a Guerra da Sucessão de Espanha (1702-1714), a fronteira junto ao rio Minho foi continuamente alvo de novos levantamentos, obras e colocação de militares, chegando a praça de Valença a contar com uma força de 3500 homens.



A chegada desse conflito mundial – a Guerra dos Sete Anos (1756-1763) que em Portugal traria a *Guerra Fantástica* – seria travado essencialmente entre Trás-os-Montes e a Beira Baixa. Valença não seria sitiada, mas esforços seriam feitos no levantamento e reconhecimento topográficos e cartográficos da região, assim como no robustecer das defesas da fortaleza ordenado pelo conde de Lippe, sendo notável nesta missão o oficial francês Paul Joseph Champalimaud, senhor de Nussane que acabaria por se casar e radicar em Valença, tendo o seu filho José Joaquim Champalimaud, Marechal de Campo – Governador das Praças-Fortes de Valença e Elvas –, sido responsável pela construção da casa tardobarroca que ainda hoje na vila velha ostenta o seu nome. De destacar que em 1783 há notícia da criação da Aula Real da Artilharia em Valença, por iniciativa do governador da praça, o Marechal Jean Victoire Miron de Sabionne, que instalou, na Casa do Governador da Praça, a Aula Real de Artilharia, onde lecionou várias disciplinas como Matemática, Fortificação, Tática, Desenho e Artilharia.

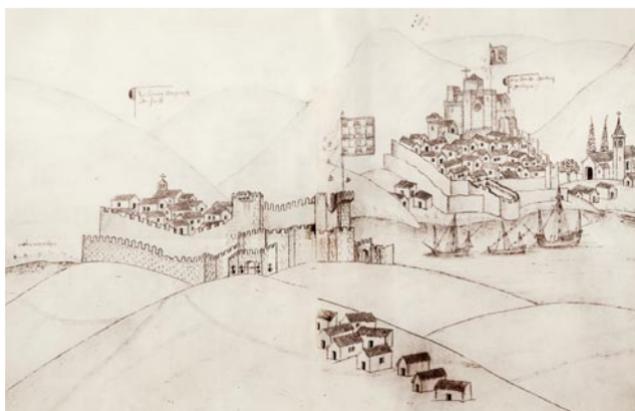
No início do século XIX, Valença seria finalmente cercada e conquistada, por ocasião da segunda invasão francesa, comandada pelo Marechal Soult. No dia 9 de abril de 1809, uma força de cerca de 10.000 homens sitiava a fortaleza, levando o governador de Valença, o Brigadeiro Custódio César de Faria Freire de Andrade, a capitular e entregar a cidade aos sitiados, procurando evitar a destruição da praça. Por essa altura já o exército de Soult havia entrado e conquistado Chaves, e avançara até ao Porto, constituindo este cerco uma operação para assegurar a retaguarda por parte dos franceses. Dois meses antes, o Regimento 21 vindo de Valença, sob comando do então Tenente-Coronel José Joaquim Champalimaud, havia conseguido repelir as forças francesas na travessia do rio Minho frente a Caminha. Nesse começo do mês de abril, porém, o regimento de Valença encontrava-se empenhado na defesa de Ponte de Lima e, contra as ordens de Wellington que ordenou uma retirada da praça em regime de terra queimada nada deixando ao inimigo, o governador militar decide entregar a cidade sem resistência, parlamentando uma rendi-



Baluarte do Socorro, do Carmo, S. Francisco e revelim da Gaviarra



Imagem do Livro das Fortalezas, de Duarte d'Armas. Muralha e as suas três imponentes torres substituídas pelos baluartes de S. Francisco, da Gaviarra e de Nossa Senhora do Carmo



ção que poupava Valença ao seu arrasamento por artilharia, não salvando no entanto da pilhagem que durante 7 dias as tropas napoleónicas fizeram (minando a porta do Sol e respetiva cortina, e a porta do seu revelim) numa guerra de saque, chegando até a incendiar o mosteiro de Ganfei.

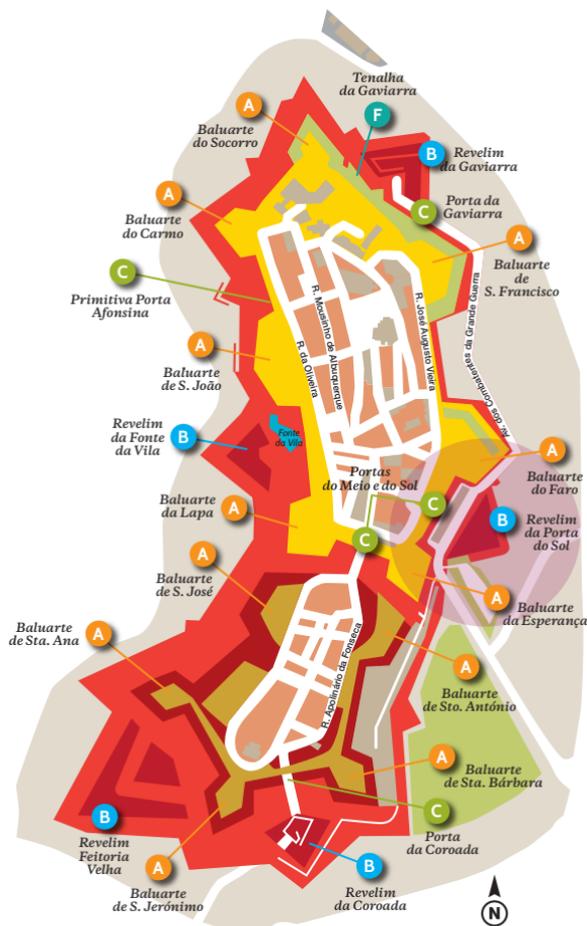
Se a praça não voltaria a ser sitiada nas campanhas Napoleónicas, o seu regimento combateria em várias batalhas até 1812, em Portugal, em Espanha e em França, do Bussaco a Toulouse, uma memória bem presente na bela Capela do Bom Jesus do Bonfim.

Pouco mais de 15 anos decorridos, Valença ver-se-ia envolvida em outra guerra, desta feita a Guerra Civil Portuguesa que opôs Li-

berais e Absolutistas, sendo cercada por tropas Miguelistas em 1828. Datando deste ano a saída do regimento de infantaria 21 e instalação dos Caçadores 7, a praça acabaria por capitular perante o cerco de 13 a 22 de junho por parte das forças comandadas pelo Capitão-mor das milícias de Monção e o Tenente-coronel dos Voluntários Realistas, António Pereira Álvares da Guerra, sendo governada por uma câmara e governação Miguelista nos seis anos seguintes. Valença seria reconquistada após um sítio que durou de 31 de março a 3 de abril de 1834 para o lado de D. Pedro IV, por tropas Luso-britânicas vindas dos Açores, comandadas pelo Almirante Charles Napier, na campanha do Duque da Terceira ao Norte e Centro do

Planta da
Praça de Valença

- A Baluarte
- B Revelim
- C Porta
- F Tenalha
- Polígono da Coroada
- Recinto Magistral
- Zona destruída por bomba das tropas napoleónicas em 1809



país, pouco antes de, a 27 de maio se assinar a Convenção de Évora Monte.

Três anos mais tarde, a praça de Valença voltaria a estar na ribalta, com a revolta dos Marechais, um pronunciamento liderado pelos Marechais Saldanha e Terceira contra o Setembrismo de Passos Manuel, visando a restauração da Carta. O conflito teve início a 12 de julho de 1837, quando o Batalhão de Caçadores 4, aquartelado em Ponte da Barca, marchou sobre Braga e o Porto, sendo obrigados a retirar para Valença. O Marechal Saldanha, à frente de alguns pelotões de Lanceiros, e o Duque da Terceira,

com um destacamento do Regimento de Infantaria 7 marcharam de Valença para Torres Novas, para a sua derrota final, na batalha de Ruivães, que ditaria o seu exílio.

Dez anos mais tarde, chegaria aquela que seria a última batalha de Valença no século XIX, entre forças governamentais Cartistas/Cabralistas e uma coligação contranatura de Setembristas e Miguelistas, com as tropas comandadas pelo general José Vitorino Damásio, a tomarem Valença por ordem da Junta Provisória do Governo Supremo do Reino, governo alternativo ao de Lisboa, presidido pelo Tenente-General

Francisco Xavier da Silva Pereira, Conde das Antas, natural de Valença, nascido em 1793. A 4 de dezembro de 1847, a praça seria retomada pelas tropas fiéis à Rainha, comandadas pelo então Capitão-de-mar-e-guerra e depois Vice-Almirante Francisco Soares Franco.

Sinal dos tempos e de uma percebida menor urgência na defesa da fronteira norte do país, a 13 de setembro de 1897, a praça de Valença seria desclassificada a fortificação de 2.ª classe. Tal não a impediria de resistir bravamente à segunda campanha monárquica liderada por Paiva Couceiro, quando na noite de 6 para 7 de julho de 1912, o comandante da força monárquica sitiante, o Tenente Victor Sepúlveda, atacou a praça de Valença, sendo a sua coluna repelida pelas forças do Capitão Lebre, do lado de Valença. Seis anos mais tarde, em 1918, a Monarquia do Norte contaria com Valença, não se salvando a lealdade ao regime do caminhense Sidónio Pais, mas o regresso à República far-se-ia sem sangue.

Doravante, Valença tornar-se-ia uma praça de paz, uma asserção tornada oficial com a saída, em 1927, da última guarnição militar; simbolicamente, em 1939 a Administração Geral do Exército e a sua Arma de Engenharia entregavam o Paiol do Açogue e Paiol do Campo de Marte ao Estado, que mais tarde o confiaria à cidade. Em 1928, a praça-forte de Valença é classificada como Monumento Nacional, sendo fixada a primeira Zona Especial de Proteção, em 1958, através do Diário do Governo.

Desde então, a preservação da história e da memória da cidade e da sua fortaleza têm norteado os seus destinos, numa dinâmica em que se insere este roteiro.

Paiol de Marte



Defender o Alto Minho

PERCURSO INTRAMUROS

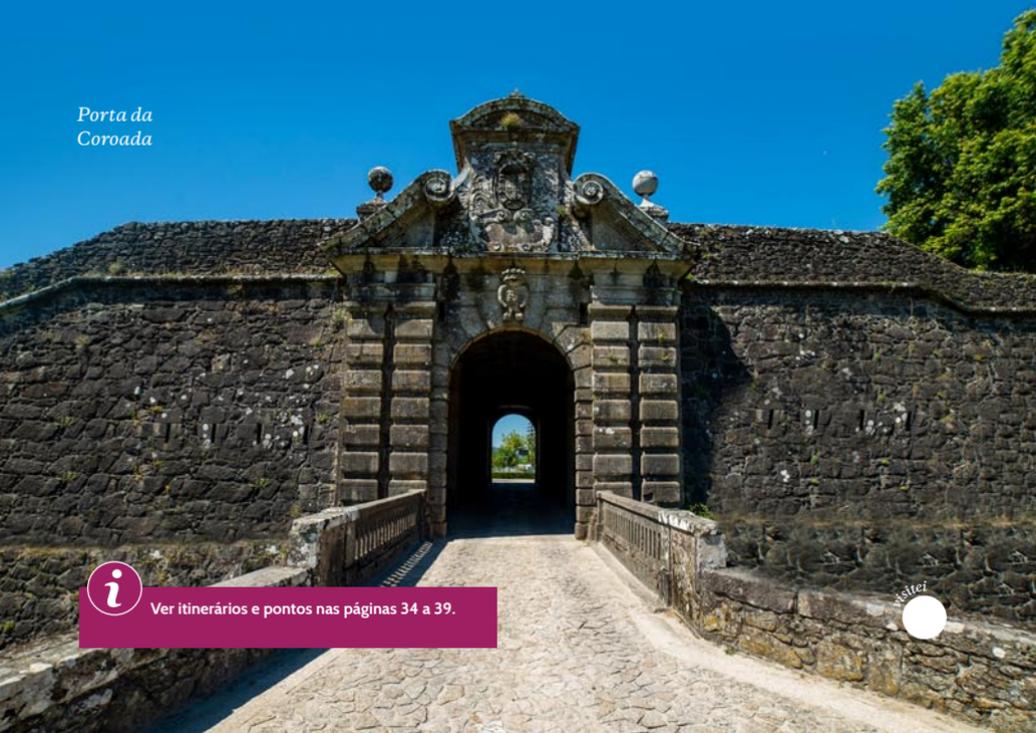


Caminho de Santiago

VLC1/2 **VLC1** Na descoberta desta magnífica fortaleza, propomos começar por aceder pela Porta do Sol ou de Santiago, localizada na face nascente da fortaleza. Ultrapassadas as portas de madeira, entramos numa estrutura de uma grande simplicidade, com arco de volta perfeita com fecho saliente e passagem coberta por abóbada de berço, rasgada por frestas de tiro molduradas. Depois de atravessarmos e quando chegamos ao interior do núcleo urbano, podemos admirar ainda as duas portas em arco abatido, que davam acesso

às antigas casas da guarda. Em frente, encontramos o revelim da Porta do Sol, acessível por duas rampas, com as suas canhoieiras. Na casamata encontramos a Loja do Turismo **01**, onde recomendamos que se procurem mapas, publicações e informações sobre Valença, ocasião para nos pormos a par das exposições e iniciativas, lugares visitáveis e programação cultural da autarquia e da Eurocidade Valença-Tui.

*Porta da
Coroada*



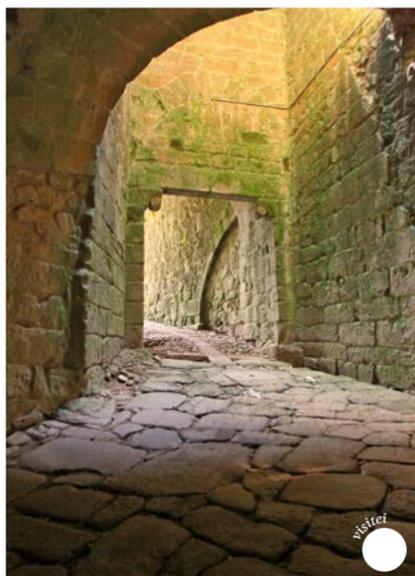
Ver itinerários e pontos nas páginas 34 a 39.





16 *Porta da Gaviarra*

Abastecidos com informação e tendo já vislumbrado um pouco da cidade, propomos, de seguida, sair pela Porta do Sol e, virando à esquerda, fazer o percurso pelo lado Este da fortaleza – a pé ou de carro – o que dará uma perspetiva da monumentalidade das muralhas. Com destino ao cais de Valença, passamos pelo baluarte de Faro e pelo baluarte de São Francisco, com o propósito de passar pela porta que mais vestígios medievais inclui, a Porta da Gaviarra ou da Gaviarra 16, que nos transporta na escura nudez das suas pedras para outro tempo, quase que se ouvindo claramente as ferraduras de cavalos, o esforço de bois a subirem o desnível do rio para o recinto da Magistral, o mar de peregrinos que por aqui passou e continua a passar todos os anos, há perto de 700 anos. Porta Afonsina (do tempo de Afonso III) que terá tido duas torres – uma delas de menagem – integradas nas obras de fortificação abaluartada do século XVIII, no baluarte do Socorro. O percurso até ao rio faz-se através de um caminho com uma inclinação muito acentuada, por um longo túnel, que acaba por ter duas portas, sendo que na porta de cima ou intermédia surge, num vão, entaipada, a primitiva cisterna do castelo.



Emergimos desta porta para o casario de Valença e deparamo-nos logo com uma das casas quinhentistas mais emblemáticas: a Casa do Poço, provavelmente construída no século XVII, com elementos típicos do século XIX, como as varandas. Adossada à igreja matriz de Valença 08, e propriedade da casa, a capela de Santa Clara pertenceu inicialmente à família Abreu Bacelar e, mais tarde, já no século XIX, a um grande proprietário e capitalista nascido em Valença, Manuel Leite Ribeiro e Silva, 1.º Barão de Urgeira – título atribuído pelo rei D. Luís em 1877 – nome da quinta agrícola que tinha nesta localidade, logo a norte da cidade. Sendo de notar que o nome da casa derivará da proximidade com a cisterna/poço de São Vicente. Teve várias ocupações ao longo da sua longa existência, de casa de família a asilo de idosos.

Logo ao lado, como referimos, temos a igreja matriz de Valença, de Santa Maria dos Anjos 08, cuja origem é medieval, indi-

cando as Inquirições Afonsinas em 1258 que este templo pertencia ao bispado de Tui. Na capela-mor encontramos uma lápide com a inscrição da fundação a 8 de julho de 1334, portanto, o ano de 1276 da nossa era. Temos então uma igreja certamente fundada no século XIII, de origem românica. No século XIV, encontramos o seu nome claramente indicado no Catálogo das Igrejas, mandado elaborar por D. Dinis, sendo então designada *Sancte Marie de Valência*.

Na visita, destacamos nas fachadas laterais a decoração de estilo românico, onde poderá observar os cachorros e frisos, decorados com motivos zoomórficos, vegeta- listas e antropomórficos. E, no interior, as

pinturas murais do século XVI, na capela lateral das Carlas (capela funerária da família Abreu Bacelar, da Casa do Poço) com representação de um tríptico, tendo ao centro um Calvário, surgindo em baixo os santos Nicodemos e José de Arimateia, e, lateralmente, São Gregório. Teve em tempos um altar em talha dourada ao centro e, embora protegido com uma forte grade, supomos que datada do século XVIII, é um dos pontos altos deste importante templo que, no século XV (1444) passou a integrar o Bispado de Ceuta e hoje pertence à diocese de Viana de Castelo. De notar ainda a interessante e viva devoção popular nesta capela por Santa Clara de Assis, com muitos ex-votos presentes nas grades, tornando bem viva esta igreja.



Largo Santa Maria dos Anjos
Seg - Dom: 09h00-17h00. Gratuita.

08 Igreja de Santa
Maria dos Anjos



Casa do Poço

Avançamos de seguida para a Igreja da Misericórdia **09** de Valença, que neste concelho se instalou no início do século XVI, mas ainda extramuros, ocupando no século XVI as casas nas traseiras da igreja de Santa Maria dos Anjos. Ao lado da igreja matriz, partilhando o mesmo terreiro, temos a entrada da igreja da Misericórdia que, apesar de ter uma porta frontal virada a poente, tem a sua entrada principal na lateral. Datada do século XVIII (1749), seguindo a inscrição da arquitrave do portal, embora possa ser mais antiga, trata-se de um templo em bom estado de conservação, de arquitetura barroca e neoclássica, em que se destacam os balcões junto ao coro que serviriam para o cadeiral dos mesários da Santa Casa e as Armas de Portugal encimando o altar, de enorme simplicidade.

Saindo e avançando um pouco, até ao Largo Visconde de Guaritiba, passamos em frente às casas do antigo hospital **10** para admirar o mais recente hospital da Santa Casa que – em Oitocentos – se deslocaria alguns metros e iria ocupar os espaços do Quartel de Artilharia e Hospital Militar que se tinha instalado no Convento das Freiras de Santa Clara, extinto em 1756. O hospital da Mi-



10 Antigo hospital

sericórdia – hoje um lar – seria construído com recurso a donativos e sobretudo com o suporte de Joaquim António Ferreira, o brasileiro Visconde da Guaritiba, que hoje dá nome ao largo em frente à misericórdia, antigo terreiro das Freiras. Nascido em Valença em 1777, é dos muitos minhotos embarcados para o Brasil durante os séculos XVIII e XIX, tendo-se dedicado à filantropia depois de uma vida de negócios, de ambos os lados do Atlântico, com as Misericórdias de Valença e do Rio de Janeiro a serem-lhe devedoras de várias obras. A não perder de vista, temos ao lado do antigo hospital da Misericórdia o Largo do Trem – o trem do Regimento de Artilharia 4 – que ali se instalou na segunda metade do século XVIII. Se uma boa parte deste trem seria destruído pelos franceses aquando da capitulação de Valença em 1809, uns elementos resistiriam até tarde no século XX (tendo de ser demolidos) ficando para usufruto da povoação o inicialmente designado poço do Trem Militar **11**. Trata-se de uma bela obra, do século XIX (1859) com um tanque com cuja água “se poderia atalhar a incêndios”, revelando preocupações de segurança urbanística relevantes para uma praça com vários poiais e material de guerra.



07 Igreja de Santo Estêvão: fachada, inscrição medieval e cadeira episcopal de estilo gótico-mudéjar



Recomendamos de seguida, logo ao lado, a visita à igreja de Santo Estêvão 07, edificada no século XIII (no ano de 1283) e reconstruída após o terramoto de 1755, que também afetou Valença. Anterior a essa reconstrução, no século XIV, esteve nesta igreja sediada a Colegiada de Santo Estêvão na sequência do Grande Cisma do Ocidente (1378-1417, em plena Guerra dos Cem anos, opondo o Papa de Roma ao de Avignon) que terá sido fundada em 1389 pelo arcebispo D. João Garcia Manrique, vindo de Santiago. Geria esta igreja os territórios do bispado de Tui a Sul do rio Minho, passando a catedral do bispado de Ceuta (entre 1444 e 1514) e depois para a dependência da Arquidiocese de Braga. As colegiadas seriam extintas por decreto régio em 1848, restando do século XVI a belíssima e original cadeira gótico-mudéjar episcopal, que alguns autores reputam

como a mais antiga cadeira episcopal do património português. Destaque ainda para a capela-mor, onde por cima do candelabro pontificam os painéis dedicados à vida de Santo Estêvão e onde também se encontra uma Virgem do Leite, imagem que normalmente não teria sobrevivido ao crivo da Inquisição, mas que, ainda hoje, nos acolhe.

À saída desta igreja de aparência neoclássica, mas bem mais complexa e antiga, temos, a alguns metros, o marco milário romano 06 (datado do ano 43, a 21 janeiro ou do ano 44, 24 janeiro) dedicado ao Imperador Cláudio, erguia-se no lugar de Arinhos, junto à Via XIX do Itinerário de Antonino, marcando as 42 milhas de distância a Braga, ainda hoje verificáveis com precisão. Em 1680 seria levado para a Praça de Valença, onde serviu de pelourinho da vila durante alguns anos, sendo depois colo-

cado à porta do hospital. No século XIX encontramos descrições que situam este marco ainda no largo do Pelourinho. Interessante é o facto de, já no século XXI, o projeto transfronteiriço “Vias Atlânticas” se dedicar a limpar e sinalizar os troços da XIX via do Itinerário Antonino, de Braga a Astorga, identificando-se os seus marcos miliários, fazendo parte, claro, o de Arinhos.

Muito perto do marco encontramos o núcleo museológico de Valença **05**, localizado no antigo aljube, mandado construir pelo arcebispo de Braga D. Rodrigo de Moura e Telles (1704-1728), que depois ocupado pela cadeia da Comarca de Valença. Trata-se de um edifício interessante, com uma bela lareira no piso térreo e mais duas no piso de cima e um teto abobadado em tijolo, com uma exposição que aborda diversas épocas da história e património de Valença ao longo dos séculos, desde o neolítico (com destaque para a réplica da gravura rupestre da Tapada de Ozão, da Idade do Bronze, e os diversos instrumentos de corte em pedra) à boa coleção de vestígios romanos, passando pelos elementos relativos à formação da Fortaleza de Valença, da Idade Média à Época Moderna. Situado

na rua Mouzinho de Albuquerque, este núcleo – parte de uma dinâmica rede museológica de Valença, com quatro polos permanentes e outros temporários, como o que hoje se encontra dedicado à história dos rádios, esperamos que o prelúdio de um futuro museu – marca presença neste eixo que é o mais antigo da cidade, a rua Direita, que conta também com a casa de frontão tardobarroco que pertenceu ao Marechal Champalimaud de Nussane, que já referimos, governador da Praça-Forte de Valença.



Núcleo Museológico Municipal
Seg - Dom: 09h00-12h30 e 13h30-17h00
Entrada gratuita.
Rua Mouzinho de Albuquerque
Tel: (+351) 251 806 020
nmuseologico@cm-valenca.pt



06 Marco miliário dos Arinhos (romano)



05 Núcleo Museológico de Valença

Elemento da rede museológica de Valença, o vizinho Paiol do Açougue seria construído na transição do século XVII para o século XVIII, conforme desenho de Manuel Pinto Vilalobos, em 1713, tendo ficado assim conhecido pelo povo pela proximidade do matadouro municipal. Inicialmente construído como armazém da pólvora, afastado da Coroada, foi arrecadação de material de Guerra do 8.º Grupo de Metralhadoras, tendo uma planta retangular e paredes espessas com contrafortes exteriores, uma cobertura abobadada e frestas de ventilação, características próprias de um armazém de matérias explosivas. Este edifício acolherá o Centro de Interpretação das Fortalezas Abaluartadas da Raia **14**.

Regressando ao centro da vila, propomos que nos dirijamos ao largo do Eirado, uma designação que já no século XVII era antiga, indicando-se no tomo concelhio dessa

época que aqui existia um largo, “um rossio que se chama das eiras”. Neste largo encontramos dois edifícios do século XX, o tribunal e os antigos CTT, ocupando respetivamente as localizações dos antigos Armazém das Armas e a Atafona (moinho de cereais) Militar. Deparamo-nos depois com uma das mais antigas casas da Valença tardomedieval, a Casa do Eirado, do século XV, ainda hoje habitada. De grossas paredes de granito e com uma fiada de merlões rematada por ânforas no seu topo, o destaque vai para a sua janela “tipo manuelina”, com a inscrição “JS FEAL : ME FEZ 1448” e a figura de uma cabeça barbada de um homem, que pode ser o autorretrato do artista. Alguns autores identificam o JS FEAL como sendo um mestre canteiro de Tui, cujo descendente, Melchior Alonso Feal, assinaria a construção do portal da Capela da Misericórdia de Tui, aqui se encontrando a inscrição “FEAL A FEZ. 1575”.





Casa do Eirado

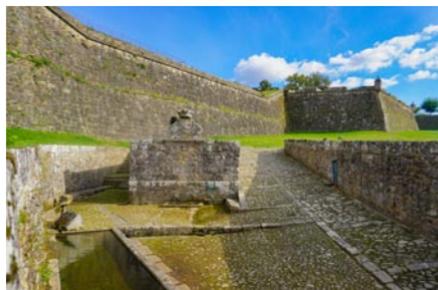
Nas imediações da Praça da República, encontramos o edifício dos Paços do Concelho ⁰². Neste largo, onde se encontrava a antiga porta medieval – Porta do Sol, que mais tarde foi utilizado como praça de armas, seria construído de raiz, em 1882, o atual edifício dos Paços do Concelho, para albergar uma câmara que manteve uma dignidade correspondente à dimensão e importância da vila ao longo dos séculos.

Deparamo-nos hoje com um edifício neo-clássico e totalmente adaptado ao século XXI, na praça que chegaria a contar com um chafariz monumental, do mosteiro de Ganfei – retirado do mosteiro e levado para Lisboa, foi recalçado e devolvido, tendo ficado nesta praça até às obras de requalificação do centro histórico –, que seria devolvido à sua origem em 2007. Da praça podemos ter acesso ao fosso e à Fonte da Vila.

Fonte de provável ¹⁵ origem medieval, encontra-se desde o século XVIII envolvida num revelim, tendo beneficiado de obras nessa época, recebendo as armas de Portugal e os tanques de lavar roupa. O revelim, em si, é em terra com canhoneiras revestidas a granito e uma casamata à prova de bomba enterrada na gola do mesmo. Podemos visitar a fonte neste ponto do roteiro e continuar ainda no fosso da Magistral ou,



⁰² Praça da República e edifício dos Paços do Concelho (à direita)



15 Fonte da Vila

Museu do Bombeiro (em cima)
e Muro de água na Rua Apolinário da Fonseca

por outro lado, reservar a visita no fim desta descoberta da fortaleza, quando sairmos da Coroadada.

Se optar por ficar na Magistral, sugerimos que desça um pouco, até encontrar o Museu do Bombeiro, situado no antigo quartel dos bombeiros dentro da vila (entre 1927 e 1988), entretanto deslocado para fora das muralhas, junto à Porta do Sol. Resultado do esforço e dedicação de Manuel Valdés Sobral, voluntário desta corporação entre 1944 e 1981, apresenta uma coleção (mais de 1500 exemplares) de capacetes de soldados da paz, instrumentos para combater o fogo, fardas, carro dos comboios antigos e uma coleção de carrinhos de bombeiros em miniatura.

Depois da corporação ter ocupado, no largo do Eirado, o edifício militar designado por “Antigo Armazém de Material”, cedido pelo Governador Militar da Praça, em 1926, pas-

sou para o edifício que hoje alberga o museu, no largo do Sol na antiga Hospedaria Militar da Casa da Guarda. Trata-se, sem dúvida, de uma experiência museológica a não perder.

Propomos neste momento voltar à praça da República, e subir a rua Conselheiro Lopes da Silva para descobrir a Coroadada e os últimos dois pontos intramuros sugeridos neste roteiro.

A passagem para a Coroadada faz-se pelas Portas do Meio, que nos transportam por cima do fosso e nos levam à rua Apolinário da Fonseca, denominada no século XIX por rua da Coroadada e, antes, por rua de Cima ou rua de Riba. É um prazer ser percorrida no verão, com o seu longo muro de água, sobre o qual corre água ininterruptamente e de forma reaproveitada. É uma das obras contemporâneas da requalificação do centro histórico, da autoria do Arquiteto Eduardo Souto Moura.

VLÇI Avancemos por entre o passeio lajeado a granito amarelo até ao largo do Bom Jesus **17**. Admiremos aqui a estátua de São Teotónio, uma obra do escultor Vasco Pereira Conceição.

A estátua deste nosso primeiro santo enquadra-se geometricamente no centro do largo e convida-nos a entrar na capela Militar do Bom Jesus. Trata-se de uma construção da primeira metade do século XVIII, barroca e projetada pelo engenheiro militar Manuel Pinto de Vilalobos. Encomenda régia (como compensação de uma outra que se demoliu no século XVIII na sequência da construção do recinto da Coroadã) e tendo sido administrada pela Colegiada de Nossa Senhora do Carmo, conta naturalmente no seu portal com as armas reais, tratando-se de um templo de arquitetura simples, retangular, composta por uma

nave apenas e capela-mor. Entramos e encontramos logo acima, sob o coro em madeira, um belo brasão nacional entalhado, sem pintura. Destaque de seguida para o retábulo-mor em revivalismo neorrocóco, restaurado e em bom estado, como a capela de resto, onde à esquerda pontifica uma humilde mas interessantíssima peça da história religioso-militar portuguesa: a imagem de Nossa Senhora do Carmo, padroeira militar de Valença, que foi levada numa mochila para vários campos de batalha por elementos do Regimento de Infantaria 21 de Portugal até França, na reação



Capela do Bom Jesus
Aberto todos os dias. Entrada gratuita.



17 Largo do Bom Jesus,
Capela Militar do Bom Jesus
e estátua de São Teotónio

Anglo-Lusa às campanhas de Napoleão. Uma relíquia a que foram atribuídas propriedades milagrosas pela fé dos combatentes, que em 16 de agosto de 1814 – terminada a guerra – recebeu do Marechal de Campo Joaquim Pereira d’Eça (avô materno de Eça de Queiroz) três das suas condecorações que ainda hoje se encontram dentro da cúpula de vidro: a cruz de condecoração da Guerra Peninsular, a medalha espanhola da Batalha da Vitória e a da Divisão Auxiliar a Espanha.

De regresso ao largo, recomendamos que siga até ao meio-baluarte de São José para mais uma bela vista sobre a fortaleza e o rio Minho, a correr ao fundo, passando pelo cuidado jardim das Amoreiras. É tempo de terminarmos a nossa visita ao recinto amuralhado de Valença, não antes sem admirar o Campo de Marte, hoje sem as casernas que albergavam as tropas, as formaturas e

paradas militares, com maior ou menor aparato. São presenças silenciosas desse passado, o obelisco em homenagem aos antigos Combatentes da Primeira Grande Guerra em Valença, situado no Campo de Marte. Em frente, o Paio de Marte, datado de 1715, em belíssimo e interessante estado foi, entretanto, adaptado a turismo e depois a núcleo museológico ¹⁷, que acolheu recentemente uma *Estação do Tempo* da Rota dos Castelos e Fortalezas do Alto Minho. Um espaço museológico bem equipado e dinâmico, com conteúdos dedicados à história das fortalezas e castelos existentes no Alto Minho.

Sugerimos que, depois da visita, saiamos da Coroadá pela porta do mesmo nome, passando pelo revelim da Coroadá, para explorar, extramuros, alguns pontos selecionados do extenso património do concelho de Valença.



Parada Velha e Campo de Marte, com o Jardim das Amoreiras ao centro

Extramuros

VLC2 O primeiro ponto deste nosso roteiro por terras de Valença, no descobrir do seu património extramuros, tem de ser o Mosteiro de Ganfei **01**. Há notícias da sua existência em tempos visigóticos (ano 691) atribuindo-se a sua fundação a São Martinho de Dume, ou, segundo outros autores a São Frutuoso. O primeiro mosteiro, do século VII, terá sido destruído pelas tropas do califa Almansor, caudilho do Al-Andaluz, nas incursões que fez pelo Norte da Península na última década do século X, atacando inclusive Compostela. Seria reconstruído em 1080, por um monge de Cluny, S. Ganfrido. Não sendo unânime, identifica-se S. Ganfrido como um cavaleiro Franco – da mesma linha do nosso Conde D. Henrique – que se chamaria Granfredo ou Ganfey e que aqui encontraria um mosteiro em ruínas, reerguendo-o, reconhecendo-se-lhe neste processo capacidades milagrosas que seriam reconheci-

das pela Igreja, que o tornaria beato. As relíquias de São Ganfei, hoje milenares, são guardadas na capela-mor da Igreja de São Salvador de Ganfei, igreja paroquial e Matriz desta freguesia, que lhe adotou o nome.

O mosteiro que hoje conhecemos teve, portanto, os seus alicerces lançados há 1000 anos. No couto de Ganfei, viria a nascer São Teotónio.

Se hoje encontramos um mosteiro e uma igreja profundamente alterados por trabalhos do século XVIII, a origem da igreja é ainda claramente românica, constituída por três naves e quatro tramos, com uma cobertura de madeira simples que assenta em pilares rústicos e graníticos, que se ligam às naves laterais por arcos de volta simples. Pertencendo ao Padroado Real, a sua origem Beneditina (cluniacense) seria confirmada no século XVI com D. Sebastião a entregar o mosteiro à Ordem de São Bento,



Igreja de S. Salvador de Ganfei
do Mosteiro de Ganfei
Entrada gratuita sob marcação.
Largo do Convento
Tel: (+351) 934 482 596 (Sr. José Santos)
jb.santos10@sapo.pt

visitei





02 Capela de São Teotónio

i

Capela de São Teotónio
 Entrada gratuita sob marcação.
 Largo de S. Teotónio, Ganfei
 Tel: (+351) 934 482 596 (Sr. José Santos)
 jb.santos10@sapo.pt

herdando-o do regimento dos Marqueses de Vila Real que o haviam recebido de D. Manuel. Seria nos séculos XVII e XVIII que o mosteiro receberia grandes obras de beneficiação (entre 1632 e 1761) nomeadamente com a construção do atual edifício conventual e do seu claustro, a fachada que presentemente nos acolhe e a capela-mor.

Dono de um belo jardim e gerindo uma quinta cujos terrenos ainda hoje são cultivados com os tradicionalmente minhotos milho e vinho, o mosteiro seria saqueado e parcialmente incendiado durante as Invasões Francesas (em 1809) antes do último golpe na sua longa vida: a extinção das Ordens Religiosas em 1834 pelo ministro Joaquim António de Aguiar. Pilhado e abandonado durante 50 anos, seria em 1886 comprado por António Xavier Torres e Silva, que o manteve na família durante perto de 100 anos. A distinção de estatuto de Imóvel de Interesse Público viria a dois tempos, primeiro em 1956 para a igreja e depois em 1961 para o claustro e elementos arquitetónicos existentes na cerca.

Tal não impediria que após o 25 de Abril o mosteiro fosse vendido a uma empresa, a Sociedade de Refinarias de Açúcar Reunidas e que a fonte do claustro fosse deslocada, primeiro para Cascais, em 1960, e depois, regressando a Valença, acabaria por ficar na Praça da República.

Hoje, na visita que nos é permitida fazer, podemos aceder ao templo, de origem românica e com a maioria dos elementos atuais a serem barrocos e rococós, sendo um distinto privilégio admirar na capela-mor as relíquias de S. Ganfei, no túmulo alto junto da porta da sacristia.

Quanto às dependências do convento, hoje fechadas, silenciosas e arruinadas, talvez um dia voltem a ser acessíveis pela porta da nave do lado do Evangelho do templo, pois aos vindouros pertence o futuro dos destinos deste mosteiro mais antigo do que a fundação de Portugal.

Envoltos neste mosteiro do Alto Minho profundo, rural, fresco e verdejante na sua veiga, sugerimos que nos desloquemos para perto, para outra peça maravilhosa do nosso património religioso românico, este na freguesia de Sanfins que deve ao mosteiro de São Fins ou Sanfins de Frietas 03 a sua fundação. A origem do mosteiro é pouco precisa, a qual apreço bem documentada no decurso do século XII, destacando a concessão de um novo e amplo couto por D. Afonso Henriques, em 1134. Mergulhamos na contemplação deste complexo monacal que na sua origem seguiu também a regra de S. Bento, admirando a rudeza granítica da igreja que com o seu aspeto de fortaleza – com seteiras por janelas – parece desafiar o passar do tempo. As suas cicatrizes, no entanto, testemunham



Mosteiro de Sanfins de Friestas

Entrada gratuita.

Estrada M1048

Fazer um passeio no Parque: Mosteiro, Casa da Eira, Capela de Nossa Senhora do Loreto, Cemitério com Capela de Santa Maria da Vitória e Cruzeiro. Poderá fazer o trilho do convento (percurso circular, equipado com parque infantil, observatório de avifauna, mesas e bancos, miradouro).

Mais informação:

<http://www.desencaminharte2017.altominho.pt/session/trilhos-para-passar-no-mosteiro-de-sanfins/>



03 *Mosteiro de Sanfins de Friestas*

Ora et Labora beneditino, e a partir do século XVI, no *Ad Maiorem Dei gloriam* preparando o trabalho missionário e de assistência aos desvalidos pela Ordem fundada por Santo Inácio de Loyola.

Património classificado desde 1910, a visita à igreja, vazia – de uma só nave com a cabeceira redonda –, possui decoração que se insere na 1.ª fase do Românico português, a qual integra o Itinerário do Românico de Alto Minho. A exuberância da decoração arquitetónica, com a quantidade de cachorros, capiteis e mísulas volumosas e esculturas de animais, geométricos e vegetais, torna esta igreja num dos mais notáveis e importantes exemplares do Românico em Portugal, o qual sofre influências dos padrões da Escola da Sé de Tui, dos finais do século XII e inícios do século XIII.

O caminhar por entre as paredes e arcadas dos edifícios que foram em tempos as dependências do mosteiro, leva-nos a relembrar tempos de prosperidade material e riqueza intelectual, de quando com D. João

uma dura vida que está claramente documentada desde o tempo de Afonso V de Leão no início do ano 1000, recebendo pouco mais tarde do ainda infante Afonso Henriques, carta de couto de um território que abrangia as atuais freguesias de Sanfins, Friestas, Gondomil, Taião e Verdoejo. De notar que, segundo a carta de couto, o abade do Mosteiro tinha direito a receber anualmente o primeiro veado, javali ou corça e o primeiro salmão do rio Minho, apanhados na área do couto, animais que ainda hoje se pescam e caçam por terras do antigo couto dos monges de Sanfins.

Hoje, apesar de despido em virtude das depredações sofridas após a extinção das ordens religiosas no século XVIII, visitamos neste mosteiro uma espécie de cápsula do tempo, profundamente evocativa de outros tempos e dos homens que aqui dedicaram a sua vida a Deus, primeiro no



04 Capela de Santo Ovídeo



05 Capela e imagem de Nossa Senhora do Faro



III o mosteiro foi entregue à Companhia de Jesus e por Sanfins passaram personagens ilustres como D. Francisco de Borja y Aragón-Gurra – São Francisco Borja ou Bórgia – Duque de Gandia (localidade perto de Valencia), vice-rei de Navarra, sobrinho-neto de César Bórgia e de Lucrécia Bórgia, bisneto do Papa Alexandre VI.

Tendo as rendas do mosteiro sido canalizadas entre os séculos XVI e XVII para a construção do colégio de São Jerónimo em Coimbra, Sanfins acolheria uma Aula para os jovens Jesuítas que, durante cerca de 200 anos, aqui prosperou. Uma realidade inter-

rompida, com a expulsão da Companhia, pelo Marquês de Pombal em 1759, passando o mosteiro para o domínio da Universidade.

A melhor e mais recente descrição que dele temos data de 1775, aquando da inspeção do visitador da Universidade de Coimbra, referindo que a freguesia de Sanfins tinha 61 fogos e a igreja (tornada paroquial, até 1933) ainda contava com o antigo colégio de Jesuítas, com celas e uma quinta, que constituía a cerca.

Guiados hoje por essas palavras e referências, trata-se certamente uma visita que se deseja intimista, que vive pelo seu potencial evocativo, pela cenografia e pela memória imanente das paredes que nos recebem.

Tempo, pois, para partir para o ponto seguinte do nosso roteiro, o Monte do Faro 05 para dele contemplarmos o Vale do



Capela de Nossa Senhora do Faro
 Seg - Dom: 08h00-18h30
 Entrada gratuita.
 Parque de merendas e Serviços
 (WC, restaurante, estacionamento)
 Monte do Faro

Minho e descobriremos ainda três pontos que muito nos dizem sobre a riqueza patrimonial deste concelho de Valença.

Na vertente nordeste do Monte Faro, começemos pela capela de Santo Ovídeo **04**, ermida de meados do século XVIII dedicada a um dos mártires do Cristianismo, siciliano e enviado pelo Papa Clemente I para Braga, onde foi o seu terceiro Bispo, no ano de 95. Aqui terá morrido, como mártir, no ano 135, estando sepultado na Sé desta antiga cidade. Na religiosidade popular, Santo Ovídeo é advogado contra as doenças de ouvidos, chegando o povo a chamar-lhe *Santo Ouvido*, fazendo oferendas relacionadas com enfermidades do aparelho auditivo, presentes na capela onde pontifica uma imagem do santo, também de meados do século XVIII.

Uma capela a visitar sobretudo em dia de romaria, no dia 1 de agosto, em festa castiça, popular e autêntica, levando talvez algum sal e telhas como os antigos romeiros faziam de acordo com a tradição popular, para recuperar o telhado da ermida, batida pelo vento. Se a capela atual é datável do século XVIII, a *santidade* panteísta do

local é bem mais antiga. Sem dúvida mais um atrativo para visitar, este maravilhoso miradouro para o amador de história e património.

Tempo, pois, para avançarmos para o nosso último ponto do roteiro em Valença, a Capela de Nossa Senhora do Faro e a sua vizinha Capela de Sant'Ana **06**.

Datada de 1707 e em bom estado de conservação, a capela de Nossa Senhora do Faro com a sua fachada encimada por uma imagem de São Bento foi mandada edificar pelo mosteiro de Ganfei, entre o final do século XVII e o princípio do século XVIII, que aqui criou um ermitério habitado por um monge, entre um parque-jardim construído em torno da capela, que ainda hoje causa admiração pela sua beleza, sendo magníficos os castanheiros centenários que nos acolhem no topo deste monte.

Destacam-se no seu interior o coro alto e o púlpito, o retábulo-mor de talha barroca e os altares laterais, sobre pilastras decoradas com frescos floreados, pouco comuns e de muito boa traça.



Uma capela, toda rebocada e caiada, com pavimento em lajes de granito, que prima pela simplicidade mas não pela austeridade, denotando antes o cuidado e a devoção dos confrades desta capela – a Confraria de Nossa Senhora do Faro foi criada em 1940 com o objetivo de promover o culto e veneração de Nossa Senhora do Faro e São Pedro de Rates – que após a extinção das ordens religiosas de 1834 passou por várias mãos de privados que, a suas expensas, investiram na conservação e beneficiação deste templo, até hoje.

Uma das obras de beneficiação seria precisamente, em 1885, a construção da pequena capela de Santana, também conhecida como Coto de Santana ou Picoto, pertencente ao santuário de Nossa Senhora do Faro. Pequena capela octogonal, é habitada por uma imagem de Santa Ana, num pequeno nicho na parede, abençoando esta devoção à Mãe de Maria, avó de Jesus Cristo, quem caminha até este miradouro, que alguns reputam como o mais belo do Alto Minho. Recomendamos as festas que, por idos de 15 de agosto de

cada ano reúnem milhares deromeiros de todas as paragens. Mais uma boa ocasião para vir a Valença!

VLÇ3 Com esta paisagem na alma, avançamos para o ponto seguinte desta nossa peregrinação, e sugerimos que descubramos a pacata freguesia de Boivão, onde ressurgue cada vez mais o interesse no seu castelo – o castelo de Fraião **04**, no Alto das Furnas. Trata-se de um monumento que tem vindo a ser estudado, conhecendo-se a sua existência em inquirições do início da nacionalidade, não sendo visíveis os entalhes dos silhares, das pedras das muralhas, mas apenas de estruturas em madeira, o que faz supor que este castelo, antigo e envolto em lendas, seria em madeira o que, sendo raro entre as fortalezas Portuguesas românicas, não é inédito. No final do século XIII a importância estratégica deste castelo e do seu julgado – de Fraião, abrangendo o território que iria ser ocupado pelos julgados de Valença e de Paredes de Coura – decairia, desaparecendo os vestígios do castelo mas não a sua memória popular, até hoje, estando disponível para visita.



Ecopista do Rio Minho



Monte dos Fortes, Taião



03 Núcleo Museológico Rural de Taião



Avancemos de seguida, no regresso a Valença, para Taião 03 onde perto da bela igreja de Santa Marinha de Taião foi recentemente inaugurado o Núcleo Museológico Rural de Taião, a merecer uma visita. Composto por uma interessante coleção etnográfica local que inclui o espólio do extinto Rancho Folclórico de Taião e uma história da exploração de volfrâmio, trata-se de um museu genuíno, a merecer uma visita, assim como a aldeia de Taião em si, dado aqui se poderem ainda reconhecer traços de comunitarismo – como a eira comunitária, o relógio de sol, os espigueiros – podendo ainda visitar uma sepultura an-

tropomórfica. Um pequeno tesouro à beira de Valença, a aldeia de Taião.

VLC4 O regresso à cidade leva-nos ao encontro da nossa base, de onde poderemos – como tantos peregrinos no seu caminho, e vizinhos no seu dia a dia – atravessar a ponte 02 e descobrir a maravilhosa e milenar cidade de Tui 01 > 11, dominada pela Catedral de Santa Maria de Tui 05, do século XII.



Núcleo Museológico Rural de Taião
Entrada gratuita sob marcação.
Lugar de Taião de Cima
Tel.: (+351) 251 806 020
nmuseologico@cm-valenca.pt



02 Ponte Metálica Internacional



A visita a este templo, com mais de 800 anos de história e testemunhos, continuamente estudado, assim como ao seu *Museu Catedralício* 06 são obrigatórias. Não deixemos de aceder à torre de menagem desta catedral-fortaleza e de admirar o rio e a *nossa* Valença.

À saída da Catedral, viremos para montante do Minho e embrenhemo-nos no casario medieval, descendo de seguida um pouco até à Rua das Monjas para encontrar o mosteiro das Monjas Clarissas 07 – o Mosteiro da Concepción Santa Clara. Vivendo em clausura e sendo cada vez menos, as Irmãs continuam uma tradição

pasteleira antiga de mais de meia centúria e, comunicando com o mundo exterior através de um pequena janela rotativa, vendem os seus famosos peixinhos e al-mendrados, biscoitos conventuais que nos transportam para outros tempos, uma experiência a não perder.

Aconchegados pelos biscoitos conventuais, desçamos um pouco para jusante e sigamos até à rua de San Telmo para visitar uma pequena igreja 08 que tem a particularidade de ser a única de barroco Português do Reino de Espanha, ou na Galiza, como preferir. No local onde faleceu em 1246, o Dominicano S. Pedro Gonçalves



05 Claustro da Catedral de Santa María de Tui



04 Muralha medieval ??



05 Catedral de Santa María de Tui

Telmo, *San Telmo*, capelão do Rei Fernando III de Leão e Castela e mais tarde prior do Convento de São Domingos de Guimarães, ergueu-se com grande fervor e apoio popular a capela a este Santo, padroeiro da cidade de Tui e protetor dos marinheiros e dos mareantes.

Trata-se de um monumento interessante e acarinhado, destacando-se a sua modernidade entre o granito medieval do centro histórico de Tui, com uma elegante planta circular e belos frescos. A merecer sem dúvida uma visita, sem perder de vista a dimensão do culto a San Telmo em Portugal, presente de Norte a Sul do nosso país.

A capela de San Telmo tem a particularidade de ser a única de barroco Português do Reino de Espanha, ou na Galiza. San Telmo é padroeiro da cidade de Tui e protetor dos marinheiros e dos mareantes.

Tempo agora para caminhar para montante até ao convento – e hoje albergue – de Santo Domingo, subindo a rua Antero Rubin. Datado do século XIV, o *convento de Santo Domingo* ¹⁰ foi construído junto ao rio, num local que hoje conhecemos como o passeio fluvial de San Xoán de Porto. Trata-se de um conjunto imponente, que constitui e agregou à sua volta um bairro, que representa a sua evolução ao longo dos tempos. Encontra-se em diferentes estados de conservação nem sempre estando a belíssima igreja, com a abside gótica do século XVI, disponível para visitas. Na sequência da *Desamortização* em Espanha (numa iniciativa legal que possui alguns contornos semelhantes aos da nacionalização dos bens da Igreja de 1834, em Portugal) o convento chegaria a ser transformado em quartel, no século XIX, acabando por ser hoje a sua ocupação como *hostel* de peregrinos numa espécie de regresso aproximado ao seu espírito de origem. É este monumento histórico que, defronte do rio Minho, nos convida a regressar a Valença.



VLC1/2

Meio-dia (Pedestre - Bicicleta)

- 01 Loja do Turismo
- 02 Paços do Concelho
- 03 Casa do Governador da Praça de Valença e Aula Real de Artilharia
- 04 Casa do Eirado
- 05 Núcleo Museológico Municipal
- 06 Marco Miliário dos Arinhos/ Pelourinho de Valença
- 07 Igreja de Santo Estêvão
- 08 Igreja de Santa Maria dos Anjos
- 09 Igreja da Misericórdia
- 10 Antigo Hospital
- 11 Poço do Trem Militar
- 12 Percurso Baluarte de São Francisco > Baluarte do Socorro > Baluarte do Carmo
- 13 Baluarte de São João (Porta Medieval ou do Açougue, Escadaria que dava acesso ao antigo povoado fortificado)
- 14 CIFAR (Paioi do Açougue)
- 15 Revelim e Fonte da Vila
- 16 Porta da Gaviarra - Rua da Gaviarra (Porta medieval + Cisterna ou Poço de S. Vicente + Vestígios das Torres Medievais)

Estrada da Guarda

A 55

Ponte Internacional Tui - Valença

Acesso A 55

ESPAÑA
PORTUGAL

Rio Minho / Rio Miño

Ecopista do Rio Minho

Acesso A 55 - Espanha

IP1 - Autódromo do Miño

Rua Teófilo Torres

Acesso IP1

Baluarte de Sta. Ana

Revelim Fátima Velha

Cruz Vermelha Portuguesa

Ecopista do Rio Minho

Santuário da Senhora da Cabeça

São Cristóvão

Parque do Senhoso da Cabeça

Senhoso da Cabeça

Pelourinho da Senhora da Cabeça

Piaia Banho da Senhora da Cabeça

Senhoso da Cabeça



VLC

Valença

Fortaleza



FORTALEZAS ABALUARTADAS DA RAIÁ

Rua Val Flores

Acesso A 55 - Espanha

Rua Nossa Senhora das Fátimas

VLÇ1

1 Dia

(Pedestre - Bicicleta)

VLÇ1/2 + 17

- 17** Passeio pela Coroada: Meio Baluarte de S. José, Edifício Souto Moura, Capela do Bom Jesus, Estátua S. Teotónio, Capela do Senhor do Encontro, Paio de Marte "Estação do Tempo: Fortalezas e Castelos", Baluarte de Santana (Miradouro)

Sugestões de final de dia

Descer junto à Pousada de S. Teotónio, junto ao Baluarte do Socorro; descer pela Porta Afonsina fazendo uma caminhada até ao edifício da ex-alfândega e a Ponte Internacional Auto-ferroviária.

Percurso - Portas da Coroada, GNR (virar na primeira à direita), direção Senhora da Cabeça (virar à direita novamente) e onde poderá usufruir da Ecopista do Rio Minho.

Extras

Museu do Bombeiro

(42.030319, -8.644178)

Largo 7 de Julho 1912

Exposição Temporária "Radiofonia"

(42.032217, -8.645039)

Rua Mouzinho de Albuquerque
- Arquivo Municipal)

Mais informação
(Museu do Bombeiro):
<https://cm-valenca.pt/museo-bombeiro>

Mais informação
(Arquivo Municipal):
<https://cm-valenca.pt/arquivo-municipal>





FORTALEZAS ABALUARTADAS DA RAIÁ

Turismo Religioso

VLÇ2 2 Dias *(Bicicleta- Carro)*

VLÇ1 + 01 ▶ 06

- 01 Igreja Paroquial de S. Salvador de Ganfei do Mosteiro de Ganfei
▼ 1 km / 3/2 min.
- 02 Capela de S. Teotónio (pintura da autoria José Barros Puskas)
▼ 5,1/5,7 km / 36/17 min.
- 03 Mosteiro de Sanfins de Friestas

(Pedestre - Bicicleta)

- 04 Capela de Santo Ovídeo
▼ 2,4/3,2 km / 39/13 min.
- 05 Capela de Nossa Sra. do Faro (Monte do Faro)
▼ 350 m / 4 min.
- 06 Capela de Santana (Miradouro + Parque de Merendas)

Sugestões de final de dia

Passeio a pé pelo Parque Natural de Monte do Faro
Miradouro para a foz do Rio Minho
Visitar a cidade vizinha de Tui

Turismo de Natureza

VLÇ3 3 Dias *(Bicicleta- Carro)*

VLÇ1 + VLÇ2 + 01 ▶ 05

- 01 Núcleo Museológico Rural de Taião
- 02 Parque Merendas Taião e Capela de Nossa Senhora do Socorro
- 03 Aldeia Histórica de Taião: Relógio de Sol (Rua do Outeiro, n.º 319), Espigueiros, Eira Comunitária com Relógio de Sol, Sepultura Antropomórfica e Ruína de Espigueiro

04 Castelo de Fraiã + Parque de Merendas
Sugestão de piquenique ao almoço

05 Parque e Capela de Nossa Senhora da Cabeça

Sugestões de final de dia

Circuito na Ecopista do Rio Minho
Piscinas de Sanfins e Boivão
Praia Fluvial da Senhora da Cabeça



Friestas

02

No Largo de S. Teotónio poderá visitar o Cruzeiro e a Escultura de S. Teotónio (escultor José Rodrigues), e o Lavadouro/Fonte da Tardinhade, que pertenciam aos terrenos onde nasceu o santo.

03

Passado no Parque: Mosteiro, Casa da Eira, Capela de Nossa Senhora do Loreto, Cemitério com Capela de Santa Maria da Vitória e Cruzeiro. Poderá fazer o trilho do convento.

Percurso circular, equipado com parque infantil, observatório de avifauna, mesas e bancos, miradouro

Mais informação:

<http://www.desencaminhar2017.altominho.pt/session/trilhos-para-passar-no-mosteiro-de-sanfins/>



Sanfins

05

Projeto para CI Rio Minho no atual Pavilhão Náutico. Ligação à Ecopista em direção à foz do rio Minho (Caminha).

Capela fechada mas pode ser visitada pelo exterior.

Poderá usufruir do Parque de merendas e da praia fluvial, bem como, de um passeio de barco pelo rio Minho.

Mais informação Ecopista:

<http://www.olavida.pt/ecopista-rio-minho.html>



Mais informação Núcleo Museológico Rural de Taião:

<https://cm-valenca.pt/museu-rural-de-taiao>



ou tel.: (+351) 251 806 020
nmuseologico@cm-valenca.pt

Taião

VLC

Valença

Turismo Religioso
e Turismo de Natureza

04

Castelo de Fraiã
5,6 Km



VLC4

4 Dias

(Pedestre- Bicicleta)

VLC3 + 01 ▶ 11

- 01 Antiga Alfândega: Escultura de Arlindo Rocha + Painel Mosaico de Júlio Resende
- ▼
- 02 Ponte Metálica Internacional
- ▼
- 03 Posto Turismo de Tui
- ▼
- 04 Muralha Medieval
- ▼
- 05 Catedral de Tui
- ▼
- 06 Museu Diocesano
- ▼
- 07 Convento das Clarissas
- ▼
- 08 Capela de San Telmo
- ▼
- 09 Miradouro Praza da Estrela
- ▼
- 10 Convento de Santo Domingo: Capela Miradouro + Jardim
- ▼
- 11 Igreja de San Francisco

Sugestões de final de dia

Passeio junto à margem espanhola do rio Minho, com parque infantil, café, cais para passeios de barco pelo rio Minho.

Sugestões

Porta da Pia; Prove os doces conventuais vendidos no Convento das Clarissas; Prove a tarte San Telmo nas pastelarias locais; Visite a Igreja de San Bartolomeu de Rebordans (visitas só com marcação; Tel: +34 986 600 511; email: bispado@diocesetuivigio.org)

Opções

Opção 1: Comboio turístico faz ligação Valença-Tui Funciona a partir do dia 16 janeiro até à Páscoa com marcação (Andrés, Tel: +34 629 912 254; email: infortrain.segmentodivertido@gmail.com). Da Páscoa até final de setembro o percurso é diário.

Opção 2: Passeio de barco pelo rio Minho

Tui

Rio Minho / Rio Miño



10

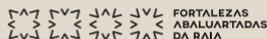
Parque aprazível para descansar e usufruir da vista sobre o rio.

01

Aconselha-se a fazer o percurso a pé, podendo estacionar o veículo, junto ao edifício da ex-alfândega; ou poderá levar o veículo até Tui, estacionar junto ao Teatro Municipal e fazer visita ao centro histórico.

02

01



Sugestão de percurso a pé/bicicleta: sair de Valença, passar a ponte e passeio pelo passadiço à beira Rio, com acesso ao Centro Histórico de Tui.

No verão: possibilidade de fazer percurso Valença-Tui em comboio turístico. Percurso pedestre com degraus e não adequado a pessoas com mobilidade reduzida, pelo menos na sua totalidade.



Mais informação Tui:

https://www.turismo.gal/localizador-de-recursos/-/sit/o-que-visitar/tui?langId-pt_PT



VLÇ5

5 Dias

(Carro)

VLC4

Dia 1: Fortaleza de Valença; Loja de Turismo; Museu do Bombeiro Manuel Valdez Sobral; Núcleo Museológico Municipal; Exposição de Radiofonia, no edifício do Arquivo Municipal; CIFAR - Paiol do Açougue; Paiol de Marte "Estação do Tempo: Castelos e Fortalezas" e Ecopista.

Dia 2: Centro histórico de Tui; Catedral de Tui; Museu Histórico Diocesano; Capela de S. Telmo; Igreja de S. Bartolomeu; Culto de S. Telmo (Barroco português).

Dia 3: Monção - Salvaterra
Pedestre / Bicicleta
2,5 km / 30/9 min.

Dia 4: Chaves - Verín
Bicicleta / Carro
26/30 km / 1h24/30 min.

Dia 5: Bragança - Puebla de Sanabria
Bicicleta / Carro
42 km / 2h50/53 min.

VLÇ6

6 Dias

(Carro)

VLC5

▶ ALM

Dia 1: Fortaleza de Valença; Loja de Turismo; Museu do Bombeiro Manuel Valdez Sobral; Núcleo Museológico Municipal; Exposição de Radiofonia, no edifício do Arquivo Municipal; CIFAR - Paiol do Açougue; Paiol de Marte "Estação do Tempo: Castelos e Fortalezas" e Ecopista.

Dia 2: Centro histórico de Tui; Catedral de Tui; Museu Histórico Diocesano; Capela de S. Telmo; Igreja de S. Bartolomeu; Culto de S. Telmo (Barroco português).

Dia 3: Monção - Salvaterra
Pedestre / Bicicleta
2,5 km / 30/9 min.

Dia 4: Chaves - Verín
Bicicleta / Carro
26/30 km / 1h24/30 min.

Dia 5: Bragança - Puebla de Sanabria
Bicicleta / Carro
42 km / 2h50/53 min.

Dia 5: Almeida - Ciudad Rodrigo
Bicicleta / Carro
42/47 km / 2h20/34 min.

Almeida

(40.724164, -6.904904)

▶ Valença - Almeida: 332 km / 3h42.

Ver

ALM1

ALM2

ALM4

ALM3

ALM5

Gastronomia



A fama da cozinha minhota é antiga e me-recida, trazendo à mesa o melhor que esta região tem, de forma generosa. Por terras de Valença isso traduz-se em alguns pratos específicos, que nos lembram da riqueza da pesca no rio Minho, da caça nos seus montes, e as ótimas condições para a pecuária e agricultura nas suas veigas.

Destacamos alguns pratos:

- > Anho no forno à Sanfins.
- > Bacalhau à São Teotónio.
- > Bacalhau à Contrasta.
- > Sopa de sável.
- > Lampreia fumada à moda de Valença;
Arroz de lampreia à moda de Valença;
Lampreia estufada à moda de Valença.
- > Salmão do rio Minho.
- > Trutas em escabeche; Trutas de Valença.
- > Caldeira de enguias.
- > Pericos de Valença (assados com mel e tomilho, tarte de pericos com leite creme, ao natural).
- > Sopa seca de Valença.
- > Caldo verde.
- > Borrachinhos de Valença.
- > Valencianos.



Valenciano,
Anho à Sanfins,
Bacalhau à São Teotónio



Gastronomia típica
de Valença



Mais informação:
<https://gastronomiadevalenca.com>

Festas e romarias de Valença



A oferta cultural de Valença é vasta e interessante, recomendando-se vivamente aceder à página do município e consultar a agenda, sempre recheada de eventos, muitos deles transfronteiriços, de âmbitos cultural, religioso, gastronómico, desportivo... são muitas as boas ocasiões para visitar Valença.

Destacamos algumas **festas e romarias** bem conhecidas, onde certamente não faltarão os atrativos deste magnífico território:

Dia de S. Teotónio - Feriado Municipal > 18 de fevereiro.

Lanço da Cruz > 2.ª feira de Páscoa.

Festa de Nossa Sra. da Cabeça > 3.ª feira de Páscoa.

Valença Flor de Maio e Arte Dance Valença > mês de maio.

Festa de S. João de Friestas > 25 de junho.

Festa do Sr. dos Esquecidos > 8 de julho.

Festas do Concelho em honra de Nossa Sra. do Faro > 15 de agosto.

IKFEM – Internacional Keyboard Festival & Masterclass > mês de agosto.

MUMI – Festival Músicas no Minho da Eurocidade Tui-Valença > entre setembro e outubro.

Valença é Natal > mês de dezembro.

Feiras:

Feira dos Santos > por altura do feriado de Todos os Santos.

Feira semanal de Valença > 4.^{as} feiras.

Feira mensal de Valença > 1.º domingo do mês.

Feira das Antiguidades e Velharias > 1.º domingo de cada mês, no Mercado Municipal de Valença.

Mercado das Lavradeiras > 4.^{as} feiras e sábados de manhã, no Mercado Municipal de Valença.

Festa de Mosteiró > 1.ª semana de setembro.

Feira Mensal de Cerdal > 2.º domingo de cada mês.

Eventos culturais
de Valença

Mais informação:
<https://cm-valenca.pt/3508>



Festa do Lanço da Cruz



ALMEIDA

Almeida

SÍNTESE HISTÓRICA

Descendo pela raia desde Valença encontramos Almeida como ponto seguinte do nosso roteiro, na fronteira do território do Riba-Côa. Vila-fortaleza abaluartada, hoje geminada com uma cidade (Mutzig, na Al-sácia) de origens medievais e também da raia, sendo como ela fortificada, embora mais tardiamente.

As origens de Almeida remontarão, segundo alguns autores, a um castro céltico (ou talvez dos Túrdulos, normalmente associados a uma presença junto ao Guadiana) a pouca distância da atual localidade da vila, que terá sido ocupado pelos romanos na sua conquista da Península Ibérica. São dessa ocupação, do romanizado castro de *Cattacobriga*, os vestígios milenares encontrados no local que o povo entretanto designou de “Enchido da Sarça” ou sítio dos Pedregais, sabendo-se pelos cronistas hispano-árabes que os *descendentes de Tariq Ibn Ziyad* aqui se fixaram durante mais de três séculos, provavelmente ocupando um

castellum romano que foi sendo desenvolvido e adaptado ao longo da Idade Média, batizando esta vila de Almeida, de acordo com o seu topónimo de *Al-Mêda* (a Mesa), *Talmeyda* ou *Almeydan* (do árabe *Atmeidan* que significa campo ou lugar de corrida de cavalos).

A conquista pelos Cristãos viria apenas no século XI, em 1039 com D. Fernando I de Castela e de Leão, voltando a ser reconquistada pelos Árabes em 1057. Tomada novamente pelos Leoneses em 1081, passando a integrar o termo de Salamanca e o bispado de Ciudad Rodrigo, recebendo então o seu primeiro foral.

Após mais uma incursão árabe em que Almeida é conquistada novamente, o primeiro rei português, D. Afonso Henriques, toma esta praça e o seu castelo, perdendo-o poucos anos mais tarde para os Leoneses. D. Sancho I reconquistaria Almeida ao reino de Leão, em 1190, para Portugal, perdendo-a quatro anos mais tarde para mais uma investida moura.

Efetivamente só em 1208, ainda no reinado de D. Sancho I, Almeida passaria definitivamente para domínio Cristão, indicando alguns autores que a praça foi tomada por Paio Guterres, neto do aio de D. Afonso Henriques, Egas Moniz (o Almeida). Passar-se-iam quase 100 anos, durante os quais Almeida seria tomada e perdida entre Portugueses e Leoneses, até ao reinado de D. Dinis, que a conquistou definitivamente para Portugal, outorgando-lhe foral e ordenando a edificação do castelo medieval (protegido e encomendado a São Dinis, emprestando-lhe o nome) no local onde hoje podemos encontrar a vila-fortaleza.



Câmara Municipal de Almeida

 Praça da Liberdade
6350-130 Almeida

 +(351) 271 570 020

 camara@cm-almeida.pt

 <https://www.cm-almeida.pt>

 40.724764, -6.906377





Ortofotomapa de Almeida

Para este fito seria essencial a assinatura do Tratado de Alcanizes (ou *Alcañices*) no fim da época das campanhas militares (primavera e verão, quando há pasto, menos chuva e intempéries) a 12 de setembro de 1297. Celebrou-se então com este tratado a definição das fronteiras entre os reinos de Portugal e de Leão e Castela, passando a região do Riba-Côa para o domínio português, sendo Almeida doravante uma praça portuguesa, símbolo até da própria nacionalidade. D. Dinis teria um especial cuidado na fortificação da raia do Riba-Côa, erigindo uma linha de castelos militares medievais (os *sete castelos do Riba-Côa*: Castelo Melhor, Castelo Rodrigo, Almeida, Castelo Bom, Vilar Maior, Alfaiates e Sabugal) que resistiram até aos dias de hoje.

O herdeiro de D. Dinis, D. Afonso IV confirmaria o foral de Almeida, tal como o faria D. Pedro I e seu primogénito, D. Fernando I. Seria com este rei que se faria

obra de monta na vila, depois das fortificações do tempo do seu bisavô, D. Dinis. Fortificando várias praças, de Norte a Sul, incluindo no interior como no caso de Almeida, D. Fernando perderia a 2.ª Guerra Fernandina (1372-1373) tendo Henrique II de Castela invadido Portugal pela Beira até chegar a Cascais, ficando na posse de Almeida por três anos na sequência do tratado de paz firmado em Santarém, onde estava a corte portuguesa.

Voltando à administração portuguesa com D. Fernando I, Almeida viria a cair novamente perante as forças castelhanas com a 3.ª Guerra Fernandina (1381-1382) já de frente das tropas de D. João I de Castela, que combatiam o pretendente do trono castelhano, o Duque de Lancaster, aliado de D. Fernando I de Portugal. Uma situação que se arrastaria até 1385 quando o Mestre de Avis é aclamado Rei de Portugal e conquista Almeida para o lado português, respondendo a fronteira do Tratado de Alcanizes,

depois desta praça ter defendido a causa da viúva de D. Fernando I, D. Leonor Teles, e de D. João I de Castela. Até ao início do século XV a raia seria palco de uma enorme instabilidade, mudando esta praça várias vezes de mãos, inclusive quando o meio-irmão do Rei de Portugal, o Infante D. Dinis (filho de Inês de Castro) invadiu Portugal pela Beira, tomando Almeida. Voltaria à Coroa portuguesa por ocasião do segundo recenseamento formal em Portugal, o Rol de Besteiros do Conto, de D. João I (1421-1422), reconhecendo-se o castelo e a vila como uma praça importante com mais de 1700 habitantes, numa altura em que noutras localidades como Pinhel habitavam cerca de 1500 e em Penamacor 1200.

A dinastia de Aviz reconhecera a importância de Almeida, continuando-se a fortificar a praça com D. Afonso V e D. João II. D. Afonso V, nas suas *Ordenações* e na sua *Confirmação geral de privilégios concedida aos concelhos e homens-bons de Riba de Côa*, confirmava que “*querendo fazer graça e merçe aos Conçelhos e homes boos de Ryba do coa lhe confirmamos todollos fooros graças e priuilegios liberdades merçes que lhe foram dadas E outorgadas e confirmadas pellos Reis que ante nos foram*”, ficando simultaneamente os almeidenses com este rei isentos de pagar portagem e com um senhor/alcaide da praça por desígnio régio, D. Fernando de Meneses, também Marquês de Vila Real, Conde de Alcoutim e de Valença, Senhor de Almeida e Caminha, Capitão de Ceuta – uma casa fidalga com grandes responsabilidades na defesa da soberania portuguesa no aquém e além-mar, a quem seria confiada a alcaidaria de Almeida por mais gerações, até 1641.

D. Manuel I confirmaria os benefícios dos almeidenses, promovendo o desenvolvimento desta vila, que cresceria e beneficiaria de novo foral assim como de novas fortificações.

A importância das fortificações da raia seria mantida ao longo dos reinados de D. João III, do Cardeal D. Henrique e de D. Sebastião, sendo largamente diminuída durante o período filipino numa lógica de união ibérica, em que os limites fixados em Alcanizes já não eram aplicados. O *renascimento* desta praça dá-se, claro, com a Restauração e a dinastia dos Braganças. A Guerra da Restauração duraria 28 anos, opondo Portugal às tropas do mais poderoso e extenso império terrestre e marítimo de então, o de Espanha, distribuído por cinco continentes.

Praça de Guerra, desde a sua origem e formalmente empenhada na defesa da raia desde o final do século XIII, Almeida receberia em 1641 a sede do Quartel-General do Governador das Armas da Província da Beira, iniciando-se o ciclo das muralhas abaluartadas que transformariam a fisionomia da vila para a fortaleza em estrela que hoje conhecemos. As obras no século XVII decorreriam sob orientação dos engenheiros militares franceses Pierre Gille de Saint-Paul e Pierre Garsin, o engenheiro militar português João Saldanha e Sousa e o empreiteiro português David Álvares. Um dos métodos utilizados, após comissionamento do General Charles Lassart, engenheiro-mor do Reino, seria desenvolvido pelo engenheiro militar francês Antoine Deville, veterano da *Guerra dos 30 anos* e um homem culto que se correspondia com Galileu, sendo autor de um tratado intitulado *Les fortifications* (1628).

A praça de Almeida receberia, com estas obras, o reforço de dezenas de peças de artilharia e centenas de armas de fogo, sendo então introduzidas clavinhas e pistolas, formando-se companhias de cavalos arcabuzeiros, também designadas por arcabuzeiros a cavalo, carabinas, *cravinas* ou clavinhas. Armamento que seria utilizado, logo em 1646, quando um ataque castelhano visando interromper e destruir os trabalhos de construção da fortaleza foi debelado.

Cada vez mais “cabeça militar de toda a província da Beira”, em 2 de julho de 1663 sucederia novo ataque à fortaleza, ainda em construção e sem fosso: o assédio à praça de Almeida, opôs as tropas lusas ao exército castelhano comandado pelo duque de Osuna, General Gaspar Téllez-Girón y Sandoval. O assédio que se sucederia, resultaria numa vitória do lado português, uma efeméride celebrada com a adoção da data como feriado municipal e a sua inclusão no obelisco de homenagem às batalhas da Guerra da Restauração, em Lisboa – o *monumento aos Restauradores*, de 1886.

Entre 1667 e 1676 seriam terminadas as portas interiores de São Francisco e a porta magistral de Santo António, iniciando-se em 1691 a construção do hospital da Santa Casa da Misericórdia de Almeida. Entretanto, em 1668, firmara-se *paz perpétua* com Espanha através da celebração do “Tratado de Paz entre o senhor rei D. Afonso VI e Carlos II rei católico de Espanha concluído no convento de Santo Elói da cidade de Lisboa, sendo mediador Carlos II rei da Grã-Bretanha”. Com esta paz terminava o posto de *Capitão Geral da Conquista do Reino de Portugal* que Filipe IV tinha criado.

O século XVII terminaria com as obras da fortaleza praticamente concluídas, com cinco dezenas de poços que abasteceriam a população em caso de sítio. Uma explosão no castelo Manuelino, talvez premonição do que viria a acontecer no século XIX, iria provocar a destruição da torre de menagem e danificar as muralhas em 1696, limitando a extensão dos vestígios das fortificações medievais e pré-modernas almeidenses.



Porta interior
de São Francisco

O século XVIII começaria com o envolvimento de Portugal na Guerra de Sucessão espanhola, com apoio ao Arquiduque Carlos, filho do Imperador Leopoldo da Áustria, por oposição a Filipe, Duque de Anjou, neto do Rei de França Luís XIV, após a morte sem descendência de Carlos II de Espanha (em 1699). Com Portugal aliado da Grã-Bretanha, da Suécia, da Dinamarca e dos Países Baixos, o empossado Filipe V ataca preventivamente Portugal e conquista Almeida, que só será libertada um ano mais tarde na *campanha de 1704*.

Ultrapassada esta crise, continuam as obras militares em Almeida, preparando esta importante praça de fronteira para parar ou atrasar ao máximo o avanço das forças inimigas sobre o nosso país. Revelador deste investimento e da importância atribuídas a Almeida, em 1732 D. João V cria uma Academia Militar nesta vila. Com as suas raízes na *Lição de Artilharia e Esquadria*, criada por D. João IV em Lisboa (Paço da Ribeira) em 1641, correspondia a Academia Almeidense a um projeto que remontava a D. Pedro II quando decretara a criação de uma academia militar em Viana do Castelo. Trinta anos mais tarde, seguir-se-iam Almeida, Elvas e a ilha Terceira (esta última já no século XIX) no acolhimento destas academias, denotando o valor estratégico destas praças.

Almeida continuava a crescer, acolhendo em 1740 cerca de 2700 habitantes, integrando mais de 600 habitações. Após o grande terramoto de 1755, que também afetou várias casas da vila, assim como castelo e as muralhas medievais, começava em 1756 a *Guerra dos Sete Anos*, um verdadeiro conflito à escala mundial opondo dois blocos: os Impérios Britânico, Portu-

guês e Prussiano *versus* as Grandes Espanha, França, Rússia, Suécia e o império dos Habsburgos (Áustria-Hungria). No âmbito desta guerra e da segunda invasão a Portugal (a primeira seria tentada pelo Norte do país) em 1762, tendo então Almeida uma força de 1500 soldados apoiados por 2000 civis, a praça seria cercada por um exército espanhol e francês de cerca de 40 mil homens comandando pelo general Pedro Pablo Abarca de Bolea, Conde de Aranda, capitulando a 25 de agosto ao fim de nove dias de cerco. A invasão franco-espanhola fracassaria, rendendo-se à eficaz estratégia de guerrilha e terror praticada pelas milícias portuguesas, ao desgaste das enfermidades e à organização das tropas anglo-lusas pelo Conde de Lippe, num cenário que em tudo se assemelhava ao que se viria a verificar com as campanhas Napoleónicas do início do século XIX. Almeida ficaria como um reducto espanhol inconquistado até ao fim da guerra, sendo devolvida a Portugal após a assinatura do Tratado de Paris, a 10 de fevereiro de 1763, que colocou um fim na *Guerra dos Sete Anos*.

Na sequência desta *Guerra Fantástica* em Portugal (assim ficou conhecida pela ausência de batalhas notáveis, apenas refregas e movimentações de tropas) o então primeiro-ministro de D. José, o *Secretário de Estado dos Negócios Interiores do Reino* e Conde de Oeiras, investiria na reorganização das forças portuguesas e nas suas fortalezas, fortalecendo as muralhas de Almeida e equipando a fortaleza com mais de 100 peças de artilharia. O facto é que, no início do século XIX, em 1801, estava estacionada na vila uma força de 3000 homens, com 1600 soldados, 100 artilheiros e mais de 400 cavalos, continuando as obras nas muralhas, que não seriam suficientes para

evitar a capitulação e a tomada da praça perante o exército francês, aquando da primeira invasão (1808) comandada pelo Coronel-General Junot. Mais uma vez, Almeida não seria reconquistada pelas tropas luso-britânicas, mas sim entregue pelos franceses depois dos acordos de paz firmados na Convenção de Sintra, pondo fim a esta primeira campanha.

A segunda campanha (1809) comandada pelo criador da Legião Estrangeira, o Marechal Soult, pouparia Almeida ao iniciar a sua invasão a Norte para descer até ao Porto, momento em que, de Salamanca, partiria outra força francesa para sitiar Almeida. Este movimento que nunca chegou a acontecer teria uma forte oposição dado que na fortaleza se tinham instalado 20 mil soldados e o quartel-general de Beresford, marechal do exército português encarregue por D. João VI de reorganizar as forças portuguesas depois da 1.ª invasão. A sorte desta campanha seria jogada essencialmente pelas tropas do Tenente-General Sir Arthur Wellesley, futuro Duque de Wellington, que ditaria a derrota e a retirada das tropas francesas.

O pior, no entanto, estava para vir, com a terceira e última campanha Napoleónica, em 1810, comandada pelo marechal Massena. Tendo o marechal Beresford, do lado português, preparado a praça para um sítio de vários meses e aí tendo colocado 5000 soldados para 115 peças de artilharia, a praça seria cercada por uma força de aproximadamente de 36 mil homens, após o Combate do Côa (24 de julho de 1810). O cerco de Almeida começou no dia 15 de agosto, data de abertura da 1.ª trincheira, e durou até ao dia 28 de agosto, sendo que os bombardeamentos começaram efetivamente no 26

de agosto. Neste dia seria provavelmente atingido um barril de pólvora, no transporte desta matéria do paiol para os baluartes, desencadeando uma reação que atingiria o paiol do castelo (à prova de bomba) causando uma explosão devastadora que destruiria perto de 600 casas, das pouco mais de 700 que então existiam em Almeida, e causando a morte a pelo menos 500 pessoas. A capitulação seria comunicada no dia 28 de agosto, rendendo-se formalmente o comandante do Regimento de Infantaria 24, Coronel William Cox.

As obras de restauro seriam encetadas logo em 1811, mas em 1815 surgiam vozes (do Marechal Beresford e do General Matias Dias Azevedo, comandante do Corpo de Engenheiros) contra o valor estratégico desta praça por não permitir a retirada segura do exército sitiado. Almeida voltaria a ser considerada como praça de guerra de primeira classe após a independência do Brasil, tendo um papel determinante na guerra civil que opôs Liberais a Absolutistas, dado que a guarnição se declarou Miguelista, recebendo as Casamatias, a Principal, as Portas de Santo António e a Porta Avançada de São Francisco um pequeno exército de presos políticos e civis. Em 1834, estando ainda a fortaleza sob domínio Miguelista, nela se refugia um aliado político, D. Carlos de Bourbon, pretendente à coroa espanhola, que esteve na origem das guerras Carlistas que duraram mais de quatro décadas. Por se encontrar em Almeida D. Carlos, a praça foi mais uma vez sitiada por uma força espanhola, que apenas desmobilizou quando o chefe do partido Carlista conseguiu fugir.

Terminando a guerra civil portuguesa nesse ano (26 de maio de 1834) dez anos corriam em paz nesta praça até 1844, quando

Intramuros

ALM1/2 **ALM1** Fazemos a entrada nesta fortaleza pelas portas duplas de São Francisco **01**, graníticas e imponentes, não deixando o visitante indiferente ao aparato e gravidade militar. Com um túnel em curva à prova de bomba a ligar as duas portas, deparamo-nos com duas casas da guarda (com belas lareiras). Na porta exterior instala-se o Centro de Interpretação da Rota Das Fortalezas Abaluartadas da Raia.

Avançando um pouco, encontramos o posto de turismo **02**, de onde recomendamos que se inicie a visita. Já equipados com mapas e com os conselhos dos técnicos que nos acolhem, ainda podemos adquirir uma vasta bibliografia sobre Almeida ao

longo dos séculos (e das guerras) com vários níveis de especificidade e densidade.

Recomendamos, pois, que se comece a visita pelo Quartel de Infantaria do Terreiro das Freiras ou *Quartel das Esquadras* **11**, que já se avista de fora, por cima das portas de São Francisco. Mandado construir no século XVIII (entre 1736 e 1750) com o comando do Conde Lippe sobre as forças portuguesas, é um quartel retangular, longo e estreito, com dois pisos, com 21 casernas transversais, intercomunicantes e justapostas, abobadadas e todas equipadas com lareira. Destaque-se a estreita fachada principal, sem janelas (*cega*) virada a nordeste, com uma escadaria externa que permite o acesso ao segundo piso, e encimada por um belo brasão com as Armas de Portugal sobre fundo azul. Em bom estado de conservação, abriga hoje diversas entidades e coletividades envolvidas em festas e organizações da vila bem como espaços municipais.



01 Porta exterior de São Francisco



Ver itinerários e pontos nas páginas 72 a 79.



11 Quartel das Esquadras



Igreja da Misericórdia

Sugerimos que continuemos para Oeste, não antes sem admirar a Igreja da Misericórdia, da segunda metade do século XVII. Simples e genuíno, com uma fachada que inclui, à semelhança do Quartel das Esquadras 11, um belo brasão. Possui um pavimento em grandes lajes de granito, destacando-se o altar da capela-mor, em madeira recoberta de talha dourada, já do século XIX.

Sigamos para o Baluarte de São Pedro. Esta fortaleza é composta por seis baluartes: São Francisco, São João de Deus, Santa Bárbara, Nossa Senhora das Brotas ou do Trem, Santo António e São Pedro. Deste baluarte de São Pedro, com as suas 10 canhoes, podemos imaginar os ataques que aí se verificaram, incluindo o da terceira invasão francesa tendo sido do fogo de artilharia face a este baluarte que se originou a explosão do paiol do castelo, destruindo uma grande parte da vila.

Ponto de vista privilegiado é a cobertura à prova de bomba das portas de São Francisco, propomos que desçamos e passemos pela antiga Casa da Câmara 12 com as

armas do concelho, com a sua pequena escadaria e arcadas ainda nos recorda uma Almeida pré-restauração e as suas obras de fortificação monumentais.

Fazendo a ligação com este monumento, passamos aos atuais Paços do Concelho 12, sito no Antigo Corpo da Guarda Principal, um edifício que tem a particularidade de ter sido o último a ser construído – em 1791 – estritamente com uma função militar. Trata-se de uma construção neoclássica, com um frontão triangular, com um belo brasão barroco, ornado com as armas reais. Localizado na atual Praça da Liberdade, tem em face a antiga Vedoria – Casa dos Governadores (hoje tribunal) indicando-nos os registos da época em que aqui se encontrava o pelourinho da vila (Manuelino), transferido para o terreiro de São João, que se elevou depois à categoria de praça, tendo sido retirado em 1790. O espaço do Corpo da Guarda Principal tornar-se-ia na Praça de Armas Principal, uma distinção que perdeu em meados do século XIX com a transformação do espaço em cadeia, recuperando-a no século XX ao acolher a Câmara Municipal.



12 *Edifício dos Paços do Concelho/
Antigo Corpo da Guarda Principal*



Dirigimo-nos de seguida para as ruínas do castelo 08, antes de seguirmos para as Portas de Santo António 09. Sabemos por fontes coevas que Almeida seria uma das praças fortificadas por D. Dinis, sendo admissível que datem do fim do século XIII as fundações das ruínas do castelo, que hoje podemos visitar. Com D. Manuel o castelo terá sofrido novas obras que o modernizaram para o século XVI, mas no entanto seriam as reformas do século XVII as que seriam decisivas para o seu futuro e integridade, dado que a construção da fortaleza abaluartada reinventou o castelo tardomedieval transformando-o num paiol de munições e pólvora, que explodiriam em 1810 destruindo o castelo até aos seus alicerces. Classificado como Monumento Nacional desde 1928, pesquisas arqueológicas têm permitido descobrir trechos das muralhas Dionisinas e o fosso que envolvia o castelo.



08 *Ruínas do Castelo*



Portas de Santo António.

De acesso ao revelim de Santo António, são portas duplas que apresentam uma cobertura à prova de bomba, com um telhado sobre a abóbada em lajes sobrepostas destinadas a fazer ricochete dos projéteis lançados.

09 *Porta exterior de Santo António*

Propomos de seguida dirigirmo-nos às Portas de Santo António **09**, de acesso ao revelim de Santo António. De portas duplas, tal como as de São Francisco, mais tardias, como elas apresentam também cobertura à prova de bomba, com um telhado sobre a abóbada em lajes sobrepostas destinadas a fazer ricochete dos

projéteis lançados. Sendo sempre impressionante atravessar estas passagens, as Portas de Santo António dispõem igualmente, em ambos os lados, de amplos espaços destinados aos Corpos de Guarda, com lareira, latrinas e pias, além de prisão e paiol, estando instalado no Corpo de Guarda da Porta Exterior, em dois espaços,

visitar



o CEAMA – Centro de Estudos de Arquitetura Militar de Almeida ⁰⁹ – orientado para a divulgação pedagógica e turística dos estudos sobre esta e outras praças militares, mas também apoiando investigadores, estudiosos e especialistas da arquitetura militar nas suas pesquisas nacionais

e internacionais, organizando com regularidade seminários e conferências sobre esta temática, publicando interessantes resultados que fixam conhecimento para a posteridade, com destaque (recomendando-se) para a revista deste Centro.

CEAMA – Centro de Estudos de Arquitetura Militar de Almeida

Ter - Sex: 09h00-12h30 e 14h00-17h30

Sáb - Dom - Feriados: 10h00-12h30 e 14h00-17h30

Encerra: 1 janeiro, 1 novembro, 24 e 25 dezembro

Portas Exteriores de Santo António

Tel.: (+351) 271 570 025

geral.ceama@cm-almeida.pt



Mais informação:

<https://www.cm-almeida.pt/espacos-municipais/centro-de-estudos-de-arquitetura-militar/>





07 Picadeiro d'El Rey

O próximo ponto de visita, sugerimos, é o *Picadeiro d'El Rey* 07. Situado no Baluarte de Nossa Senhora das Brotas, foi edificado no século XVII com vista a servir o Trem de Artilharia e Arsenal – para a conservação e reparação de armamento, ligeiro e pesado – e foi sendo adaptado ao longo dos séculos, tendo recebido um quartel de artilharia. Após um longo período, de meados do século XIX a finais do século XX, em que este espaço esteve desocupado, foi nas últimas duas décadas preparado como picadeiro albergando uma pequena coudelaria (cerca de 20 cavalos) para prática de atividades equestres de todo o tipo. Tratando-se de um espaço recentemente adaptado e trabalhado, não perdeu autenticidade, mantendo um portal encimado com um brasão real a coroar o seu muro circular, constituindo para além disso um atrativo turístico de primeira água para quem visita Almeida, recordando a presença dos milhares de cavalos que em tempos estiveram ao serviço dos regimentos desta praça.



06 Praça Alta

De uma visita dinâmica, rumamos ao Baluarte de Santa Bárbara, não sem antes apreciar o Paiol e Casa da Guarda, localizados no revelim do Paiol. Retangular, o paiol foi construído no século XIX, após a grande explosão de 1810, está ladeado por um fosso e é composto apenas por faces em alvenaria rústica, com uma guarita. No Baluarte de Santa Bárbara, dotado de 23 canhoeriras, encontramos a *Praça Alta*, ponto mais alto da vila e da sua fortaleza, sua atalaia, permitindo vigiar a aproximação do inimigo e o interior de Almeida. Essa, talvez, a razão de se ter adotado o seu nome para um jornal local. Despojada de armamento, encontramos hoje na Praça Alta uma plataforma para tiro de morteiro e uma lápide onde se homenageia a morte do tenente John Beresford, oficial britânico morto em 1812 “*por effecto de uma mina*” no cerco a Ciudad Rodrigo, integrado nas tropas do Duque de Wellington.

Picadeiro d'El Rey
09h00-12h00 e 14h00-17h00
Entrada gratuita.

Disponível com marcação: passeios a cavalo e passeios de charrete por Almeida

Largo do Picadeiro, 6
Tel.: (+351) 925 487 589
picadeirodelrey@cm-almeida.pt



Mais informação:
<https://www.cm-almeida.pt/picadeiro-del-rey/>



05 Casa da Roda dos Expostos



Inspirados pela paisagem desafogada para Norte e, a Sul, da vila, sugerimos regressar ao seu interior e visitar um vestígio de um passado recentemente restaurado: o Núcleo Museológico da Casa da Roda dos Expostos. Prática antiga (medieval) em Portugal, consistia num mecanismo giratório em forma de tambor, embutido numa parede ou numa porta de um convento ou mosteiro (por norma feminino) utilizado para abandonar (*expor* ou *enjeitar*) crianças recém-nascidas de forma anónima, sem a mãe ser vista. As *rodas* conheceriam um forte incremento a partir de 1498, com a criação da Santa Casa da Misericórdia por D. Leonor, viúva de D. João II, financiando também as Câmaras Municipais estas instituições e as suas amas de leite. A grande transformação nas rodas dos expostos, de que este equipamento cultural é testemunho, seria contudo efetuada no século XVIII com o Intendente de D. Maria I, D. Diogo de Pina Manique, responsável também pela instituição da Casa Pia (para onde os expostos deviam ser encaminhados quando atingissem os seis ou sete anos de idade) através da circular de 24 de maio de 1783, que reconhecia a importância a nível nacional da *Roda dos Expostos* ou *dos Enjeitados* e decretava a sua criação em todas as grandes localidades do país.



10 Solar de São João da Praça/Casa da Memória

A *Casa da Roda dos Expostos* de Almeida constitui assim um vestígio (tardio, de 1843) de uma realidade ainda hoje existente, mas que foi em tempos muito presente e um grave e problemático flagelo social, que as Câmaras, a Misericórdia e a Igreja tentavam minimizar.

Propomos que, daqui, sigamos para a *Casa-Memória*, o *Solar de São João da Praça*, na arejada Praça Dr. Casimiro Matias (antiga Praça São João). Trata-se de uma casa-museu interessante de vários ângulos, seja do ponto de vista da história da vida privada ou da história da medicina/ farmacologia, da arquitetura doméstica (do som, luz, temperatura e circulação de espaços) ou do protocolo envolvendo o acesso aos Governadores militares de Almeida. Tendo o Solar sido construído em 1726 pelo coronel de infantaria José Delgado Freire, sobreviveu este edifício até aos nossos dias, proporcionando a exposição e a sua visita



Casa Solar São João da Praça
Visitas guiadas; Visitas a Almeida em Jeep de 1942; provas de produtos endógenos, vinhos e licores; loja produtos locais.
Marcar visita com 3 dias de antecedência.
 Praça Dr. Casimiro Matias, 16
 Tel.: (+351) 271 571 103
 solarsaojoao@risoturismo.pt
 www.risoturismo.pt

o conhecimento do quotidiano de uma casa fidalga localizada numa praça de guerra dos séculos XVIII e XIX, a nível internacional.

O próximo ponto da nossa visita tem de ser, claro, o Museu Militar de Almeida **04**, localizado no Baluarte de São João de Deus **03**. Trata-se de um museu instalado num dos primeiros baluartes da fortaleza a ser construído.

04 *Museu Histórico Militar de Almeida*

Museu Histórico Militar de Almeida

Ter - Sex: 09h00-12h30 e 14h00-17h30

Sáb - Dom - Feriados: 10h00-12h30 e 14h00-17h30

Encerra: 1 janeiro, 1 novembro, 24 e 25 dezembro

Rua da Muralha, Baluarte de São João de Deus

Tel: (+351) 271 571 229

museu.militar@cm-almeida.pt

Apropriado para visitantes com mobilidade reduzida.

Programação regular: Domingos em Família (Arqueologia).

Visitas Guiadas.

Mais informação:

<https://www.cm-almeida.pt/conhecer-almeida/historia-de-almeida-2-2-2-3/>



visitei





03 Baluarte de São João de Deus/
Cobertura do Museu

Nas 20 salas das *Casamatas* ou *Quartéis Velhos* subterrâneos, situadas no Baluarte de São João de Deus onde ontem se abrigavam os militares da guarnição e a população civil em situações de bombardeamento (aí se guardando mantimentos, pólvora e munições) e onde chegou a funcionar uma prisão, hoje podemos visitar um bom museu militar, com coleções compostas de peças originais e réplicas, e uma exposição sobre a arte da guerra que vai do Neolítico até à I Guerra Mundial. Aproveitando o *esprit du lieu* e o seu potencial cenográfico, trata-se de um espaço interativo e com recursos multimédia que permite também uma sã leitura da história de Portugal, recomendando-se a visita.

Terminamos o nosso percurso intramuros com a sugestão de paragem na igreja do antigo Convento do Loreto. Sabemos que o Convento das Freiras Terceiras Regulares de São Francisco, dedicado a Nossa Senhora do Loreto terá sido construído em meados do século XVI, dado que se lhe faz referência a partir de meados de Quinhentos e que, em 1590, falece a sua primeira Abadessa. Se em 1695 uma explosão no



04 Museu Histórico Militar de Almeida

paiol do (ainda assim) distante castelo de São Dinis provocaria danos no edifício, a sua integridade estaria garantida até meados do século XVIII – edificando-se em 1699 a capela do Menino Jesus, Maneirista e ainda presente na igreja. Só em 1767 se daria a saída das freiras do convento e a transformação do edifício em quartel de infantaria e hospital militar, com a abertura de novos vãos e transformação das celas em casernas e enfermarias.

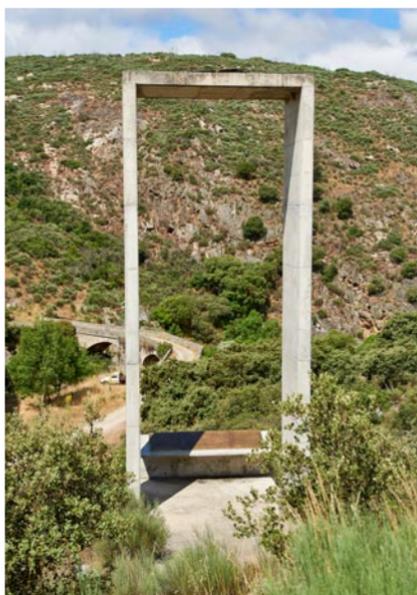
Em 1810, a enorme explosão no paiol do castelo provocaria a destruição quase total do antigo convento, apenas restando o hospital e a igreja. É hoje a igreja matriz de Almeida de invocação de Nossa Senhora das Candeias – sendo que a torre sineira seria construída já no século XX (1931) por subscrição pública. Trata-se de um templo de origem quinhentista, rústico, bem conservado e interessante, a merecer a visita e a refletir sobre a sua história.

Extramuros

Na busca pelo património de Almeida e sua história, recomendamos que também saiamos das suas muralhas, ao encontro de marcas do tempo que envolveram esta praça de guerra.

O primeiro ponto da nossa visita terá de ser a ponte sobre o rio Côa e o imponente memorial que recentemente foi colocado na sua cercania, permitindo-nos uma vista sobre a aspereza do terreno onde em 24 de julho de 1810 se travou a Batalha do Côa, que antecedeu o cerco da fortaleza.

Granítica e adaptada à rudeza da natureza circundante, a ponte é na sua origem seiscentista, tendo sido reedificada no século XIX.



Memorial do Côa

Se a batalha entre as tropas anglo-lusas e as forças do exército francês do Marechal Ney neste local (Cabeço Negro), em 24 de julho de 1810, foi longamente recordada por uma cruz colocada sobre um rochedo



Ponte sobre o Rio Côa

junto à ponte, em 2010 seria inaugurado com a merecida pompa um memorial que honra quem aqui batalhou e morreu.

Após esta visita, recomendamos que iniciemos uma curta viagem para Este e Sul, no final dos itinerários de um **ALM1** e dois dias **ALM2**, para a descoberta de Castelo Bom e Castelo Mendo.

A descoberta da aldeia de Castelo Bom **07** > **10** é uma surpresa, pois se o castelo – a fortaleza militar medieval, parcialmente adaptada à arquitetura da época moderna – foi destruído pelas tropas francesas quase na sua totalidade, hoje encontramos uma aldeia em que os troços de muralhas restantes, os poços destinados a resistir a um cerco (o d’El-Rei e o da Escada) as portas fortificadas, estão totalmente integrados na malha civil da aldeia, sendo visível um grande reaproveitamento de materiais.



08 Igreja de Nossa Senhora da Assunção, Castelo Bom



Casa do Fidalgo, Castelo Bom



07 Ruínas do castelo e rua em Castelo Bom



Destaque, nesta aldeia que recebeu carta de foral por D. Dinis, e mais tarde por D. Manuel, para os belíssimos antigos paços do concelho, datados do século XVI, contemporâneos do pelourinho (de que só existe a base e parte da coluna) e para a igreja matriz de finais do século XVIII (igreja de Nossa Senhora da Assunção) em ótimo estado de conservação. Um templo que acolhe, além de um belo retábulo de talha dourada, um púlpito extraordinário, em madeira ricamente pintada, a merecer uma visita.

A menos de 10 quilómetros, encontramos a Aldeia Histórica de Castelo Mendo ¹⁴, aldeia-fortaleza de origens pré-românicas, também antiga cabeça de concelho, embora com foral mais antigo, outorgado por S. Sancho II. Tendo vindo a ser recuperada, restaurada e adaptada nas últimas décadas, esta aldeia constitui uma pequena cápsula de tempo, com a entrada por uma

das portas fortificadas no burgo velho a transportar-nos para a centúria de 1500 (1513), altura em que Duarte D'Armas debuxou esta fortaleza tão importante na defesa da fronteira, da mesma forma que desenhou também Castelo Bom, então com quatro torres.

Recomendamos que em Castelo Mendo entremos pela Porta da Vila, a principal e contemporânea da muralha interior que rodeia o castelo, datada de finais do século XIII sob o reinado de D. Dinis. Hoje é guardada por dois *berrões* (apelidados de *verracos* do outro lado da raia) esculturas milenares (séculos V-IV a.C. e o século II d.C.) de porcos ou bois, simbolizando fartura e fertilidade. Subamos a calçada medieval entre o casario, para arribar ao castelo ¹⁸, e não deixemos de nos demorar nas ruínas da igreja de Santa Maria do Castelo ¹⁹, símbolo da grandeza de outrora de Castelo Mendo. Mais abaixo na



¹⁷ Pelourinho, Castelo Mendo



¹⁴ Casario e Porta da Vila, Castelo Mendo

aldeia, concorre neste sentido o pelourinho **17**, monumental, junto à igreja de São Pedro e à casa do largo, quinhestista, que nos últimos tempos acolhe a Junta de Freguesia.

Após a visita a Castelo Mendo, no seguimento dos itinerários de dois **ALM2**, três **ALM3** e quatro dias **ALM4**, onde, junto à fronteira, na Estação de Caminhos de Ferro de Vilar Formoso **01** – uma *fronteira da paz* – nos deparamos

com o núcleo museológico desenvolvido pela Câmara de Almeida, o *Memorial aos Refugiados e ao Cônsul Aristides de Sousa Mendes* **03**. Trata-se, julgamos, de uma visita obrigatória, tornando-se o tema deste museu da maior atualidade dado que escrevemos este roteiro em 2022, afluindo hoje ao Norte Atlântico, à Europa e, claro, a Portugal, milhões de refugiados, fugindo de conflitos e perseguições desumanas por todo o mundo.



19 Igreja de Santa Maria do Castelo, Castelo Mendo



Para visita guiada contactar o Turismo de Almeida: Tel: (+351) 271 570 020



01 Estação de Vilar Formoso

Um museu dedicado também à homenagem a Aristides de Sousa Mendes, cuja humanidade e coragem são assim celebradas, ficando mais presente o seu exemplo para o futuro.

visitar

Locomotiva da REFER.

100% acessível;
Audioguia (PT, EN, ES, FR);
Peddy-paper Crianças.
Para grupos com +10
pessoas marcar
previamente.

i

Fronteira da Paz/ Memorial aos Refugiados e ao Cônsul Aristides de Sousa Mendes
Ter-Sex: 09h00-12h30 e 14h00-17h30
Sáb-Dom-Ferriados: 10h00-12h30 e 14h00-17h30
Encerra: 1 jan., 1 nov. e 24 e 25 dez.
Tel.: (+351) 271 149 459
fronteiradapaz@cm-almeida.pt



03 Fronteira da Paz/ Memorial aos Refugiados e ao Cônsul Aristides de Sousa Mendes

Junto ao memorial não deixe de apreciar os painéis de azulejos que representam sobretudo paisagens, e motivos etnográficos de todo o país, pintados pelo aguarelista João Alves de Sá e executados na fábrica de cerâmica Viúva Lamego. No centro da povoação é também motivo de interesse a Igreja de São João Batista e o seu teto mudéjar.



ALM2 Recomendamos que de seguida volvamos para Freineda, freguesia de Almeida e por onde passou também a guerra, tendo estado nesta localidade granfítica estacionado o quartel-general do Duque de Wellington durante seis meses, de novembro de 1812 até maio de 1813, aboletado no solar brasonado do século XVIII, dos morgados de Freineda, cujo gabinete esteve instalado na capela de São José. A casa **05**, ainda hoje habitada, continua a sobressair na povoação, que pouco terá mudado na sua fisionomia desde os tempos de Wellington, que em Portugal foi também Marquês de Torres Vedras e Duque da Vitória. Uma visita que nos permite, certa-

mente, comparar o aparato dos atuais estados-maiores com o de um marechal de Oitocentos na preparação das suas campanhas, que o levaria vitorioso do Vimeiro a Waterloo, e mais tarde para o primeiro palco da política britânica.

Ainda em Freineda, destaque para a igreja Matriz **06**, do século XVIII, com um altar barroco com bem conservada talha dourada, ostentando um teto de 45 caixotões com belíssimas pinturas a óleo de santos. A merecer sem dúvida a visita.



Contactar o Turismo de Almeida:
Tel.: (+351) 271 570 020



05 Casa Wellington, Freineda



Capela de Santa Eufémia, Freineda



06 Igreja Matriz de Freineda



Malhada Sorda:

- 02 Relógio de Sol e Esnoga,
- 04 Capela de Nossa Senhora da Ajuda



Depois de Freineda, sugerimos que rumemos à freguesia de Malhada Sorda, uma povoação antiga, plena de memórias e vestígios dos povos que aqui viveram e passaram (em transumância pastoril, originando o nome da aldeia) desde o neolítico. Começamos um pouco afastados do centro, pela sinagoga 02. Visitável e bem interessante pelas suas dimensões e narrativa interior, trata-se de uma casa quinhentista, com uma janela rústica com elementos manuelinos, possuindo um relógio de sol (possivelmente do século XVII) onde não se encontram elementos associados a uma sinagoga ou uma casa judaica. Apenas a tradição oral o confirma, com a sua força, além da profusão de elementos cristãos como a pia de água benta encimada por uma cruz numa das paredes, numa aldeia

com perto de quarenta casas com marcas cruciformes nas fachadas, afastando suspeições do *Santo Ofício*.

Num registo católico, recomendamos a descoberta da Capela de Nossa Senhora da Ajuda 04, templo cuja origem é medieval dado que no século XVI se encontram referências a uma ermida, com sino, no local da atual capela. Não se conhecendo exatamente a data da fundação da presente capela, uma bula de 1629 do Papa Urbano VIII concedia indulgência perpétua aos fiéis que a visitassem no primeiro de maio, revelando a sua importância para o culto. Reforçando esta realidade, em meados do século XVIII é construído um convento de Agostinhos Descalços, com o patrocínio de D. João V para concluírem esta empresa. Um convento entretanto destruído após o



01 Igreja de São Miguel,
Malhada Sorda



decreto de extinção das Ordens Religiosas de 1834, dele existindo apenas ruínas. A igreja que podemos visitar presentemente, a 500 metros do rio Côa, é surpreendente, desde logo pela sua altura (pé direito) o pavimento em mosaico (ladrilho hidráulico, do século XVIII) e a tribuna, alta e com moldura de entrelaçados, tendo no interior uma imagem da Nossa Senhora. A visitar, certamente, por altura da romaria entre 5 a 9 de setembro, que foi em tempos uma das maiores desta região, continuando a atrair povos de toda a raia.

Apontamos de seguida para o nosso último ponto desta viagem pelo concelho de Almeida e pela aldeia de Malhada Sorda: a igreja matriz de São Miguel 01. Estando, tal como a capela de Nossa Senhora da Ajuda, classificada desde 1997 como Imóvel de Interesse Público, trata-se de um templo de origem medieval cujas obras dos séculos XVI e XVII submergiram a estrutura original. Toda granítica e sem reboco exterior, a igreja é precedida por uma estrutura do século XVIII, um portal com a torre sineira anexa, de maior aparato que o próprio templo. De uma só nave, conta com cinco tramos, marcados no exterior por *gigantes*, contrafortes, e no interior por arcos baixos, que conferem uma luminosidade e um ambiente particulares a este templo. Mantém, no entanto, uma forte autenticidade, visível por exemplo, nos motivos brutescos do arco triunfal, nas pinturas murais junto à tribuna, com os vários painéis com molduras largas, decoradas por motivos fitomórficos, a representar a “Criação de Adão”, “Criação de Eva”, “Adão e Eva no Paraíso”, “Pecado original”, “Expulsão do Paraíso” e “São Miguel Pesando as Almas”. São também de destacar os caixotões pintados com cenas da vida da Virgem e de Cristo, na abóbada de berço abatido na capela-mor, bem como altar, barroco, de bela talha dourada e bem conservado.

Sem dúvida um bom remate para uma viagem pelo património do concelho de Almeida.

i

Malhada Sorda:
Igreja de São Miguel e
Capela de Nossa Senhora da Ajuda
Francisco Flor: Tel.: (+351) 963 984 511
Esnoga de Malhada Sorda e
Museu do Padre José Pinto
D. Patrícia: Tel.: (+351) 911 859 775
Para visitas (todos): marcação um dia antes

Itinerários recomendados

TENDO ALMEIDA POR BASE

ALM3 Após dois dias de visita a Almeida e aos seus atrativos patrimoniais mais cercanos, estaremos prontos para a descoberta de vários pontos de interesse que lhe recomendamos. Desde logo, após a visita a Vilar Formoso, é com naturalidade que avançamos para Ciudad Rodrigo **05** > **09**, a milenar Miróbriga, sítio de interesse histórico e patrimonial.

Já fazendo hoje parte do *Consórcio Transfronteiriço de Cidades Amuralhadas*, Ciudad Rodrigo é uma jóia da raia, amuralhada e abualartada, com uma história e patrimónios milenares, onde um visitante

se pode perder por vários dias, descobrindo a muralha e as suas várias intervenções, a catedral medieval **06**, as ruínas do convento de São Francisco, os sítios arqueológicos vizinhos... uma oferta cultural do maior interesse e que prenderá o visitante a este *ayuntamiento*.

ALM4 No regresso a Portugal, sugerimos que reentre no nosso país em Barca d'Alva, atravessando a ponte sobre o rio Águeda, que passa em Ciudad Rodrigo. Nesta aldeia em cima da raia e bem integrada num Douro verdadeiramente internacional, recomendamos entregar-se por meio dia ou um dia inteiro à descoberta das águas e das paisagens deste rio embarcando num dos cruzeiros que aportam a Barca d'Alva.

O ponto seguinte do nosso itinerário levamos a voltar ao Riba-Côa e à fortaleza de Castelo Melhor **03**, que parece um tesouro intocado, pronto a ser estudado por campanhas arqueológicas. O castelo que hoje calcorreamos a ser de origem Leo-



Vista panorâmica de Ciudad Rodrigo
Foto: Emilio Estudio

nesa, do século XIII, época no final da qual Castelo Melhor passou para a Coroa portuguesa, com D. Dinis e o Tratado de Alcanizes (1297). Recordando-nos que já estamos na região do Riba-Côa e perto do Parque Arqueológico do Vale do Côa **04** (e do seu museu, a visitar sem dúvida) em torno de Castelo Melhor encontramos vários sítios arqueológicos, pré-históricos (como na Penascosa, limite de Almendra, onde existe um importante núcleo de gravuras rupestres do Paleolítico Superior, e nos lugares de Meijapão e Ribeiro do Poio onde se encontram vestígios de gravuras da Idade do Ferro) e romanos, com destaque para a *villa* de Orgal. Um património ainda em estudo e disponível para a descoberta, com um potencial visível, a visitar de perto para acompanhar os progressos que escavações e investigações históricas revelarão futuramente.

O mesmo se poderá dizer de Numão, ponto seguinte no nosso itinerário. Povoador provavelmente pré-romano e de relativa importância estratégica para as gentes de Roma, pela proximidade das vias e centros urbanos que lhe são vizinhos, encontramos hoje em Numão um castelo da Baixa Idade Média cristalizado na sua deterioração graças às intervenções estatais dos anos 40 do século passado. De um recinto amuralhado que possuía, ao tempo de D. Dinis, quatro portas e quinze torres – demonstrando a importância desta praça – restam hoje seis torres, as ruínas da igreja românica de Santa Maria, a cisterna e pouco mais. Pedras que nos pedem mais estudos e sondagens para que delas se extraiam História.

Rumando para Sul, nestes itinerários-incursores com base em Almeida, recomen-

damos que num quinto dia de visita se aponte o foco do nosso interesse e curiosidade para Pinhel, antes de arribarmos a localidades como Belmonte, Sortelha e Castelo Novo.

Em Pinhel, vila medieval e cidade desde o século XVIII, encontramos equipamentos culturais modernos e bem estruturados que nos permitem descobrir o seu recinto amuralhado medieval, com as suas duas bem preservadas torres (de menagem e da prisão) e um interessante roteiro arquitetónico religioso-civil que vai do século XIV ao século XIX, em bom estado de conservação e acarinhado pelos pinhelenses. Vale a pena uma visita demorada de meio dia ou dia inteiro à *Cidade Falcão* como foi apodada por D. João I, ainda guardada por pinheiros e carvalhos, aproveitando para descobrir a excelente gastronomia e produção vinícola, dona de um carácter muito próprio e de grande qualidade.

Seguimos de seguida para Sul, aportando a Belmonte e Sortelha. De notar que entre estas duas localidades, com os seus castelos (ao quais se somavam os de Vila de Touro) se estendia a linha defensiva do Alto Côa até à assinatura do Tratado de Alcanizes em 1297.

Em Belmonte **05**, terra que viu nascer Pedro Álvares Cabral, não deixe de visitar os vestígios pré-históricos vizinhos (sítios



Museu da Fundação do Côa

Outubro - fevereiro: 09h00-17h30

Março - maio: 09h00-18h00

Junho - setembro: 09h00-19h00

Encerra: 1 jan., 1 mai., 25 dez.; Às segundas, de 1 de nov. a 31 de mar., mas é possível fazer visita aos sítios de arte rupestre.

Tel.: (+351) 279 768 260

de Ínguias e de Caria) e os romanos, com destaque para o fantástico e misterioso *Centum Cellas* e a *villa* da Quinta da Fórnea. Perca-se depois no casario medieval de Belmonte e pelos ótimos museus que aqui existem, nomeadamente o Museu Judaico, o Museu dos Descobrimentos e o Ecomuseu, equipamentos de primeira água museológica. Não deixe de visitar o Castelo e, à saída, a Igreja de Santiago e Panteão dos Cabrais, que marcaram presença em Belmonte desde o início da nacionalidade.

De Belmonte a Sortelha é um curto salto, devendo abordar-se esta pacata aldeia hoje adormecida como uma antiga sede de concelho, que só no século XIX perdeu importância e ganhou *interioridade*, esvaziando-se a sua autoridade e importância local. A visita ao seu casario medieval e moderno, constituído de sólidas moradias de porte já considerável, correspondendo à *honra* dos seus habitantes, revela a dinâmica de Sortelha em tempos medievais, com Casa de Câmara, pelourinho, castelo românico, Misericórdia e seu hospital, diversas fontes e fontanário municipal monumental.

ALM5 O itinerário do quinto dia destas deambulações patrimoniais assentes em Almeida leva-nos para mais um ponto, isto se não decidirmos antes a descoberta do Sabugal, milenar e cheio de vida, com um interessantíssimo museu. Tudo dependerá da meteorologia – o calor na Beira Alta no verão pode ser abrasador – da energia e curiosidade do visitante.

Recomendamos pois que o ponto seguinte no nosso itinerário seja a aldeia de Castelo Novo, terra Templária e antiga sede de concelho. Integrada nas Aldeias

Históricas de Portugal, é uma pérola bem conservada, granítica, roqueira, que acolhe quem a visita com vários pontos de interesse, sendo que alguns são raros, caso da *Lagariça*, um lugar de vinho que pode remontar ao século VIII, com pias escavadas na pedra. A não perder também em Castelo Novo, numa região famosa pelas suas águas, a passagem pelo antigo hotel termal das Águas do Alardo, que hoje felizmente ainda se encontra disponível na maior parte do nosso país e, por vezes, no estrangeiro dada a sua qualidade. A provar e a comprovar as suas características distintivas.

ALM6 Segue-se nos nossos itinerários uma visita de sexto dia com um pé em Almeida, levando-nos decididamente para Sul, já com um olhar em Marvão, mas detendo-nos em duas incríveis aldeias da Beira Baixa, muito juntas uma da outra, muito diferentes no entanto em todo um tipo de vida, história e património.

Com efeito, a visita a Monsanto **05 > 09**, aquela que foi em tempos apodada a *aldeia mais portuguesa de Portugal* pelo seu ar castiço, pelas suas labirínticas ruas floridas e pelas suas gentes autênticas, transporta-nos para uma vivência medieval, de acordo com sua origem de tempos cristãos (os vestígios de ocupação humana são muito antigos, remontam ao Paleolítico) com a presença templária e depois da Coroa por-



Belmonte:

Percurso do Cabral
Percurso do Criptojudaísmo
 Museu dos Descobrimentos +
 Exposição Indígena
 Visitas guiadas sujeita a marcação prévia
 Tlf.: (+351) 275 088 698
 empds.belmonte@gmail.com

tuguesa, que desde os seus primeiros monarcas reconheceu em Monsanto homens-bons e vizinhos capazes de administrar uma terra com foral. É um património de granito que nos recebe, com múltiplos pontos de interesse ao nível do património religioso e civil, além do militar, claro. Não deixe de visitar dois templos bem preservados e que marcam o fim da arquitetura e arte românica portuguesa no início do século XIII: a igreja de São Miguel e a capela de São Pedro de Vir-a-Corça, que sem um grande esforço imaginativo ou contemplativo nos mergulham na nossa Idade Média.

Uma visita dura, de difíceis acessibilidades, vencíveis com a amabilidade das gentes de Monsanto. Podemos, desde esta aldeia, descer uma íngreme e antiga calçada até ao nosso último ponto do itinerário, Idanha-a-Velha, um percurso que só recomendamos aos mais afoitos e desportistas, que não deixará de maravilhar.

A visita a Idanha-a-Velha **01**>**04** é essencial para os apaixonados de história e particularmente para os que buscam a memória da presença romana em Portugal e o que dela sobreveio. Terá sido fundada no século I da nossa era, a antiga *Oppidum Stipendiarium* e depois *Civitas Igaeditanorum*, velando sobre a via romana que aqui cruzava o rio Ponsul, que ainda hoje corre vagarosa e fertilmente aos seus pés. A visita à sossegada aldeia que encontramos hoje encerra bem conservadas vários estratos muito visíveis representando 2000 anos de história.

Um bom exemplo, de entre muitos, será a catedral, a igreja de Santa Maria **01**, perto do pódio do templo ao culto imperial romano que, 1000 anos mais tarde, foi adaptado a base da torre de menagem templária.

A catedral, dizíamos, será de fundação visigótica, poderá ter sido adaptada a mesquita pelo fundador de Marvão (o muladi Ibn Marwan) voltando para a cristandade no século XII com os cavaleiros do Templo, recebendo depois constantes obras a acrescentos dos seus contemporâneos, com destaque para a época de D. Manuel, até ao século XX. Um monumento fascinante, rodeado por uma necrópole romana e cristã medieval, que funcionou até ao século XIX, e pelas ruínas do que pode ter sido um palácio episcopal suevo ou visigótico.

Idanha-a-Velha é, certamente, um dos mais complexos, interessantes e completos sítios histórico-arqueológicos de Portugal. A visitar, sem dúvida, e a voltar, em diferentes alturas do ano, para tentar captar o *esprit du lieu*.

É, certamente, uma ligação de excelência para o ponto seguinte do nosso Roteiro, a fortaleza de Marvão.



Guarita,
Fortaleza
de Almeida



Almeida

Fortaleza, Centro Histórico
e Castelo Mendo

Mais informação:

<https://www.cm-almeida.pt/conhecer-almeida/mapas-de-almeida/>



Castelo Mendo



FORTALEZAS
ABALUARTADAS
DA RAIA



ALM1/2

Meio dia (Pedestre - Bicicleta)

- 01 CIFAR (Portas de São Francisco)
▼
- 02 Posto de Turismo (Baluarte de São Francisco)
▼ 450 m / 5 min.
- 03 Baluarte de São João de Deus (cobertura do Museu)
▼
- 04 Museu Histórico Militar de Almeida
▼ 100 m / 1 min.
- 05 Casa da Roda dos Expostos
▼ 100 m / 1 min.
- 06 Praça Alta - Túmulo de John Beresford
▼ 300 m / 4 min.
- 07 Picadeiro D'El Rey
▼ 300 m / 4 min.
- 08 Ruínas do Castelo
▼ 300 m / 4 min.
- 09 Portas Exteriores de Santo António (CEAMA - Centro de Estudos de Arquitetura Militar de Almeida)

ALM1

1 Dia

(Pedestre - Bicicleta)

ALM1/2 + 10 ▶ 19

- 10 Solar São João - Casa Memória
▼ 150 m / 2 min.
- 11 Quartel de Esquadras (Exposição Temporária)
▼ 350 m / 4 min.
- 12 Câmara Municipal
▼ 100 m / 1 min.
- 13 Rua do Arco
▼ 200 m / 3 min.

(Bicicleta - Carro)

▼ 19/22 km / 1h15/23 min.

Aldeia Histórica de Castelo Mendo

- 14 Porta da Vila
▼ 150 m / 2 min.
- 15 Janelas Manuelinas
▼ 200 m / 3 min.
- 16 Igreja de São Pedro
▼ 200 m / 3 min.
- 17 Pelourinho
▼ 200 m / 3 min.
- 18 Ruínas do Castelo
▼ 200 m / 3 min.
- 19 Igreja de Santa Maria

Extras

Casa Brasonada Antiga Câmara (Rua dos Quartéis), Atual Câmara (antigo Quartel e Cadeia), Forno da Rua dos Fornos, Convento das Freiras.

Experiência

Picadeiro D'El Rey (Aula de volteio principiantes (15/20 min.) - 8,00€/pax; Passeio a cavalo com acompanhante (40/50 min.) - 20,00€/pax; Passeio de charrete (20 min.) - 20,00 € para 4 a 5 pax/ 30,00€ para 6 a 7 pax).

A não perder

Experimente a Ginjinha de Almeida (Casa da Amélia ou no Bar S. Francisco na Rua Afonso de Albuquerque).

Prove os enchidos do T'Almeida (na Rua Joaquim Carvalho dos Santos)

Experimente os doces e bolos tradicionais da Pastelaria D'Alma e Canela (na Rua Comendador Cardoso).

Casa de Artes & Ofícios - Artesanato.

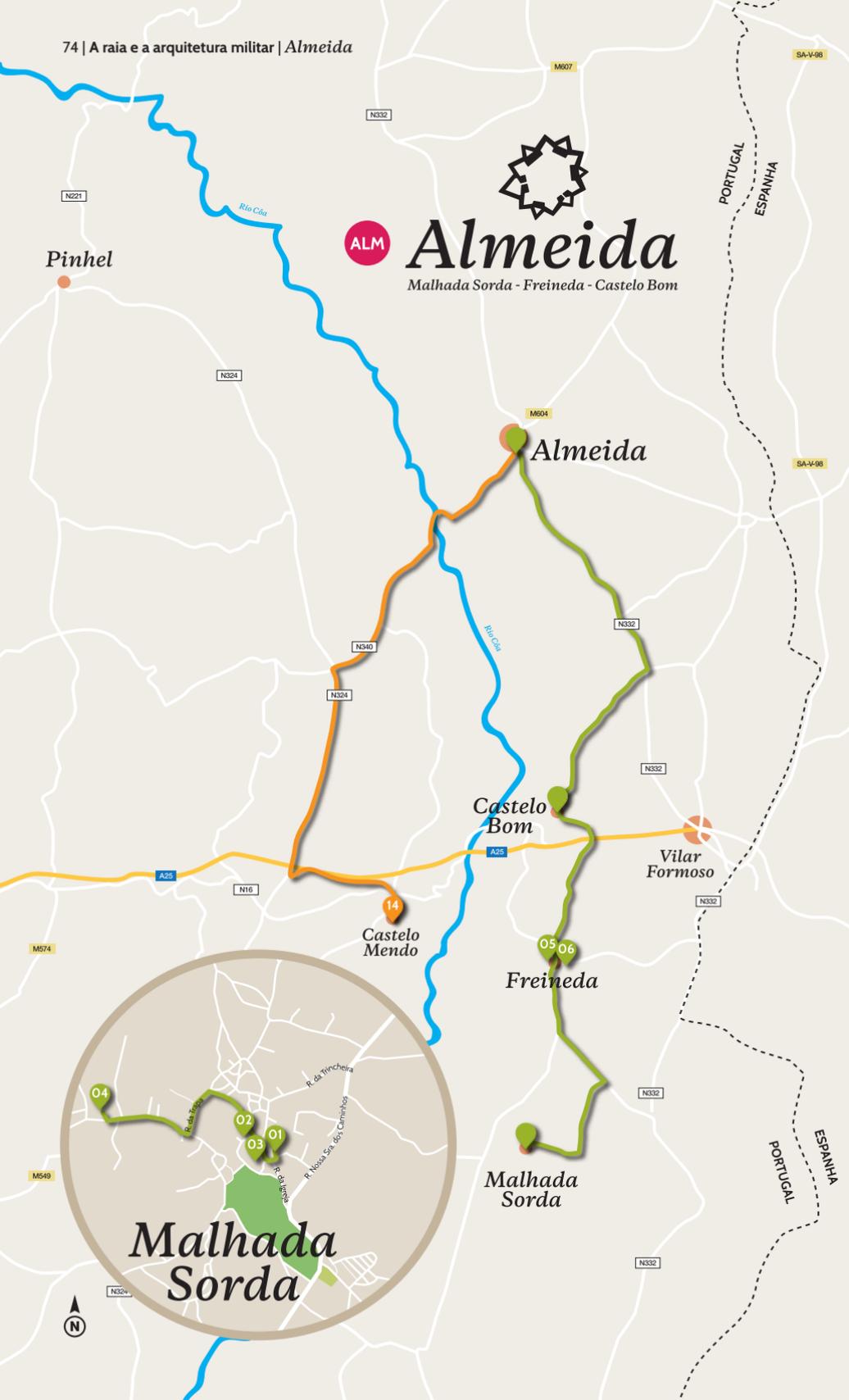
Extras

Visita à Ponte e Memorial no Rio Côa; Termas de Almeida - Fonte Santa

Experiência

Ciclovía de Almeida





Almeida

Malhada Sorda - Freineda - Castelo Bom

Pinhel

Almeida

Castelo Bom

Vilar Formoso

Castelo Mendo

Freineda

Malhada Sorda

Malhada Sorda

PORTUGAL
ESPAÑA

PORTUGAL
ESPAÑA



R. da Trincheira
R. Nossa Sra. 667, Caminhos
R. da Freineda

O4
O2
O3
O1

SA-V-98

SA-V-98

M607

N332

N221

N324

M604

N340

N324

A25

N16

M574

A25

N332

N332

N332

N332

N204

ALM2

2 Dias

(Pedestre - Carro)

ALM1 + 01 ▶ 10

Malhada Sorda

- 01 Igreja de São Miguel
▼ 100 m / 1 min.
- 02 Esnoga de Malhada Sorda
▼ 50 m / 1 min.
- 03 Museu do Padre José Pinto
▼ 700 m / 9/2 min.
- 04 Capela de Nossa Senhora da Ajuda

(Bicicleta - Carro)

Freineda

- 05 Capela de São José "Wellington"
▼ 7 km / 23/7 min.
- 06 Igreja Matriz de Freineda

(Bicicleta - Pedestre - Carro)

Castelo Bom

- 07 Ruínas do Castelo
▼ 5 km / 22/8 min.
- 08 Igreja de Nossa Senhora da Assunção
▼ 100 m / 2 min.
- 09 Sepultura Antropomórfica
▼ 200 m / 3 min.
- 10 Capela de São Martinho

Experiência 1

Aldeia de São Sebastião
Canoagem ou Rapel
Associação Desportiva, Cultural e Social
de Aldeia de São Sebastião
(Largo da Igreja, 6)

Experiência 2

São Sebastião/ Freineda
Passeio equestre
(só com marcação prévia)
Picadeiro
(Largo do Picadeiro, 6)

Freineda

Caminho Largo

R. das Oliveiras

Estr. da Câmara

Castelo Bom

ALM3

3 Dias

(Pedestre)

ALM2 + 01 ▶ 09

Vilar Formoso

- 01 Edifício "A Fronteira" (fachada)
▼
- 02 Alfândega/ Posto de Turismo
▼ 350 m / 5 min.
- 03 Fronteira da Paz
Memorial aos Refugiados e ao
Cônsul Aristides de Sousa Mendes
▼ 300 m / 4 min.
- 04 Locomotiva REFER

Ciudad Rodrigo

- 05 Centro de Interpretación de la Ruta de las
Fortificaciones de Frontera
▼ 500 m / 5 min
- 06 Catedral
▼ 350 m / 4 min.
- 07 Palácio de los Águila
▼ 400 m / 5 min.
- 08 Museo del Orinal
▼ 280 m / 2 min.
- 09 Visita Guiada/ Passeio pelo Centro Histórico
Mais informação (guias): t. +34 722 375 313

Extra

Siega Verde

Zona Arqueológica de Siega Verde +
Centro de Interpretación
(SA-V-200, 37497 Salamanca)

Ciudad Rodrigo

Centro Histórico

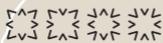
Ciudad Rodrigo

Mais informação (Fronteira da Paz):
<https://www.cm-almeida.pt/conhecer-almeida/historia-de-almeida-2-2-2-5/>



Mais informação (Ciudad Rodrigo):
<http://turismociudadrodrigo.com/category/patrimonio/>





FORTALEZAS
ABALUARTADAS
DA RAIA

ALM4 4 Dias (Carro)

ALM3 + 01 > 04

Castelo Rodrigo

01 Ruínas do Palácio
▼ 40.877545, -6.964336

Figueira de Castelo Rodrigo

02 Centro Interpretativo EPHRAIM Bueno
▼ 40.897327, -6.963136

Castelo Melhor

03 Castelo
▼ 41.023054, -7.066200

Vila Nova de Foz Côa

04 Museu da Fundação do Côa
▼ 41.080060, -7.111563

Mais informação:
<https://arte-coa.pt>



Almeida
Terras da Raia



Extra

Numão

Castelo de Numão

▼ 41.099417, -7.291187

Vila amuralhada

Experiências

Barca d'Alva

1. Passeio de barco por Barca d'Alva

(A partir de março. Barca d'Alva/Pocinho - 15,00€/pax por hora (duração: 3h30); Barca d'Alva/Douro Internacional - 15,00€/pax (duração 1h30); Passeio de 20 min - 5,00€/pax; Passeio de 30 min - 7,50€/pax)

2. Passeio de barco por Barca d'Alva/ Régua

(1 barco ao domingo, a partir do fim de maio. 09h00 às 17h30 - Percurso: Cais de Barca d'Alva - Barragem do Pocinho - Barragem da Valeira - Vila do Pinhão - Barragem de Bagaúste - chegada a Peso da Régua: 70,00€/pax (inclui: pequeno-almoço, aperitivos e almoço)/ crianças 4 aos 12 - 50% desconto)

ALM5

5 Dias

(Carro)

ALM4 + 01 ▶ 05

Pinhel

01 Centro Interpretativo do Castelo e Territórios de Pinhel

▼ 40.777152, -7.061929

02 Museu José Manuel Soares

▼ 40.773219, -7.062041

03 Museu Municipal

▼ 40.773219, -7.062041

04 Bombarda (peça de artilharia)

▼ 40.773266, -7.064186

Belmonte

05 Opção 1:

Percurso do Cabral
(Castelo de Belmonte, Museu dos Descobrimentos, Igreja de Santiago)

Opção 2:

Percurso do Criptojudaísmo
(Museu Judaico, Antiga Judiaria, Sinagoga)

Opção 3:

Museu dos Descobrimentos
+ Exposição Indígena

Extras

Sabugal

Castelo do Sabugal

▼ 40.351315, -7.093787

Sortelha

Passeio pela Aldeia Histórica de Sortelha



Artesanato em bracejo



Castelo Novo

Passeio pela Aldeia Histórica de Castelo Novo

ALM6

6 Dias

(Carro)

ALM5 + 01 ▶ 05 ▶ MRV

Idanha-a-Velha

01 Sé Catedral

▼ 39.996307, -7.144551

02 Torre dos Templários

▼ 39.995750, -7.143765

03 Lagar de Varas/ Posto de Turismo

▼ 39.996091, -7.144374

04 Poldras sobre o Rio Ponsul

▼ 39.995520, -7.145757

Monsanto

05 Percurso pela Aldeia Histórica



06 Cisterna

▼ 40.035699, -7.114019

07 Furdas ou Pocilgas

▼ 40.037110, -7.114145

08 Castelo

▼ 40.035904, -7.113869

09 Loja dos Adufes - Artesanato

Marvão

(39.395552, -7.377156)

▶ Monsanto - Marvão: 150 km / 2h00.

Ver

MRV1

MRV2

MRV3

MRV4

MRV5

Gastronomia



Os pratos de uma localidade como Almeida, da raia, trarão sempre à mesa o melhor que a pastorícia, a pecuária e a agricultura, assim como as carnes de caça têm para oferecer.

Famosos são os enchidos e os queijos, claro, assim como o azeite e o mel (especialmente importante em Freineda) presentes em vários festivais gastronómicos que se organizam nas freguesias do concelho e na sua sede, pela Páscoa, no verão e no Natal.

Onde provar a gastronomia típica de Almeida

Mais informação:
<https://www.cm-almeida.pt/espacos-municipais/localizacao-do-concelho-de-almeida/>



Destacamos como pratos a não perder: Coelho à caçador; Arroz de lebre; Cabrito e borrego assados; Burzigada (migas feitas após a matança do porco); Açorda de alho; Salada de meruges (planta aquática silvestre); Barbo grelhado; Sopa de peixe do Côa.

No tocante a doces e sobremesas, recomendam-se o Pão-de-ló, os Doces de abóbora ou cereja, a Bola doce, a Bola parda, os Biscoitos e os Esquecidos. Típicos das mesas festivas são ainda a Aletria e o Arroz doce. Não esquecer como acompanhamento, a Ginja de Almeida, a Jeropiga e outros licores feitos com ervas aromáticas da região.



Eventos municipais em Almeida

Recomendam-se as festas religiosas e feiras medievais das freguesias de Almeida, destacando aqui a programação referente à vila:

Mercado à moda antiga > fevereiro-março.

Escola do Soldado > março.

Mercado da Páscoa > abril.

Feriado Municipal (com programação diversa) > 2 de julho.

Recriação do Cerco de Almeida > último fim de semana de agosto.

Natal Tradicional > dezembro.

Festas religiosas:

Nossa Sra. das Candeias > 2 de fevereiro.

Festa de Santo Cristo da Barca > domingo de Pentecostes.

Festa de Nossa Sra. das Neves > 3.º fim de semana de agosto.

Outras festas relevantes (religiosas e/ou temáticas) que se realizam nas freguesias do concelho de Almeida e assinalados neste Roteiro:

Feira Medieval de Castelo Mendo > abril.

Festa de Nossa Sra. da Paz > Vilar Formoso > 1.ª quinzena de agosto.

Festa de Nossa Sra. da Ajuda > Malhada Sorda > de 5 a 9 de setembro.

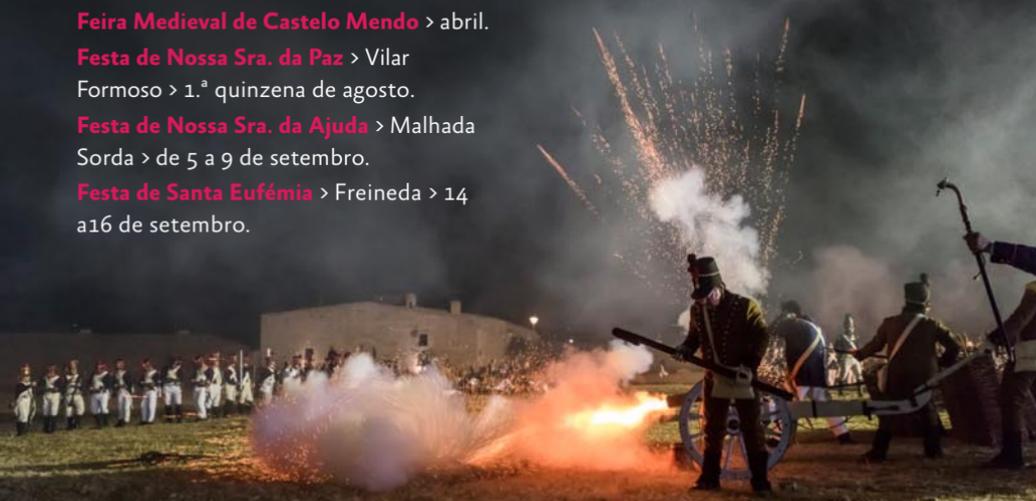
Festa de Santa Eufémia > Freineda > 14 a 16 de setembro.



Eventos anuais
de Almeida



Mais informação:
<https://www.cm-almeida.pt/eventos/>



Recriação do Cerco de Almeida



MARVÃO



FORTALEZAS
ABALUARTADAS
DA RAIA

Marvão

SÍNTESE HISTÓRICA

Chegar a Marvão, subindo do fértil vale de São Salvador de Aramenha à beira do Sever, envolve-nos em algo mais do que o arribar a mais uma antiga vila portuguesa amuralhada. Em Marvão, *Mui Nobre e Sempre Leal* desde a liberal Rainha D. Maria II, há um sentimento, uma presença especial desta terra que nos leva à poesia do Fado Alentejano de José Régio, quando este nos descrevia o seu Alto Alentejo onde “Nos teus ermos escondido/ Vim achar o meu tesoiro”, se tinha perdido “a terra ao longe/ Chegou-se-me o céu mais perto”, dando-lhe “asas e raízes”.

Não se trata de apenas mais uma vila-fortaleza, no passado calcorreada por gente, plena de barulho e buliço, a correr nos seus afazeres, hoje joia de um passado e objeto de contemplação. É uma vila em que a Câmara Municipal nos acolhe com dois poemas (de José Amaro) gravados em azulejo, lembrando-nos que Marvão é “sentinela de Aramenha/ tens Portugal a

teus pés/ e a abrir-te os braços a Espanha”. É uma vila de que Saramago, na sua *Viagem a Portugal*, dizia da qual se via “a terra toda. Compreende-se que neste lugar o viajante murmure respeitosamente: que grande é o mundo!”



Castelo de Marvão

Foto: Juan Carlos Durán

Há, pois, uma presença maior do que a própria vila, imbuída de poesia, que nos transporta entre as terras de Espanha e as areias de Portugal (nos dizeres de Fausto) e nos ancora nesta montanha, afloramento granítico-quartzítico, presidindo a um vale de castanheiros, oliveiras e sobreiros habitado desde a noite dos tempos como o demonstram os achados arqueológicos dos povoados dos Pombais, Batão, Retorta e de Vidais, que nos permitem recuar até ao Calcolítico.

Quanto a Marvão, o monte de *Ammaia* propriamente dito, os vestígios de presença humana são mais recentes. Atalaia natural, pensa-se que pelo menos desde o período romano que Marvão tenha tido ocupação como ponto estratégico militar. Estranho seria que não fosse, face ao que conhecemos do *modus operandi* romano na defesa das suas cidades, que Marvão não protegesse *Ammaia*. Os vestígios de um *castellum*, de uma fortaleza romana,



Câmara Municipal de Marvão



Largo de Santa Maria
7330-101 Marvão



(+351) 245 909 130



geral@cm-marvao.pt

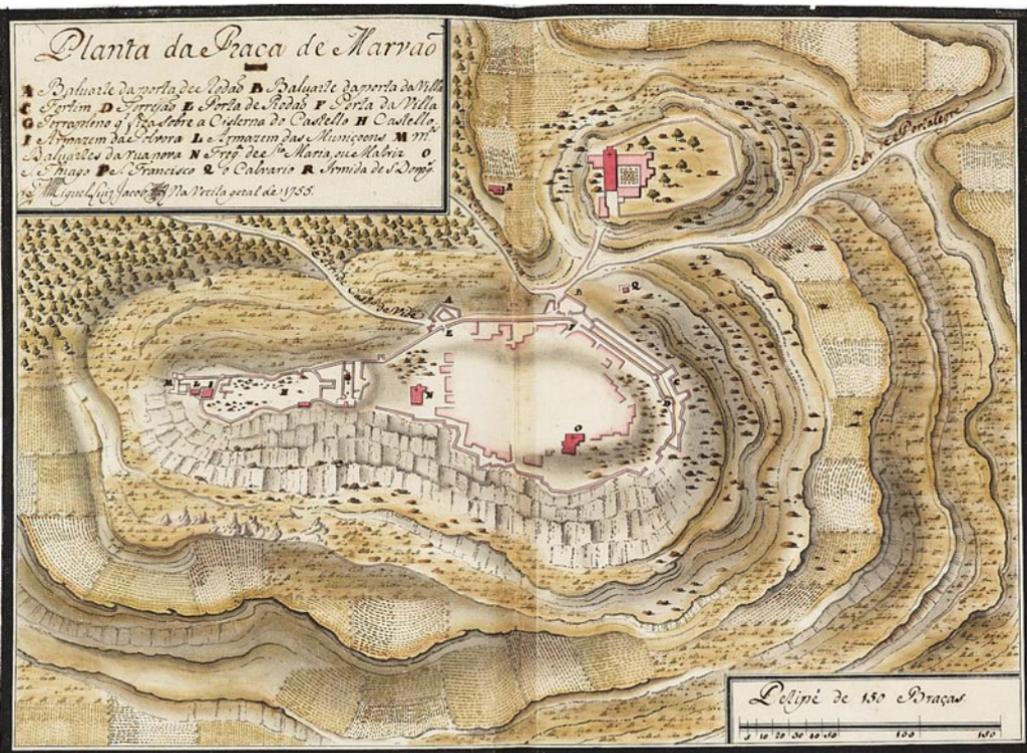


<https://www.cm-marvao.pt>



39.394547, -7.377780





Planta da Praça de Marvão
 Miguel Luiz Jacob, 1755

foram, no entanto, engolidos pelas obras medievais e, se uma ocupação bárbara pré-Islâmica houve, dela ainda não conhecemos testemunhos.

A história de Marvão, implantada no topo da serra do Sapoio, começa assim a ser documentada no século IX, quando o historiador hispano-árabe *Issa Ibn Amade Razi*, referindo-se à antiga cidade romana de *Ammaia*, destaca a sua fortaleza, de *Ibn Maruán*, que por idos da década de 880 serviu de refúgio ao fundador de Marvão, o rebelde *muladi Ibn Maruán*, líder de um movimento sufi (sendo originalmente Cristão, convertendo-se ao Islão) no *Al-Andalus*, clamando independência contra os emires de Córdoba.

A fortaleza de *Ibn Maruán* seria tomada por D. Afonso Henriques na sua cruzada, durante as campanhas de 1160/1166, sendo novamente tomada pelos hispano-árabes com *Iacube Almançor* em 1190. Só em 1226, com D. Sancho II, se daria a passagem definitiva para a Cristandade de Marvão, sendo-lhe outorgada foral e iniciando-se obras no castelo, que se assume que já existiria e que ficaria às ordens dos Cavaleiros do Templo. Revelando a importância desta praça e a sua responsabilidade no defender da raia e das margens do rio Sever, o concelho medieval de Marvão abarcava uma área imensa, indo do Tejo até Campo Maior, numa amplitude comparável à do atual distrito de Portalegre, incorporando ainda as terras castelhanas

de Valência de Alcântara, Herrera e Santiago, até às imediações de Alcântara.

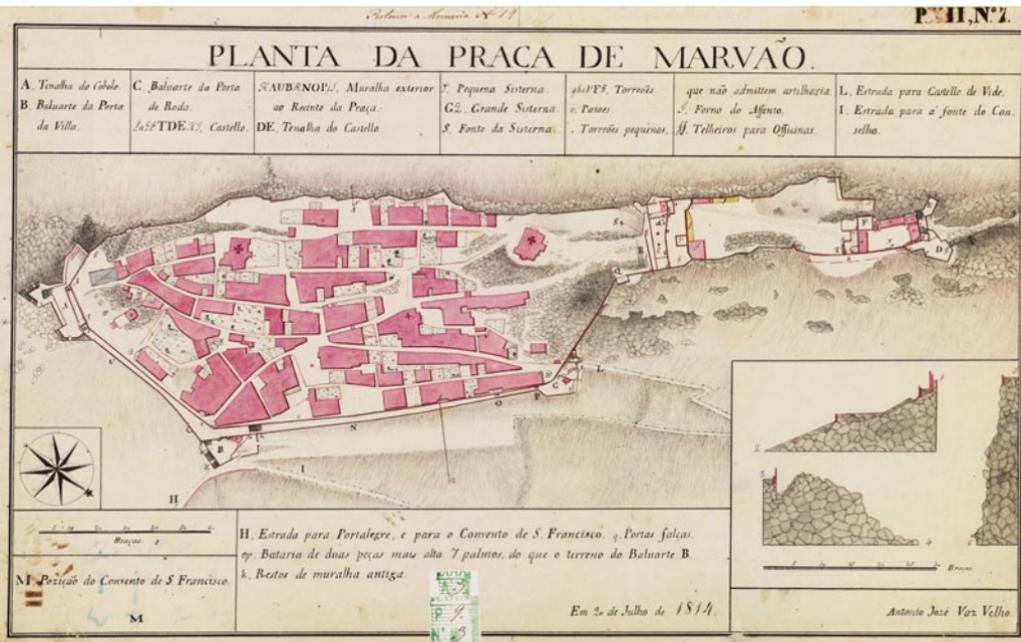
Com a doação, em 1271, no reinado de D. Afonso III, do castelo à Ordem de Malta, Marvão faria parte da rede medieval de concelhos com foral portugueses até 1299, ano em que D. Dinis reintegra a vila na Coroa, tomando-a ao seu meio-irmão D. Afonso Sanches, filho bastardo de Afonso III, numa lógica em que mais património de Ordens religioso-militares (com destaque para a do Templo) passa para o domínio da Coroa durante o reinado deste monarca.

Para D. Dinis, dentro do seu esforço de delimitação de fronteiras cujo ponto máximo foi o Tratado de Alcanizes, Marvão faz então parte integrante de um dispositivo de defesa da raia e beneficia do plano das suas reedificações militares – os traços principais do castelo medieval datam desta época, incluindo a torre de menagem, construída em princípios do século XIV – ganhando uma importância estratégica nacional na tensão bélica com Castela.

Se da presença árabe na vila poucos elementos resistiram – reconhecendo alguns autores certos elementos arquitetónicos na cisterna original (cisterna pequena) do castelo, comuns a outras estruturas deste tipo – prosseguiu-se até ao começo da Idade Moderna na construção de uma vila-fortaleza essencialmente urbana e militar, elevada a mais de 800 metros sobre os campos agrícolas, os acessos comerciais e estratégicos do lugar da Portagem. Nessa fase da vida portuguesa que ainda é continental e menos marítima, como viria a ser após o comando da dinastia de Avis, à raia e à sua defesa são dedicados esforços, investimentos, taxas e senhores que manti-

vessem a autoridade portuguesa sobre o território. Marvão estaria na linha da frente da guerra civil de 1383-1385, com o senhor do Castelo desta vila – por doação de D. Fernando I – Frei Pedro Álvaro Pereira, a ser partidário de D. Juan I de Castela e a ditar que Marvão teria que ser conquistada para o partido do Mestre de Avis. Frei Pedro Álvaro Pereira, meio-irmão ilegítimo de Nuno Álvares Pereira, general do Mestre de Avis, seria Alcaide-mor de Portalegre, Fronteiro-mor do Alentejo, Prior do Crato e Mestre da Ordem de Calatrava, sendo simultaneamente Senhor desta tão importante praça da raia.

O esforço de povoamento, no entanto, é assinalável e anterior à crise de sucessão dinástica, com D. Pedro I a determinar em 1361 que, face ao estado da vila – *“mui despovoada e minguada de campanhas”* bem como *“de servidores de fora”* – que os moradores não sejam constrangidos a ir servir ao Algarve, *“nem aduas nem outros lugares nenhuns”* e que os mancebos e servidores de fora da vila de Marvão e seu termo que *“forem constrangidos para servir e fugirem a seus amos para a dita vila e aí quiserem morar por suas soldadas costumadamente, que não sejam presos nem enviados aos lugares de onde fugiram”*. O seu sucessor, filho varão legítimo sobrevivente, D. Fernando I, estabelecerá em 1378 no concelho um couto de homiziados *“ataa duzentas pessoas”*, procurando fixar gentes em Marvão, uma política que seria seguida pela dinastia instaurada pelo filho ilegítimo de D. Pedro I, D. João Mestre de Avis que viria a reinar como D. João I. Este rei e os seus descendentes outorgariam vários privilégios às gentes de Marvão para que aí vivessem as suas vidas e defendessem o seu concelho.



Planta da Praça de Marvão

António José Vaz Velho, 1814

Se o período associado ao arranque da Expansão Portuguesa traria uma relativa estabilidade de fronteiras terrestres europeias para Portugal, o século XV em Marvão ficaria marcado pelo grande êxodo de judeus fugidos da Inquisição Espanhola na sequência do Édito de Alhambra/Édito da Expulsão dos Reis Católicos, no final do reinado de D. João II, assistindo Marvão e – aos seus pés – a Portagem à entrada de algumas dezenas de milhares de judeus em Portugal na década de 1490, acolhendo, claro, também alguns destes refugiados, esta acrópole do Alto Alentejo, que aí viveram, construíram as suas casas, e morreram.

Depois de, em 1512, a vila ter recebido o Foral Novo de D. Manuel reconhecendo a sua importância e interesse, conferindo-lhe novos Paços do Concelho, com relógio, ca-

deia e pelourinho, as grandes alterações à fisionomia de Marvão surgiram no século XVII, altura em que este burgo-fortaleza viu reforçada a sua importância no quadro das Guerras da Restauração e, sob o impulso do abade D. João Dama (fidalgo marvanense, morador na rua do Espírito Santo) se adaptaram e transformaram as defesas medievais num dispositivo moderno, abaluartado, a proteger as principais portas e o extremo da fortaleza. Se estas obras fariam com que as muralhas medievais marvanenses tivessem serventia militar até meados do século XIX, nesse século XVII, porém, Marvão já perdera alguma da sua importância estratégica para Castelo de Vide e Portalegre, continuando apesar de tudo a se constituir como cabeça, primeira linha, de defesa e ataque da raia albergando uma força permanente de cerca

50 homens (que vinham de Castelo de Vide) para uma população que, em 1640, rondaria os 400 habitantes. A praça marva-nense, resistiria, contudo, a ataques castelhanos em 1641 e 1648, durante a guerra da Restauração, adaptando-se, crescendo, até expropriando alguns moradores para se concretizarem as necessárias obras nesse estreito cabeço da serra do Sapoio.

A longa guerra da Sucessão espanhola, que colocou em conflito aberto as potências europeias e as suas colónias durante perto de 15 anos no início do século XVIII, traria o conflito para a raia alto-alentejana e, a 24 de junho de 1704, a praça de Marvão não resistiria e render-se-ia após a queda da vizinha Castelo de Vide às tropas hispano-francesas. A praça seria tomada por forças luso-britânicas comandadas pelo Conde de São João um ano mais tarde, em 1705, e só voltaria a ser sitiada cinco dezenas de anos volvidos. Entretanto, a fortaleza de Marvão

era admirada e descrita – nas Memórias Paroquiais de 1758 por Frei Miguel Viegas Bravo, prior da igreja de Santa Maria – como “vila praça de armas, a mais incontestável de todo o Reino; da parte do Sul é inacessível, de tal sorte que só aos pássaros permite entrada, porque em todo o comprimento é contínuo, e continuado o despenhadeiro de vivos penhos em tanta altura, que as aves de mais elevados voos, dele se deixam ver pelas costas (...). A cerca urbana ocupa a restante crista rochosa”.

Cada vez mais uma eficaz sobreposição de fortalezas medievais e modernas, o complexo militar de Marvão seria novamente posto à prova durante a *Guerra Fantástica* (a participação luso-portuguesa na Guerra dos Sete Anos, 1762-1763) resistindo ao sítio das forças franco-castelhanas num episódio da 3.^a invasão espanhola que ficaria conhecido como a Batalha de Marvão, nos primeiros dias de novembro de 1762,



Castelo de Marvão

Foto: Pepe Brix

opondo 500 tropas luso-britânicas sob o comando do capitão Thomas Browne (a cargo de uma companhia do 83.º Regimento de Infantaria do Coronel Bigoe Armstrong) a uma força de cerca de 5.000 homens do lado de Espanha, nas descrições coevas.

Um sucesso no rechaçar do inimigo que seria repetido durante a Guerra das Laranjas, na qual Marvão seria novamente atacada pela força espanhola a 4 de junho de 1801, dia santo, do Corpo de Deus. A defesa da praça marvanense seria desta feita coordenada pelo Sargento-mor de engenheiros João Miguel da Silva, provando a dificuldade de tomar pela força a vila-fortaleza. Dois anos mais tarde, em 1803, num reconhecimento militar do território (encomendando por Louis-François Carlet, Marquês de La Rosière, Inspector-geral das fronteiras e Costas Marítimas do Reino), Marvão surgia classificada como incontestável pelo (futuro Brigadeiro e pai da cartografia militar

portuguesa) engenheiro José Maria das Neves Costa, que referia que *“apezar da pouca espessura das suas muralhas, do mal flanqueado do seu recinto, é dos mui raros lugares donde possa laborar a artilharia”*.

Neste começo do século XIX, a guerra nas fortificações da raia era, cada vez mais, um elemento na estratégia de desgaste e atraso de progressão para defesa do centro de governo e decisão – Lisboa. Assim, Marvão seria tomada na primeira invasão das tropas napoleónicas nos primeiros dias de dezembro de 1807, apesar da sua inexpugnabilidade, ganhando tempo para que se organizasse a retirada da corte portuguesa para o Brasil, tendo saído pela barra do Tejo um pouco antes, em 29 de novembro desse ano. Só seis meses mais tarde, a 25 de junho de 1808, a praça seria reconquistada para Portugal, numa ação que seria conduzida pelo juiz de fora de Marvão, António Leite de Araújo Ferreira Bravo, organizando uma

Castelo de Marvão

De segunda a domingo: 10h00-17h00

Rua do Castelo
Tel.: (+351) 245 909 138
turismo@cm-marvao.pt



Mais informação:
<https://www.cm-marvao.pt/locais/fortificacao-medieval/?mp=564&mc=584>

visitei



força de milícias portuguesas e espanholas (entretanto revoltadas contra França) terminando o breve reinado na vila do governador militar pró-francês, Joaquim José de Magalhães Mexia.

Marvão não voltaria a ser tomada nas invasões seguintes, acolhendo até as milícias de Portalegre a partir de fevereiro de 1810, aí permanecendo até 1812, ano em que o herói das Guerras Peninsulares, o oficial fuzileiro britânico John Aitchison (mais tarde General) calculava nas suas Memórias que estariam nesta praça mais de 2000 homens, defendendo “fortificações (...) na maioria, mouriscas, e em alguns locais tão baixas que facilmente seriam escaladas se não estivessem defendidas por uma poderosa guarnição”. Os “velhos muros”, no entanto, considerava-nos “inexpugnáveis” e a praça apenas vulnerável a “ataques de surpresa ou fomes”.

Seriam essas as estratégias, acrescentando-se-lhes a espionagem e a sedição, para as campanhas bélicas seguintes, já não contra Espanha, mas apenas internas – na guerra civil de 1828-34. Tendo o liberalismo desido de Norte para Sul, e a raia norte-alentejana sido particularmente importante para os legitimistas espanhóis (Carlistas), Marvão manter-se-ia fiel aos ideais da monarquia absoluta até perto do fim da guerra, até dezembro de 1833, quando a Legião Patriótica do Alentejo cercou e conquistou a praça, com ajuda dos de dentro. Poucos dias antes do Natal desse ano, no entanto, novo cerco das forças Miguelistas, vindas de Castelo de Vide e Portalegre, era montado a Marvão, que resistiria até aos acordos (convenção) de Évora-Monte que ditaram o fim das hostilidades da guerra civil.

A instabilidade política e social da jovem monarquia liberal ditaria que 12 anos mais tarde eclodiria mais uma guerra entre forças de ideologias semelhantes, com a Maria da Fonte (1846) e a Patuleia (1847), sendo mais uma vez Marvão a chave do Alto Alentejo, pela sua proximidade com a raia e capacidade de resistência perante os cercos inimigos. A vitória das forças liberais a nível nacional também se repercutiria em Marvão, sem mais sangue derramado, num epílogo da arte da guerra nos velhos muros desta vila.

Chegaria o tempo, com o ocaso do século XIX, de finalmente desmilitarizar o castelo, de o ceder à Câmara Municipal e de Marvão (em 1945) se consagrar em exclusivo à paz. O regime republicano, e particularmente o Estado Novo, descobririam nesta vila uma joia, castiça e autêntica, promovendo o turismo e a cultura desde cedo. Depois de, em 1922, o castelo ter sido classificado como Monumento Nacional, as obras dos finais dos anos 1930 para as comemorações da Restauração originariam no castelo roqueiro um núcleo museológico militar. Nos anos 1950 – dez anos depois da construção da Casa do Povo, neomanuelina – o planeamento urbano de acordo com a Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais garantiria que todo o pavimento e infraestruturas sanitárias marvanenses respeitassem critérios de conservação de um certo viver que ainda encontramos.

Um caminho pelo qual se continuam a alinhar, hoje em democracia, a Câmara Municipal e sede de concelho de Marvão (há quase 800 anos) mais recentemente candidando a vila a Património da UNESCO.

Bem-vindos a Marvão!

Das casas ao castelo

Propomos, nesta descoberta do património de Marvão, alguns itinerários que vão até seis dias de permanência centrados nesta fortaleza, desvendando o visitante a riqueza e os mistérios das terras de Marvão, descobrindo-se um pouco mais de si também na grandeza da paisagem e na antiguidade das suas pedras.

MRV1/2 Na peregrinação à acrópole marvanense, subimos a íngreme estrada desde a Portagem e do rio Sever, passamos junto ao Convento de Nossa Senhora da Estrela

e, idealmente, ficam os transportes motorizados do lado de fora muralha, para entrar na porta norte da vila – a Porta de Rodão, medieval e integrada na muralha. A segunda porta já pertence à barbacã, obrigando a uma curva no acesso.

Ligada à porta, marca presença o meio baluarte, que foi adicionado nas obras de fortificação do século XVII, após a restauração, com aberturas para canhões e frestas para tiro de espingarda.

Descobrimos logo, ao passar a porta, o Turismo e a escultura táctil de Marvão  da autoria de Maria Leal da Costa, uma feliz iniciativa para a acessibilidade à cultura por invisuais, apelativa também para quem não o é pois permite uma muito interessante leitura tridimensional do território que nos propomos descobrir.



A vila de Marvão



Ver itinerários e pontos nas páginas 110 a 115.



Igreja de Nossa Senhora da Estrela
Fotos: Pepe Brix

Recomendamos, se não se quiser ir pela rua de Baixo até ao belo Largo de Olivença, que se rume pela rua de Cima, mergulhando logo no casario marvanense, de paredes brancas e cuidadas, sobre chão de granito e xisto, com destino à Praça do Pelourinho. Note-se claro, na passagem, na Casa do Povo (hoje um restaurante) neo-manuelina e revelando já nessa época (a inauguração data de 1950) a preocupação de preservar os traços arquitetónicos da vila, copiando elementos de uma casa acima, autêntica e quinhentista, com uma sorridente carranca.



- 01 *Portas de Ródão*
- 02 *Pelourinho*



A Praça do Pelourinho é o centro da vila, intersecção de quatro ruas principais: de Cima, das Portas da Vila, do Espírito Santo e do Relógio. Aí encontramos, pontificando, o pelourinho Manuelino 02 (original, com exceção da parte superior, reconstruída em 1935). Desconhecendo-se o paradeiro do pelourinho que normalmente teria sido outorgado à vila por ocasião do primeiro foral, no século XIII, este monumento é de uma enorme simplicidade utilitária, à semelhança de outros pelourinhos brigantinos da mesma época.



Neste largo se realizou a feira semanal, às quintas-feiras, até meados do século XX, sob o olhar da antiga Câmara Municipal, a cadeia e a torre do relógio. A Câmara Velha 03, hoje Casa da Cultura, Museu e Arquivo Histórico Municipal, vale bem a visita, proporcionando-nos um mergulho de 500 anos no primeiro andar, no acesso à cadeia, onde uma exposição sobre as lamentações dos presos narra a vida e a tristeza de quem aqui cumpriu pena com leis e castigos menos humanos do que os presentes.

No segundo andar do edifício acedemos ao velho tribunal de Marvão, que brilha pela sua originalidade e despojamento, convidando o visitante a um pequeno esforço de imaginação a colocar na cadeira do juiz o ilustre José Xavier Mouzinho da Silveira, castelo-vidense deputado e ministro, um dos rostos do liberalismo português, presente nos Passos Perdidos da Assembleia da República, pintados por Columbano. Tomou posse este jurista



03 Câmara Velha/
Casa da Cultura de Marvão



como juiz de fora de Marvão a 1 de março de 1809, aqui residindo até 1812 com as suas filhas, num período particularmente funesto e intenso, sob a ameaça das tropas de Napoleão.

Saindo da Câmara Velha, separada apenas por uma escadaria e já na rua do Espírito Santo, temos as *Cazas do Concelho da Apozentaria dos Ministros*, que acolhia estes juízes de fora, autoridades do poder Real. Obra do século XVIII, acolheria os juízes a partir do Setembrismo (1836) durante algumas décadas tendo sido também o lar da Casa do Povo antes da atual ter sido construída, em meados do século XX.

De seguida, subindo a rua do Espírito Santo (antiga rua Direita) para chegar ao largo do Espírito Santo ou da Misericórdia temos de admirar a fachada da antiga Casa do Governador 04 militar da praça de



Câmara Velha/ Casa da Cultura de Marvão
De segunda a domingo: 10h00-17h00
Rua 24 de Janeiro, 1
Tel.: (+351) 245 909 137
camara.velha@cm-marvao.pt



04 *Casa do Governador*

buído a Vegécio) romano *si vis pacem, para bellum* – se queres a paz, prepara a guerra.

Apenas uns metros acima e em frente, temos o Largo do Espírito Santo ou da Misericórdia. Se em 1903 a Misericórdia de Marvão se transferiu para o Convento de Nossa Senhora da Estrela, desde o final do século XV até essa data, esta instituição esteve neste largo, no edifício adossado à Igreja do Espírito Santo, contando com um hospital com duas enfermarias, que imaginamos frenéticas, por ocasião dos vários conflitos a que esta vila assistiu.



05 *Fonte do Concelho*

Marvão, granítica e com belas grades de ferro forjado do século XVII. Neste edifício ficava a autoridade militar da praça marvanense, tendo albergado várias patentes nesta posição, de Coronéis a Sargentos-mores, numa inconstante prática que espelha as variações de importância atribuída pelo poder político à questão militar, contrariando hoje como ontem o aforismo (atri-

Neste largo preside a monumental Fonte do Concelho 05, datada do século XVII e transladada pedra a pedra da sua localização original, na estrada para Santo António das Areias, para esta sua morada. Originalmente era, de facto, Fonte do Concelho de Marvão, extramuros, e assim continuou a ser denominada pelo povo até entrar no léxico comum quando foi reinstalada no

largo do Espírito Santo ou da Misericórdia em 1947, por indicação do Governador Civil, que desejava substituir a Fonte do Espírito Santo que já aí existia desde a década anterior. Apresenta uma inscrição sob o castelo encimado do escudo de Portugal onde se lê que “esta obra mandou fazer o Dr. André Frz da Rocha e Cunha sendo juiz de fora desta *villa*, pelo muito alto e poderoso Senhor El-Rei D. João o 5.º com o dinheiro das ervagens [pastagens arrendadas] do povo. Anno de 1713”.

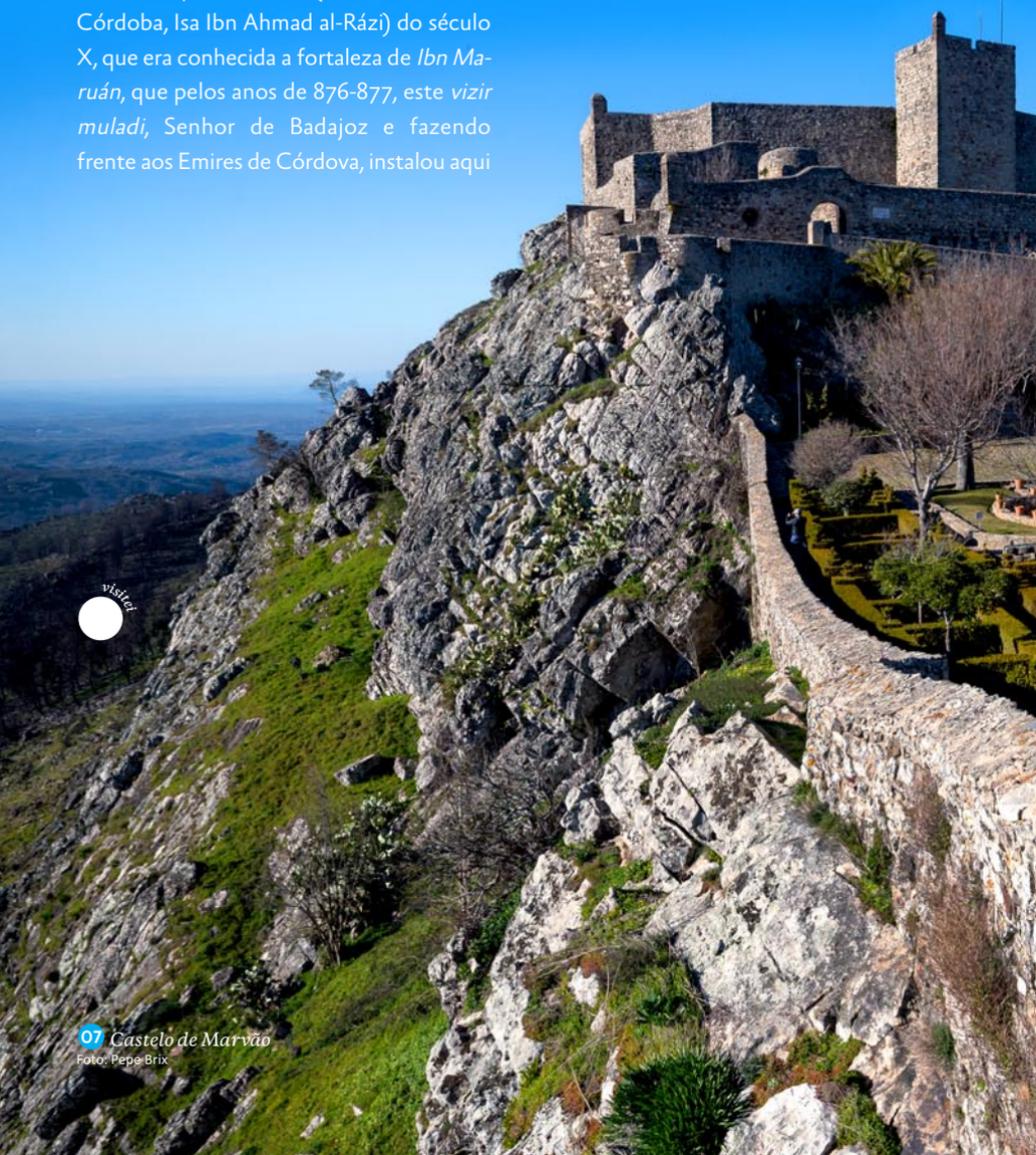
Se a visita se realizar durante o verão, recomenda-se retemperar o corpo e o espírito nesta fonte com a sua boa água, antigamente captada numa nascente da encosta Este (hoje ligada à rede pública) pois o caminho até à etapa seguinte – o Castelo – é a subir. Entramos, desde este largo, na rua do Castelo, passando por belas casas, algumas com história ligadas a poetas portugueses (Fernanda de Castro, João Apolinário, Ary dos Santos, Natália Correia...) e outras, como a casa da janela Manuelina (número 1 da rua do Castelo) a deslumbrar-nos com um elemento tão belo numa vila tão pequena e de diminuta escala. Uma casa que em breve, espera-se, será recuperada, acolhendo uma unidade hoteleira e um museu de armas antigas.



Avançamos, pois, para o castelo 07, roqueiro, implantado sobre a crista quartzítica. É provável que aqui tenha existido uma fortificação romana, atalaia da grande cidade de *Ammaia*, que eventualmente ocupou posições armadas anteriores, pré-romanas, como o confirmam cerâmicas da segunda Idade do Ferro encontradas no interior do castelo e na encosta norte do mesmo.

Histórica e literariamente sabemos, por fontes hispano-árabes (o historiador de Córdoba, Isa Ibn Ahmad al-Rázi) do século X, que era conhecida a fortaleza de *Ibn Maruán*, que pelos anos de 876-877, este vizir *muladi*, Senhor de Badajoz e fazendo frente aos Emires de Córdoba, instalou aqui

o seu reduto, uma fortaleza incontestável. Em termos arqueológicos, dessa fortaleza resistirão vestígios na cisterna pequena, dado que os elementos da fortificação mais antigos remontam ao séculos XII e XIII, caso da torre de menagem. O castelo que hoje podemos visitar, data, portanto, da fundação da nacionalidade, tendo sido construído nos moldes que hoje podemos observar desde os tempos da sua tomada por D. Afonso Henriques até ao reinado de D. Dinis.



Entrando na porta da muralha do castelo, acedemos a uma alcáçova ou albacar, onde se acolheria a população, fugindo em caso de ataque à vila que penetrasse a cerca. Podemos logo aí visitar a cisterna grande, belíssima e bem preservada, permitindo aos sitiados dispor de água até 6 meses, e as localizações do corpo da guarda e do forno do assento do castelo. No topo deste primeiro recinto, ainda, podemos visitar a única poterna no castelo, de acesso ao exterior.

O acesso ao segundo recinto leva-nos ao pátio da torre de menagem, visitável, simples e sem estruturas de defesa, que foi adaptada para servir de paiol. Neste pátio também temos acesso à cisterna pequena, que se pensa poder ser (como já referimos) uma reminiscência árabe, escavada na rocha. No pátio, hoje calcetado com motivos geométricos, encontramos três pequenas casas que em tempos serviram de paióis e armarias, tendo acesso, junto à barbacã da muralha, à porta da traição, virada a Norte.

Encontramos aqui, provavelmente, o melhor miradouro de Marvão - certamente o mais alto - levando-nos a parar, contemplar e meditar nessa suspensão temporal em que vive a vila abaixo, assim como nas vozes de quem foi neste castelo sentinelado, do Alto Alentejo e da raia.



Museus e igrejas

DO CONCELHO

O regresso à vila faz-se pela mesma porta, apontando o caminho para o Largo de Santa Maria, onde pontifica a Igreja de Santa Maria de Marvão, templo do século XIII – o mais antigo da vila e pensa-se que tenha sido construído sobre os alicerces de uma mesquita.

Sendo conhecidas referências à paróquia de Santa Maria desde 1321, altura em que foi entregue à Ordem do Hospital, liderada pelo Priorado do Crato, hoje podemos visitar um templo gótico que conta com belíssimos e bem conservados frescos do século XIV no altar lateral esquerdo (uma cena com São Bartolomeu, Santa Margarida e Santa Madalena) e que no século



08 Igreja de Santa Maria/
Museu Municipal

XVII recebeu obras de ampliação e modernização. A Igreja serviu como templo até meados da década de 1930, dependendo da Ordem de Malta – por ser tributário do Convento de São João da Penitência, das maltesas, de Estremoz. Depois de, durante 20 anos, ter sido residência de seminaristas de Portalegre, a igreja seria finalmente entregue à Câmara Municipal e, em 1987, é aqui inaugurado o Museu Municipal 08 (reconstruindo-se a torre sineira, que pouco antes havia sido demolida). Reunindo a grande riqueza arqueológica, antropológica



Museu Municipal de Marvão

Mais informação:
<https://www.cm-marvao.pt/locais/igreja-de-santa-maria-museu-municipal/?mp=560&mc=560>





09 Igreja de São Tiago

e etnográfica do concelho, expuseram-se então peças do dia a dia e do misticismo pré-histórico, cerâmicas medievais, cabeceiras de sepultura, uma coleção de armamento das últimas tropas estacionadas em Marvão. Em 2015, 20 anos depois de terem (re)começado as pesquisas arqueológicas em *Ammaia* e ter sido fundado o seu museu (acolhendo uma parte da coleção do Município de Marvão) é implementada uma grande reforma no Museu Municipal de Marvão, que o transforma no interessante espaço que hoje podemos visitar, com características únicas. Destaque para a reconstituição de uma cripta funerária megalítica numa das sacristias, de exemplar museografia a exigir uma participação do seu visitante que o envolve na exposição, e para a coleção de arte sacra, de ótimo acesso e visualização.

Sem dúvida um espaço a visitar, de forma demorada, valendo a pena a sua visita pela qualidade de conteúdos, da narrativa mu-

seológica e do cuidado nas acessibilidades, sendo inclusivamente um museu *pet friendly*, algo raro mesmo no panorama internacional.

Rumando de seguida para a Igreja de São Tiago 09, recomendamos que nos demoremos a apreciar o edifício da Câmara Municipal, os novos Paços do Concelho, inicialmente construído para receber uma pousada do Serviço Nacional de Informação (SNI) relendo os citados versos de José Amaro à entrada. Guarda no seu interior uma belíssima tapeçaria de Portalegre retratando uma cena (imaginária) da conquista Cristã de Marvão na Idade Média.

Descendo a rua Dr. Matos Magalhães, a chegada à Igreja de São Tiago permite-nos admirar a fachada desta igreja gótica, do século XIV, com uma janela retangular sobre o portal e uma torre com dois olhais, e uma grande água a Oeste, tornando-a desigual. O priorado desta igreja também

pertenceu, como o da Igreja de Santa Maria, inicialmente à Ordem do Templo (Hospitalários) e depois à Ordem de Malta, extinguindo-se em 1783 e passando também a ser tributário do convento das Irmãs Maltesas, de Estremoz.

Tendo as obras do século XVIII, neoclássicas, submergido a maior parte dos apontamentos artísticos e arquitetónicos gótico-medievais desta igreja, foram mantidas as três naves separadas por arcos românicos, destacando-se alguns elementos como o teto da capela-mor trabalhado com relevos em massa pontificando a cruz de Malta. As capelas laterais, dedicadas a Nossa Senhora da Conceição e à Santíssima Trindade, ambas barrocas, são também interessantes, com belos azulejos do século XVIII e apontamentos em bem trabalhado mármore de Estremoz.

Tempo agora de sair do recinto amuralhado da vila para descobrir outros museus do concelho, podendo fazer o caminho da ronda dos séculos XIV a XVI, percorrendo as ruas de Santiago, do Calvário e do Corro até ao Largo de Olivença, tomando de seguida a rua de Baixo até às Portas de Rodão. Poderá admirar neste roteiro, das ruas de Santiago e do Corro, várias casas quinhentistas e seiscentistas com boas cantarias, revelando as posses dos seus proprietários de há meio milénio. Bem preservadas e ainda hoje mantidas por particulares, revelam-nos com autenticidade as dimensões da arquitetura e do urbanismo dessa época.

A meio da rua do Corro, e já perto das portas da Vila, não deixemos de admirar a capela do Calvário, visível para todos através dos seus gradeamentos, quando ela se encontra fechada. Recriando intramuros uma capela existente no exterior das muralhas



Cruzeiro do Convento de Nossa Senhora da Estrela

Foto: Pepe Brix



invocadora do Senhor dos Passos, é datada de 1804, de planta central de uma só nave, hexagonal com uma cobertura redonda. De uma enorme simplicidade, com um único altar, a fachada é encimada com uma lápide onde se lê com clareza os nomes dos responsáveis pela criação desta capela. Passando pelo baluarte fronteiro à capela, o Postigo do Torrejão – acessível a visita, com uma vista magnífica – descemos à Porta da Vila e pelo baluarte em que está inserida,



Antigo moinho na Portagem, junto ao rio Sever

Foto: Fernando Algarvio



11 Ponte quinhentista da Portagem

Foto: Fernando Algarvio

por onde podemos aceder ao antigo caminho calcetado para Santo António das Areias, onde se encontrava originalmente a Fonte do Concelho, podendo-se apreciar o exterior do Convento de Nossa Senhora da Estrela, a primeira grande edificação extramuros de Marvão, convento Franciscano datado de 1448, com um belíssimo cruzeiro Manuelino.

Se preferir, no entanto, avançar mais rapidamente, após a visita à Igreja de São Tiago recue às traseiras da igreja, desça e tome logo a travessa de Santiago e de seguida a travessa do Padre Júlio, acedendo por escadas à praça do Pelourinho.

O próximo ponto que recomendamos é já junto ao rio Sever, quase 800 metros abaixo da cota onde nos encontrávamos junto à muralha, vendo as costas das águias. Suge-

rimos, pois, um passeio junto à praia fluvial do rio Sever, na povoação da Portagem **10**.

Bem perto, ainda junto ao rio Sever e já na freguesia de São Salvador da Aramenha, reservemos algumas horas para descobrir e assimilar as ruínas da *civitas* romana de *Ammaia* **03**, que terá sido fundada no século I da nossa era, um tesouro da nossa arqueologia, ao nível dos mais interessantes conjuntos de ruínas romanas em termos internacionais. Uma cidade imperial, planeada e desenvolvida urbanisticamente como uma extensão da grande cidade de Mérida, que foi habitada provavelmente até meados do século VI por uma população que pode ter atingido os 2000 habitantes, com uma área urbana que ocupava 25 hectares. Hoje, apenas 1% da cidade foi escavada tendo, no entanto, sido explorada por avançados meios



11 Ruínas de Ammaia

Fotos: Fernando Algarvio

de prospeção geofísica não invasivos (Projeto *Radio-Past*) que proporcionaram espetaculares resultados, recriando-se digitalmente as ruas e os equipamentos urbanos deste município romano – recomendamos que não se perca o visionamento das várias imagens e vídeos realizados.

A classificação de *Ammaia* como Monumento Nacional em 1949 reconheceu, tardiamente, a importância do sítio arqueológico, que vinha sendo ativamente pilhado desde a Idade Média – encontrando-se materiais romanos utilizados em construções num raio surpreendentemente largo. Chegou a referir-se a *Ammaia* como a pedreira dos bispos, pela retirada, nos séculos XVI e XVII, de elementos para igrejas locais e da intenção do bispo de Portalegre de aqui criar um convento, e da construção da casa da Quinta do Deão, cujas ruínas ainda existem, sobre as ruínas de *Ammaia*. O exemplo da Porta da Arame-

nha de Castelo de Vide, arco retirado da Porta Sul de *Ammaia*, instalado nesta vila em 1710 e demolido em 1891, é por demais exemplificativo desta realidade.

O colecionismo, a busca por tesouros, a procura de materiais nobres para construção, a curiosidade histórica veio, a pouco e pouco, acender o interesse pela descoberta de *Ammaia* e, no começo do século XX, o recém-criado Museu Nacional de Arqueologia abre esta via para a proteção e estudo de *Ammaia*, que se mantém até hoje. Conhecida de estudiosos e alvo de algumas campanhas isoladas ao longo de mais de quatro décadas, o ano de 1994 marcaria o



Cidade Romana de *Ammaia*

Segunda a domingo:

09h00-12h30 e 14h00-17h30

Tel.: (+351) 245 919 089

Estrada da Calçadinha, n.º 4

São Salvador da Aramenha



11 *Museu de Ammaia*
Foto: Fernando Algarvio



dealbar de uma nova era para *Ammaia*, que seria recolocada no mapa com o início de escavações lideradas pela Universidade de Évora e, em 1997, com a constituição da Fundação e Museu da Cidade de *Ammaia*.

A visita que nos aguarda neste espaço, hoje, é das mais interessantes pois, se por um lado, dispomos de um ótimo museu em que estão organizadas, catalogadas e expostas as riquezas de *Ammaia*, por outro lado, quando saímos para as ruínas, o sentimento é do seu imenso potencial, que dorme a nossos pés. Fazendo o paralelismo com Conímbriga mais a Norte (cujas escavações remontam de forma organizada à década de 1930) *Ammaia* também poderá ter sofrido um lento abandono acompanhando o declínio do Império Romano, a invasão dos Suevos e a chegada dos Árabes, como o demonstra o historiador cordovês hispano-muçulmano Issa Ibn Amade Razi no século X ao referir Marvão como

Fortaleza de *Ammaia*. Outras teses apontam para um rápido abandono da cidade, motivada por um cataclismo que a teria destruído ou soterrado. Julgamos que só com mais estudos – várias teses de doutoramento têm sido realizadas sobre os vidros, as cerâmicas, as argamassas... – e mais resultados analisados conheceremos com mais certezas as causas da saída dos ammaienses da sua cidade.

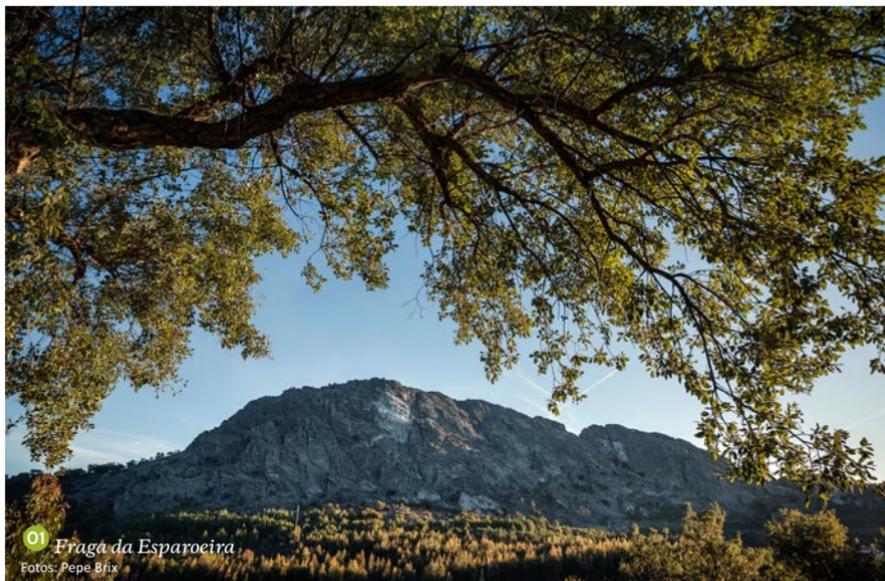
Trata-se, em todo o caso, de um dos pontos altos de uma visita ao concelho de Marvão, e de um de muitos motivos para regressar, observando-se na sucessão das campanhas e trabalhos arqueológicos os avanços feitos no estudo desta bela cidade de *Ammaia*.

Já num itinerário proposto para um segundo e um eventual terceiro dia de visita, um pouco a Este, perto das rotas de contrabandistas, em Galegos, temos como recomendação de visita uma herança romana, também – o azeite.

Do Sever à Beirã

Saindo de Galegos, sugerimos aos mais afoitos e ginasticados uma curta visita ao antigo posto fronteiriço de Galegos, essencialmente para daqui gozar a vista sobre a enorme fraga da Esparoeira 01, onde nidificam alguns casais de grifos, antecipando a subida. De destacar que, quase no topo deste afloramento quartzítico da Espa-

roeira, especificamente no *Abrigo do Ninho do Bufo* encontra-se uma coleção ímpar de pinturas rupestres onde marca presença a rara representação duma parturiente, algo para já único no território português. Acessível apenas a pé numa caminhada de um nível de dificuldade médio – que deve ser autorizada pelo Parque Natural da Serra de São Mamede – complicando-se apenas um pouco na reta final, é uma excelente oportunidade para contactar com uma pérola deste parque e para observar não apenas os grifos – aves consideradas em risco em Portugal e Espanha – mas também o muito interessante núcleo de arte rupestre.



01 *Fraga da Esparoeira*
Fotos: Pepe Brix



MRV3 Daqui também se pode vislumbrar uma boa parte daquele que virá a ser muito em breve o percurso pelo património megalítico em torno do rio Sever, já assinalado do lado espanhol, tendo-se já garantido o acesso e a sinalização de 48 antas existentes entre Valencia de Alcántara **01** e La Aceña de la Borrega.

Trata-se de um projeto exemplar de cooperação raiana e de entidades dos governos centrais, que em Marvão está a ser desenvolvido pela Universidade de Évora em cooperação com o município, efetuando-se o levantamento de todos os monumentos megalíticos no concelho, sua identificação e garantia de acesso.

01 Rota do Megalítico: Anta da Granja, Anta do Vale de Figueira, Anta da Laje dos Frades, Menir dos Pombais

Fotos: Pepe Brix

Destacamos até ao momento os seguintes monumentos:

Antas: Castelhanas, Ribeiro do Lobo, Bola da Cera, Tapada do Castelo, Laje dos Frades, Enxeira dos Vidais, Granja, Meirinha, Tapada da Anta, Socha da Meirinha, Cava-linha, Vale da Figueira, Sapateira Grande, Sapateira Pequena, Pombais, Traboia, Ferrenha, Jardim, Atalaia, Matinho, Cabeçada, Figueira Branca, Pereiro II, Pereiro I.

Uma Rota do Megalítico **01** no concelho de Marvão que, com certeza, constituirá mais um de muitos atrativos culturais deste território.



12 Torre da Portagem

Foto: Pepe Brix



Propomos o regresso à Portagem, para finalmente admirarmos a sua ponte **11** e torre **12**. A ponte que hoje podemos cruzar data do século XVI, com os seus cinco arcos, 50 metros de comprimento e quatro de largura, reaproveitando materiais de uma primitiva ponte romana existente a montante, do tempo de *Ammaia* (que contava com outras pontes, como a da Madalena e da Ribeira das Trutas) servindo os habitantes da cidade e os viajantes que se deslocavam entre Lisboa e Mérida.

Monumento nacional, tem junto a si a torre aduaneira, que já existia pouco tempo depois da conquista de Ceuta (1415) sendo então a passagem no Sever feita a vau ou utilizando poldras com empedrado submerso ou o açude que se lhe encontra próximo, construção de raiz romana. Só no século seguinte, a ponte atual seria construída, pelo que os refugiados judeus fugindo das posturas dos Reis Católicos acerca da sua fé, terão passado o rio Sever a vau. Se documentação existe (datada de 1416) em como os direitos da “portagem e aduana de Marvão são arrematados e arrendados a Vicente Martins, morador em Portalegre, pelo tempo de seis anos (...) pelo preço de 652 libras” das quais pertenceriam



04 Choça, Cabeçudos

Foto: Pepe Brix



à Coroa 326, é interessante ver que, em 1433, o já velho D. João I outorga à mãe de Nuno Álvares Pereira, D. Iria Gonçalves de Carvalhal (dama de companhia de D. Beatriz, filha de D. Fernando e de D. Leonor Teles) a herdade da Portagem “com todas as suas rendas e pertenças”. Sabemos pela documentação referente a Marvão que pela ponte da Portagem e pagando tributo na sua torre, passavam no século XVI mercadorias como “lãs, cardas, sumagre, ruiva, linho, burel, passa, joeiras, pez, pregos, barretes de cordova...” uma multitude de artigos, além de pagarem tributo os próprios viajantes.

Perdendo algum rendimento, nos séculos XVII e XVIII, a alfândega de Marvão, na Portagem, funcionaria até 1846, ano em que foi substituída pela de Castelo de Vide, disputando mais tarde e por algum tempo uma delegação alfandegária com a Beirã, em virtude da construção da estação ferroviária.

Refletindo sobre estes acontecimentos à beira das cristalinas águas do Sever, propomos que nos desloquemos de seguida – já entrando num terceiro dia de visita – a um ponto menos cosmopolita, mas não

menos interessante da geografia marva-nense, à aldeia de Cabeçudos **04**, a cami-nho de Beirã, logo a Norte da vila de Marvão, uma terra ligada ao contrabando e, portanto, à fuga das aduanas e impostos alfandegários.

Pertencente à freguesia de Santo António das Areias, tendo por padroeira Nossa Se-nhora da Conceição, trata-se de uma aldeia autêntica e bem preservada, onde hoje re-sidirão menos de 50 pessoas, que prima pela existência de várias choças, habitações circulares em pedra e telhado de folhagem, usadas para criação de animais e arrecada-ções, mas também para habitação de algu-mas famílias, em pleno século XX.

Sendo possível estabelecer o paralelismo das choças – localmente designadas por *so-chas*, em falar raiano e por influência do cas-telhano – com as construções dos castros ibéricos pré-históricos, à distância de mais

As Choças.
De construção rudimentar mas muito eficiente, são cobertas com giestas, que lhe confere impermeabilidade, resistência aos ventos e um espantoso isolamento térmico.

de 2000 anos, existem algumas localidades com choças no distrito de Portalegre, como em Alpalhão e no Crato, estando mais pre-sentes na Serra de S. Mamede, com desta-que para a cristalizada aldeia de Cabeçudos. O geógrafo Orlando Ribeiro na sua obra *Geografia e Civilização* dos anos 50 do século XX estudaria estas construções, docu-mentando choças habitadas por famílias nessa altura, um fóssil, vestígio vivo, de um passado longínquo.



02 Estação de Marvão-Beirã
Foto: Pepe Brix



Imersos neste mergulho no tempo, tempo de nos fazermos à estrada para Norte e de rumar ao último ponto deste capítulo marvanense, a estação ferroviária de Marvão-Beirã **02** sobre o ramal de Cáceres (da linha do Leste) inaugurada a 6 de junho de 1880 e infelizmente desativada em 15 de agosto de 2012, já não servindo composições como o Lusitânia Comboio Hotel.

Incluído na Área Protegida da Serra de São Mamede como património arquitetónico, o edifício que encontramos hoje corresponde à grande remodelação de 1926, projeto da autoria do então jovem arquiteto Cottinelli Telmo (1897-1948), que transformou a estação numa gare-hotel, com delegação aduaneira. Ainda em bom estado, a fachada é decorada com belos



02 Estação de Marvão-Beirã

Foto: CMM

painéis de azulejo retratando pontos de especial interesse turístico em Portugal, da autoria de Jorge Colaço, e o interior da estação encontra-se revestido com azulejos enxaquetados em verde e branco, colocados alternadamente, de belo efeito.

Itinerários recomendados

TENDO MARVÃO POR BASE

MRV4 Após três dias à descoberta da vila e dos seus tesouros, recomendamos que – caso tenha mais dias disponíveis – visite o património vizinho, do lado da raia portuguesa mas também no da Estremadura espanhola. É que estamos muito perto de uma cidade tão importante como a milenar Cáceres e, no seu caminho, Valência de Alcântara **01**, portuguesa até ao Tratado

de Alcanizes e onde ainda hoje se pode ouvir um falar raiano que integra vocábulos portugueses medievais. Vale a pena passar umas boas horas em Valência de Alcântara, calcorrear o seu casco histórico, casario medieval de paredes alvas, visitar o bem preservado e identificado bairro judeu *gótico* e, se o tempo permitir, visitar o pequeno e genuíno museu etnográfico local. Não se arrependerá.

Descoberta Valência, não há como não ir a Cáceres, cujo conjunto histórico é património da Humanidade da UNESCO desde a década de 1980. Urbe com vestígios arquitetónicos e presença pré-romana, romana, árabe e depois cristã-castelhana, é dona de uma riqueza patrimonial de primeira água, merecendo uma visita demorada e seletiva – para depois voltar – pois



01 Valência de Alcântara



impossível é visitar todo o seu património e equipamentos culturais que nos aguardam num dia, ou mesmo usufruir da excelente oferta gastronómica e hoteleira que esta cidade encerra desde há séculos, ininterruptamente. Uma cidade a explorar, sem dúvida, aquando de uma visita mais demorada ao concelho de Marvão.

MRV5 Num quinto dia de visita, a partir de Marvão, recomendamos um itinerário que nos leva desta feita por terras de Portugal, primeiro até Castelo de Vide – vila-tesouro medieval com vinte e quatro igrejas e uma judiaria medieval cada vez mais interessante de se visitar, destacando-se também, recentemente, a interessante e bem concebida *Casa da Cidadania Salgueiro Maia* – e depois a Portalegre. Nesta cidade de origens medievais, *capital do Alto Alentejo* e efetivamente capital de distrito, perca-se até ao museu Guy Fino e aí abra os seus horizontes a uma arte ímpar no mundo, visite a intimista Casa-Museu

José Régio, descubra o castelo e o excelente Museu Municipal, e prove os Rebuçados de Ovo. Em suma, imbuza-se da riqueza patrimonial e arquitetónica desta cidade, que reteve uma importância e dinamismo nada interiores.

MRV6 Num último dia de visita, com o pé sempre em Marvão, recomendamos a descoberta a Sul, a caminho do nosso último ponto do roteiro. É chegada a hora, portanto, de vislumbrar Elvas, não antes sem descobrir Campo Maior, cidade fortificada e abaluartada, também ela possuindo um interessante centro interpretativo a este propósito. Visitas obrigatórias, além deste centro e do Castelo, são, claro, a Capela dos Ossos e o Centro de Ciência do Café, incontornável numa vila tão ligada ao café, projetando internacionalmente o seu nome.

Itinerários e sugestões a seguir, que nos deixam à porta de Elvas, fortaleza seguinte no nosso roteiro.

MRV1/2 | **Meio dia** *(Pedestre - Bicicleta)*

- 01** Fortaleza de Marvão, Posto de Turismo e Escultura Táctil da Fortaleza (Maria Leal da Costa)
▼ 200 m / 3 min.
- 02** Praça do Pelourinho
▼ 350 m / 2 min.
- 03** Casa da Cultura (Câmara Velha)
▼ 80 m / 1 min.
- 04** Casa do Governador
▼ 200 m / 4 min.
- 05** Fonte do Concelho
▼ 100 m / 2 min.
- 06** CIFAR Marvão
▼ 50 m / 1 min.
- 07** Castelo
▼ 300 m / 4 min.
- 08** Museu Municipal
▼ 300 m / 4 min.
- 09** Igreja de São Tiago

MRV1 | **1 Dia** *(Pedestre - Bicicleta)***MRV1/2** + **10** ▶ **12**

- 10** **PRI / MRV**
Troço pela calçada medieval entre Marvão e Portagem

Início na Portagem, junto ao Rio Sever. Subida acumulada de 413 m até Marvão. Voltar ao ponto de partida

Distância: 5 km
Duração: 02h00

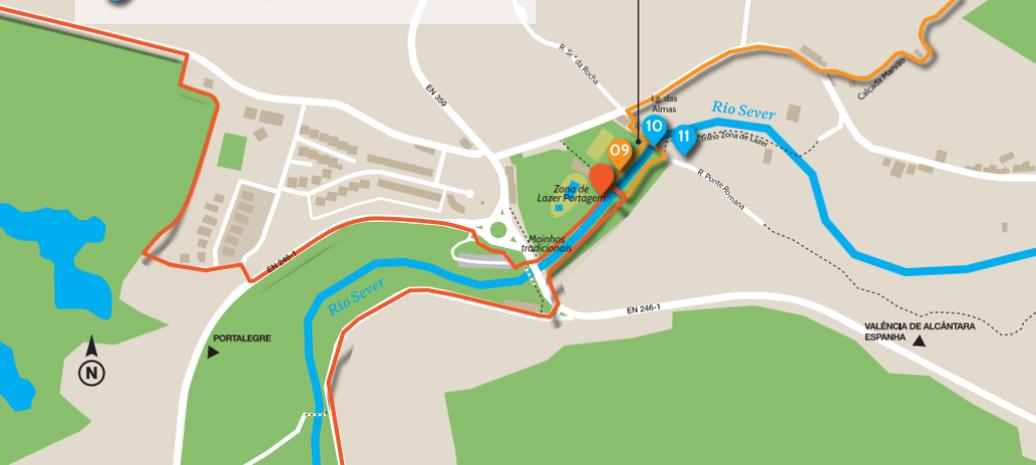
Mais informação:

<https://www.cm-marvao.pt/wp-content/uploads/2022/08/PRI1.pdf>



- 11** Ponte quinhentista da Portagem
▼ 120 m / 1 min.
- 12** Torre da Portagem

Alternativa ao almoço em Marvão: Fazer um piquenique na piscina fluvial do Rio Sever/ Centro de Lazer da Portagem



MRV

Marvão

A Fortaleza e a Vila
Aldeia e Portagem

FORTALEZAS
ABALUARTADAS
DA RAIA

Opção

PR5 / MRV

Caminho dos Olhos de Água
Percurso circular com início
no Centro de Interpretação
Cultural e Ambiental do
Moinho da Cova (azinha)
- Portagem

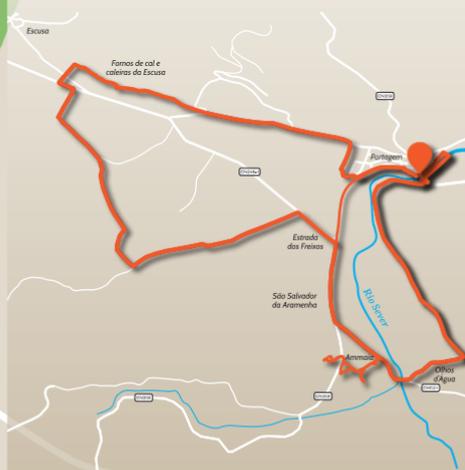


Distância: 9,75 km

Duração: 03h00

Mais informação:

<https://www.cm-marvao.pt/wp-content/uploads/2022/08/PR5.pdf>



GALEGOS ▲

Trilho do Sever

Rio Sever

MRV Marvão

Terras da Raia

EN 246

Castelo de Vide

02

Beirã

EN 369

03

Cabeçudos

Sto. António das Areias

EN 309

Marvão

Portagem

Rio Sever

EN 246-1

EN 309

Ammaia

Albufeira da Aportadura

EN 309

EN 18

BP 2

IC 13

Portalegre

03

Cidade romana de Ammaia. Identificada e estudada a partir de meados da década de 1930, as suas ruínas encontram-se classificadas como Monumento Nacional desde 1949.

MRV2

2 Dias

(Bicicleta - Carro)

MRV1 + 01 ▶ 03

01 Escarpa da Espareira/
Penhas da Espareira

▼ 2,2 km / 13/5 min.

02 Galegos

03 PR4 / MRV
Percurso do contrabando do café
Início junto à capela de Galegos

Distância: 5,9 km

Duração: 02h15

Mais informação:

<https://www.cm-marvao.pt/wp-content/uploads/2022/08/PR4.pdf>



Opção

PR2 / MRV
Percurso pedestre de Galegos
Percurso circular com início
no Largo da Ponte - Galegos

Distância: 12 km

Duração: 04h20

Mais informação:

<https://www.cm-marvao.pt/wp-content/uploads/2022/08/PR2.pdf>



FORTALEZAS
ABALUARTADAS
DA RAIÁ

MRV3

3 Dias

(Bicicleta - Carro)

MRV2 + 01 ▶ 04

01 Rota do Megalitismo em torno do rio Sever

02 Estação ferroviária de Marvão-Beirã

▼ 4,6 km / 7 min. / via EN 359

03 Cabeçudos

Valência de Alcântara

Galegos

Embalse de Alpotret

MRV4

4 Dias

(Carro)

MRV3 + 01 ▶ 04

01 Valência de Alcântara

▼ 21,4 km / 30 min.

02 Cidade Romana de Ammaia

▼ 5 km / 9 min.

03 Barragem da Apartadura

04

Barragem da Apartadura: situada na Ribeira de Reveladas, insere-se no Parque Natural da serra de São Mamede. Possibilita a prática de desportos náuticos sem motor.

ESPAÑA
PORTUGAL

MRV

Marvão

Terras da Raia



Sinagoga de Castelo de Vide: localizada na antiga judiaria, foi construída no séc. XIV, sofrendo alterações no séc. XVIII. Atualmente funciona como museu dedicado à história da comunidade judaica na vila.

Castelo de Portalegre: de origem medieval, construído no reinado de D. Dimis, c. 1290. Situa-se no ponto mais alto do centro histórico, com vistas estratégicas sobre a cidade e sobre a paisagem característica do Alto Alentejo.



Marvão.
Atalaia natural,
pensa-se que pelo menos
desde o período romano
que Marvão tenha tido
ocupação como ponto
estratégico militar.

O conjunto de
fortificações de Elvas é o
maior do mundo na
tipologia de fortificações
abaluartadas terrestres,
possuindo um perímetro de
oito a dez quilómetros e
uma área de 300
hectares.

MRV5

5 Dias

(Carro)

MRV4

Portalegre

Sugestões:

- Castelo de Portalegre
- Catedral de Portalegre
- Museu da Tapeçaria de Portalegre
- Museu Municipal
- Museu Robinson - Núcleo da Igreja do Convento de S. Francisco
- Casa Museu do Poeta José Régio
- Palácio Achioli e Palácio Avillez

Castelo de Vide

Sugestões:

- Sinagoga
- Casa da Inquisição
- Cento de Interpretação Garcia d'Orta
- Casa da Cidadania Salgueiro Maia
- Oficina-Museu Mestre Carolino

MRV6

(Carro)

MRV5

ELV

Dias

Campo Maior

(39.014054, -7.069908)

▶ Marvão - Campo Maior: 68 km / 1h.

Ver

ELV3

Elvas

(38.880586, -7.163589)

▶ Campo Maior - Elvas: 20,2 km / 20 min.

Ver

ELV1

ELV2

ELV4

ELV5

Mais informação UNESCO Elvas:

<https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-mundial-em-portugal/elvas-e-suas-fortificacoes>



Gastronomia



O património gastronómico de Marvão corresponde àquilo que atraiu os povos que se foram acolhendo nas terras que hoje correspondem ao concelho.

Destacam-se, portanto, os pratos de caça, como: Feijoada de javali; Arroz de lebre; Lombo de veado gratinado; Pombos bravos de escabeche; Tordos fritos; Perdiz de escabeche.

Com a presença dos romanos surge a castanha, que terá sido introduzida por agentes deste império num plano que antecedeu em mais de 50 anos a conquista da Península Ibérica, de modo a fornecer a base de alimentação às legiões de Roma. Senhores de 2000 anos de história, os pratos com castanha (de caça com castanhas, mas também sobremesas com castanha) marcam presença em vários modos de confeção, incluído desidratada, numa prática antiga presente nos raros *secadeiros* que ainda hoje existem localmente em casas de particulares, preservando a castanha para todo o ano de forma natural. Uma tradição do maior interesse conhecer e preservar, acessível apenas – para já – através de contactos informais com marvanenses. Lançamos o desafio para que o faça!



Migas

Destaque também para as Quinzenas Gastronómicas organizadas pelo Município de Marvão, e que se não devem perder, dedicadas às carnes de caça, claro, mas também à culinária alentejana com produtos locais, caso do ótimo azeite, referência aquém e além-fronteiras. Temos então também: Ensopado de borrego; Cachafrito de cabrito; Sopas de sarapatel; Sopas de cachola; Migas de pão e de batata com enchidos e carnes fritas; Alhada de cação.

Muitos são os motivos que podem ajudar a decidir uma visita seguindo este roteiro, recomendamos que escolha a época conforme as datas das feiras, eventos e festas tradicionais de Marvão.

Onde provar a gastronomia típica de Marvão



Mais informação:
<https://www.cm-marvao.pt/turismo/descobrir/comer/restaurantes/>

Pastéis
de castanha



Feiras, eventos e festas tradicionais



Nota: Apenas indicamos eventos que permanente e repetidamente se organizam em Marvão. Todos os anos a Câmara Municipal tem uma programação de alto nível e interesse cultural.

Festa da Restauração do Concelho de Marvão > 24 de janeiro.

Percurso do contrabando do café > início de maio.

Ammaia festum > início de junho.

FIMM – Festival Internacional de Música de Marvão > entre julho e agosto.

Festival Transfronteiriço Boda Régia > meados de julho.

Festival Internacional de Cinema de Marvão > entre julho e agosto.

Festa de Nossa Senhora da Estrela > feriado municipal > 8 de setembro.

Festival Al Mossassa > outubro.

Feira da Castanha > 2.º fim de semana de novembro.

Quinzenas Gastronómicas > datas variáveis, entre janeiro e dezembro > Quinzena Gastronómica das **Comidas d’Azeite**/ Quinzena Gastronómica do **Cabrito e do Borrego**/ Quinzena Gastronómica do Bacalhau/ Quinzena Gastronómica da **Castanha**/ Quinzena Gastronómica da **Caça**.

Eventos anuais de Marvão



Mais informação:
<https://www.cm-marvao.pt/en/agenda/>



Festival Internacional de Música de Marvão

Tel.: (+351) 961 932 186
Email: info@marvaomusic.com
<https://marvaomusic.com>



Festival Internacional de Cinema de Marvão

Reservas:
comunicacaooperiferias.marvaopt@gmail.com
<https://periferiasfestival.com>





ELV

Foto: Arquivo CME/GINF

ELVAS



FORTALEZAS
ABALUARTADAS
DA RAIA

Elvas

SÍNTESE HISTÓRICA

As origens de Elvas perdem-se na noite dos tempos, sucedendo-se os testemunhos dos habitantes da área onde hoje encontramos esta magnífica cidade-quartel desde o Paleolítico, o Neolítico e a Idade do Bronze.

Com a chegada e instalação de Celtas e Iberos a partir do século VIII a.C. introduz-se a região à Idade do Ferro, sendo dessa época os primeiros vestígios de ocupação daquela que viria a ser a fortaleza de Elvas, não sendo hoje já visível um castro que provavelmente os Romanos tomaram e tornaram seu. Chegados à Península Ibérica duzentos anos antes de Cristo, os Romanos teriam nesta praça (os autores divergem no nome romano de Elvas) um ponto estratégico e um marco de fronteira entre a *Lusitania* e a *Baetica* peninsulares, vigiando a via romana que unia cidades como *Emerita Augusta* (Mérida) a *Ebora* (Évora) e *Olisipo* (Lisboa), mas também a estrada que permitia o acesso ao Norte,

para *Scalabis* (Santarém) passando por *Abelterium* (Alter do Chão).

Com a chegada dos bárbaros Visigodos no século V da nossa era, o provável *castellum* romano-godo de Elvas, presidindo a uma teia de dezenas de *villas* vizinhas, resistiu até à sua conquista pelos Árabes no começo do século VIII, que renomearam esta praça como *Yalbash*, desenvolvendo-a militar e arquiteturalmente, criando uma alcáçova e uma medina, sendo a sua presença bem visível aos dias de hoje.

Uma instalação longa de mais de 400 anos, de mais de 16 gerações Árabes em *Yalbash*, que seria interrompida pela cruzada de Afonso Henriques em 1166, então um velho Rei-guerreiro medieval que não deixaria de conquistar essa tão importante fortaleza que, sob domínio Cristão, se passaria a chamar Elvas, topónimo que honrava com enorme proximidade o seu nome Árabe. Sendo reconquistada pelos Árabes e definitivamente ganha para a cristandade por D. Sancho II em 1230, este monarca outorgar-lhe-ia o seu primeiro foral.

A ocupação cristã, no modelo de tantas outras cidades desenvolvidas pelos Árabes e que vieram a ser Cristãs-Portuguesas, manteve a estrutura básica urbana, convertendo a Mesquita em Igreja e desenvolvendo, sobre as camadas romano-árabes, uma estrutura militar medieval adaptada à máquina de guerra de então. Três reinados após a assinatura do Tratado de Alcanizes (1297, entre D. Dinis de Portugal e D. Fernando IV de Castela) e o fixar de uma das fronteiras mais antigas do mundo, é com D. Fernando que se fortalece e moderniza o aparelho militar no século XIV, de que hoje ainda são testemunhas evidentes a



Câmara Municipal de Elvas

 Rua Isabel Maria Picão, s/n
7350-476 Elvas

 +(351) 268 639 740

 geral@cm-elvas.pt

 <https://www.cm-elvas.pt>

 38.880563, -7.164338





PLANTA DA PRAÇA DE ELVAS Com
Seus Fortes Adjacentes, que por Ordem do REY
S.º D.ºm. Fern.º X.º de Noronha, Ten.º Gen.º dos Reaes
Exercitos de S.º R.º e Governador por Com.º de Rejos,
mandou Levantarse o Coronel Fern.º Zilhmann
Planta das Vozinhancas da Campaina de almeida
da Adf.ºria de P.ºto em Br.ºta para mostrar tudo
quando he Prejudicial a Fortificac.º da P.ºta.

EXPLICACAO

- 1 a Sé.
- 2 a Cella.
- 3 Corveio de S.º Paulo.
- 4 S.º Martiño.
- 5 Igreja de S.º Doming.º.
- 6 S.º M.º de Alcaçova.
- 7 S.º Ioa.º da Cruz.
- 8 Igreja de S.º Cl.ºs.
- 9 S.º Pedro.
- 10 S.º Salvador.
- 11 S.º N.º dos Berns Cazados.
- 12 Igreja das Almas.
- 13 S.º Spirito Santo.
- 14 Corveio de S.º Doming.º.
- 15 Misericórdia.
- 16 Almas do Semitório.
- 17 S.º Ioa.º de Deo.
- 18 S.º Antonio e Cadeia.
- 19 Palacio do Bispo.
- 20 Casa de S.º Fran.º.
- 21 Igreja de Artillaria.
- 22 Porta de S.º Vicente.
- 23 Porta da Equit.º.
- 24 Porta de Olivença.
- 25 S.º Ilheria.
- 26 Quartel de Casaral.
- 27 Almazem da Polvora.
- 28 Casa dos Bombas.
- 29 S.º Jofre de S.º Dom.º.
- 30 Alcaçova.
- 31 Calleiro.
- 32 Quartel do Dreg.ºm.
- 33 Casa das Barchas.
- 34 S.º Bartolomeu.
- 35 Brega dos Terceir.º.
- 36 Baluarte de S.º de Deo.
- 37 Bal.º de S.º Morcena.
- 38 Bal.º da Praça d'Arma.
- 39 Bal.º de S.º Dom.º.
- 40 Bal.º do Cavaleiro.
- 41 Bal.º da Porta Velha.
- 42 Bal.º do Traditor d'Esp.º.
- 43 Bal.º do Bal.º de Baixo.
- 44 Bal.º da Cartujaria.
- 45 Bal.º de S.º Barbara.
- 46 Bal.º do F.º.º.º.
- 47 Bal.º do Seto da Igreja.
- 48 Bal.º da Contercia.
- 49 Recinte do Castello.
- 50 Quarteira a P.ºta.
- 51 Praça de S.ºc.
- 52 Praça do Mercado.
- 53 Largo do Bispo.
- 54 Fonte da Misericórdia.
- 55 Fonte da Misericórdia.
- 56 Fonte da B.ºta S.º Vicente.
- 57 Valerim de Olivença.
- 58 Valerim dos Lagueiros.
- 59 Bal.º da B.ºta Velha.
- 60 Bal.º de Casaral.
- 61 Bal.º de S.º Fran.º.
- 62 Bal.º de S.º Ilheria.
- 63 Alcaçova de S.º Fran.º.
- 64 Fonte da Misericórdia.
- 65 Fonte da Misericórdia.
- 66 Fonte da Misericórdia.
- 67 Fonte da Misericórdia.
- 68 Fonte da Misericórdia.
- 69 Fonte da Misericórdia.
- 70 Fonte da Misericórdia.
- 71 Fonte da Misericórdia.
- 72 Fonte da Misericórdia.
- 73 Fonte da Misericórdia.
- 74 Fonte da Misericórdia.
- 75 Fonte da Misericórdia.
- 76 Fonte da Misericórdia.
- 77 Fonte da Misericórdia.
- 78 Fonte da Misericórdia.
- 79 Fonte da Misericórdia.
- 80 Fonte da Misericórdia.
- 81 Fonte da Misericórdia.
- 82 Fonte da Misericórdia.
- 83 Fonte da Misericórdia.
- 84 Fonte da Misericórdia.
- 85 Fonte da Misericórdia.
- 86 Fonte da Misericórdia.
- 87 Fonte da Misericórdia.
- 88 Fonte da Misericórdia.
- 89 Fonte da Misericórdia.
- 90 Fonte da Misericórdia.
- 91 Fonte da Misericórdia.
- 92 Fonte da Misericórdia.
- 93 Fonte da Misericórdia.
- 94 Fonte da Misericórdia.
- 95 Fonte da Misericórdia.
- 96 Fonte da Misericórdia.
- 97 Fonte da Misericórdia.
- 98 Fonte da Misericórdia.
- 99 Fonte da Misericórdia.
- 100 Fonte da Misericórdia.

Planta da Praça de Elvas
com os seus fortes adjacentes
Franco d'Alincourt, 1802
PT-GAEM-1753-1A-14-19

Torre Fernandina **E** (então transformada em prisão) e os panos da terceira cintura defensiva de muralhas.

Depois de se terem casado na sequência do Tratado de Elvas, no reinado de D. Fernando, D. João I de Castela com a princesa real portuguesa – a Infanta D. Beatriz – a Dinastia de Avis viria consolidar a fortificação da cidade, terminando o castelo e a sua torre de menagem, emprestando-lhe o Príncipe Perfeito as suas armas. O novo foral em 1512 e elevação à categoria de

cidade em 1513 por D. Manuel I, no entanto, seriam determinantes para trazer a cidade para essa posição de chave do reino com que seria distinguida entre os séculos XVI e XX, refletindo a sua importância estratégica enquanto principal ponto de acesso para os exércitos terrestres invasores, e consequentemente a primeira praça a ser defendida.

É nesse século XVI que se constroem o Aqueduto da Amoreira **R**, os novos Paços do Concelho e a Sé (obras do arquiteto real Francisco de Arruda), a Santa Casa da Misericórdia de Elvas, a Ponte da Ajuda, o Paço Episcopal (a criação do Bispado de Elvas data de 1570) assim como

i Letras no texto: ver mapa *Linha defensiva* em estrela, na página 122.

novas igrejas (Sé, São Martinho, Nossa Senhora da Nazaré e São Sebastião) e novos conventos (das Dominicanas, dos Franciscanos e das Clarissas).

O fim do período Filipino, durante o qual a pressão de uma invasão castelhana da raia foi anulada, traria a coroação de um Rei que se casara menos de dez anos antes em Elvas – D. João IV – que teria um carinho especial pela cidade dos seus esposais, mas que sobretudo reconhecia nesta praça a estratégica porta de entrada para o seu reino. Estabelece-se assim com a Dinastia de Bragança o plano de criação de uma fortaleza capaz de resistir às mais modernas armas e táticas de guerra. A Restauração iniciada a 1 de dezembro de

1640 – em Elvas o Duque de Bragança seria aclamado no dia 3 – traria à cidade o primeiro Governador de Armas do Alentejo, iniciando-se logo trabalhos que buscavam uma linha defensiva em estrela, longe da arquitetura militar medieval, começando por se limitar os acessos murahados (apenas três portas doravante – Évora, São Vicente **M** e Olivença **F** – e oito poternas) abrindo trincheiras, construindo-se redutos e revelins, arquitetando-se desde logo o posicionamento de vários fortes, de entre os quais se destacam os cabeços de Santa Luzia, do Siso, Casarão, São Pedro e outeiro de S. João.

Elvas.
Linha defensiva
em estrela



A Castelo Medieval

B Primeira Cerca Islâmica

C Segunda Cerca Islâmica

D Muralhas Fernandinas

E Torre Fernandina

F Muralhas Seiscentistas

G Portas de Olivença

H Baluarte de Olivença

I Baluarte de São João de Deus

J Portas da Esquina

K Baluarte de N. Sr.^a da Conceição

L Baluarte do Príncipe

M Baluarte de Santa Bárbara

N Portas de São Vicente

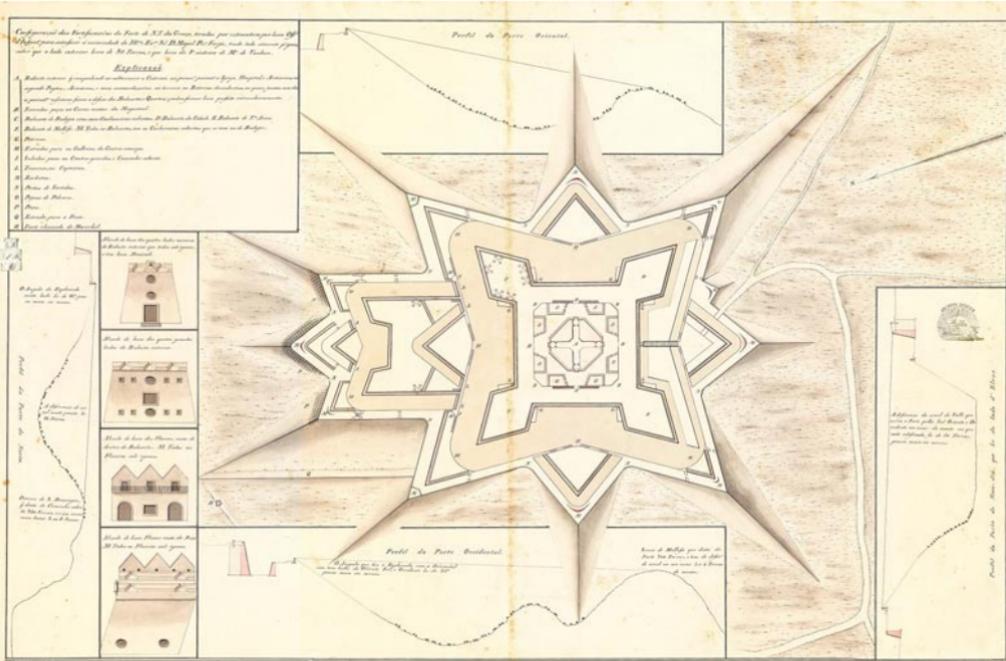
O Baluarte da Porta Velha

P Obra Coroa

Q Baluarte do Casarão

R Baluarte da Praça de Armas

S Aqueduto da Amoreira



**Configuração das fortificações
do Forte de Nossa Senhora da Graça**
PT-GEAEM-1618-1A-13-17

Vários seriam os engenheiros e arquitetos militares responsáveis pelas obras de fortificação nos anos imediatos à Restauração (caso de João Ballesteros, Jeronymo Rozetti, Charles Lassart, Jean Gillot, Nicholas de Langres) destacando-se o engenheiro jesuíta holandês Jan Ciermans (João Paschasio Cosmander) ao fixar um plano que respeitava o crescimento medieval da praça, criando uma magistral com sete baluartes, quatro meios-baluartes e um reidente, que cresceria com a criação dos fortes, que durariam menos de 20 anos.

Uma obra que seria testada logo em 1644 com um cerco castelhano, que seria repetido, sendo o segundo cerco de Elvas (de outubro de 1658 a janeiro de 1659) o mais sério teste à fortaleza, ao envolver do lado

castelhano cercada por 14.000 infantes e 3500 cavaleiros. Elvas – com a sua guarnição de 8000 infantes e 2000 cavaleiros – e as suas linhas resistiriam, sendo portuguesa a vitória da batalha de 14 de janeiro de 1659, e a fortaleza não seria mais atacada até ao fim da Guerra da Aclamação ou da Restauração, aquando da assinatura do Tratado de Lisboa em 1668 por D. Afonso VI de Portugal e Carlos II de Espanha, pelo qual ficou definitivamente reconhecida a independência do reino de Portugal.

Seria tão grande o impacto desta vitória que Elvas não voltaria a ser atacada durante perto de 50 anos (seriam também infrutíferos os cercos de 1706, 1709, 1711 e 1712, por ocasião da Guerra da Sucessão



Conjunto abaluartado de Elvas

Foto: Arquivo CME/GINF

de Espanha) sendo contínuo o investimento na fortaleza abaluartada (composta por sete baluartes [Oliveira/ Morteiros **G**, São João de Deus **H**, Nossa Senhora da Conceição **J**, Santa Bárbara **L**, Porta Velha **N**, Casarão **P**, São Pedro da Praça/Praça de Armas/Parada **O**] e quatro meios-baluartes) incluindo a construção do complexo do Forte da Graça sob as orientações do Conde Lippe (construído entre 1763 e 1792) e já durante as campanhas invasoras Napoleónicas, os fortins de São Domingos (1810), São Mamede (1810-1812), São Francisco (1812) e São Pedro (1815), buscando apoiar o forte de Santa Luzia e proteger o aqueduto da Amoreira.

ELV1/2

ELV1

Uma estrutura que albergava, pouco depois da Guerra das Laranjas (1801) oito mil militares, que seriam, no entanto, incapazes de travar a avançada da Invasão Francesa, que em 1807 tomam Elvas sem resistência (embora nessa época o efetivo fosse menor). Recuperada um ano mais tarde para as tropas luso-inglesas, do sangue britânico derramado se ergueria um cemitério protestante na cidade, ainda hoje parte essencial de uma visita.

O fim das campanhas Napoleónicas peninsulares seria seguido de uma cruel guerra civil em Portugal, opondo liberais a absolutistas, cujo fim ditaria uma progressiva desmilitarização do país e um acen-tuado abandono da fortaleza de Elvas, em



Ver itinerários e pontos nas páginas 148 a 151.



termos militares, refletindo-se esta realidade no tecido social e económico da cidade: em meados da década de 1870, a guarnição não chegava a contar com 1000 homens, e seria visível até já dentro do século XX e a sua I.ª República o abandono a que a cidade-sentinela da fronteira estava votada.

Chegara o tempo de Elvas se começar a reinventar criando uma referência na região do Caia-Elvas ao nível da cultura e do património, dos seus criadores e dos seus monumentos. Se até 2006, aquando da simbólica saída do último Regimento cumprindo a total desmilitarização, Elvas ainda foi cidade-quartel, dona de um perímetro fortificado de quase 10 quilómetros – o

*Vista aérea de Elvas,
Covas de lobo no Forte da Graça*

Fotos: Arquivo CME/GINF

*Pormenor do Aqueduto da Amoreira,
Forte de Santa Luzia*

Fotos: Alberto Mayer. Arquivo CME

maior conjunto de fortificações abaluartadas terrestres, de fosso seco, do mundo – hoje é cidade-património, Património da UNESCO desde 2012, de uma riqueza que envolverá o seu visitante por mais do que uma simples visita. Acreditamos que, com este roteiro, Elvas se constituiu como um dos pontos altos da monumentalidade da raia, expressando esta realidade de vivência de fronteira e insuflando-lhe uma vivacidade e carácter muito próprios, marcantes e duradouros.

Bem-vindos a Elvas!

Percursos

RELIGIOSO, CIVIL E MILITAR DA CIDADE-QUARTEL

Para uma descoberta de Elvas, em itinerários de meio dia **ELVI/2**, um dia **ELVI** e até dois dias **ELV2**, propomos começar pela visita ao Forte da Graça, pela sua vista e enquadramento sobre a cidade, e pela sua significância militar e arquitetónica.



Instalado num padraсто da cidade, numa elevação que comportava uma ermida dedicada a Santa Maria da Graça, a importância da sua posição estratégica face aos avanços do armamento seria tornada clara durante a guerra da Restauração, tendo as tropas castelhanas construído um reduto no cerco das linhas de Elvas, em 1658,

bombardeando a cidade a partir do Monte da Graça. Cem anos mais tarde, em 1762, as forças espanholas voltariam a esta posição por ocasião daquele que viria a ser conhecido como o primeiro conflito mundial – a Guerra dos Sete Anos – procurando mais uma vez conquistar Elvas, de novo sem sucesso.

Constituído por três linhas de defesa, três corpos – as obras exteriores, o corpo principal e o reduto central – o corpo central é formado por quatro baluartes tendo a meio da cortina sul a porta principal – a Porta do Dragão – e ainda hoje é impressionante quando a atravessamos a sensação de solidez e impenetrabilidade que invade o visitante.

visitei

Forte da Graça

Horário de verão

maio - setembro: 10h00 às 18h00

Horário de inverno

outubro - abril: 10h00 às 17h00

Bons acessos para autocarros.

Mobilidade reduzida na visita.



Mais informação:

<https://www.cm-elvas.pt/descobrir/forte-da-graca/>



01 Forte da Graça, entrada principal e Casa do governador

Fotos: Arquivo CME/GINF

No ano seguinte a este cerco, no reinado de D. José e sob o ministério de Sebastião de Carvalho e Melo, Marquês de Pombal, começaria a construção do Forte da Graça no âmbito do grande plano de fortificação das forças e fronteiras nacionais sob a batuta do Conde de Lippe, e os trabalhos de edificação decorreriam até 1792, construindo-se uma fortaleza que, internacionalmente, é considerada uma obra-prima da arquitetura militar abaluartada.

Constituído por três linhas de defesa, três corpos – as obras exteriores, o corpo principal e o reduto central – o corpo central é formado por quatro baluartes tendo a meio da cortina sul a porta principal – a Porta do Dragão – e ainda hoje é impressionante quando a atravessamos a sensação de solidez e impenetrabilidade que invade o visitante.

Trata-se hoje de uma estrutura-museu que podemos definir como minimalista, mas muito sensorial, que é bem mais do que

um museu militar, pois leva-nos – sobretudo no reduto, essa torre de planta octogonal, com pisos abobadados, constando de capela no piso térreo e Casa do Governador nos pisos nobres, onde se inclui o hospital – à vivência do forte enquanto fortaleza militar e depois prisão militar e política, que ocupou estes espaços entre 1856 e 1974. Se a informação e sinalética sobre as ocupações do forte estão presentes, a museografia natural do espaço é, no entanto, notável, sendo deveras interessantes os frescos elaborados pela guarnição ou, por exemplo, as gravações dos presos no revestimento das paredes e nas pedras das escadarias, testemunhas de um profundo isolamento e de um lento passar do tempo por parte de quem cumpriu a sua pena no Forte da Graça 01. Uma visita que consideramos marcante e que só se tornou possível com a exemplar aliança, tal como em todos os outros fortes, entre o Exército e a Câmara Municipal, que permitiu o seu restauro e musealização.

Após esta descoberta do Forte, recomendamos que rumemos a Elvas, e à sua Praça da República, acedendo ao recinto amuralhado pelas magníficas Portas de Olivença e subindo pela rua de Olivença e rua da Carreira até chegar à Praça. Daqui partimos para a descoberta da antiga Sé de Elvas, a Igreja de Nossa Senhora da Assunção.

Construída sobre as fundações de um templo de estilo gótico de que hoje não existem vestígios, a Igreja de Nossa Senhora da Assunção **03** reflete a natureza do período em que Elvas foi construída, de grandes obras de fortificação da cidade. O arranque da sua edificação terá ocorrido em 1517, sob as ordens do arquiteto real Francisco de Arruda, irmão e pai de arquitetos como ele, sendo responsável por diversas obras emblemáticas militares e civis, caso da Torre de Belém e a Casa dos Bicos, em Lisboa. No Alentejo a sua marca seria extensa, sendo-lhe atribuída em Elvas a construção do aqueduto da Amoreira e a Sé, uma obra Manuelina com as suas três naves, de inspiração militar, com uma torre por fachada conferindo-lhe um aspeto fortificado, que se sente também no interior. As obras durariam mais de 20 anos e, em 1570, seria criado o bispado de Elvas pelo Papa Pio V e sob o reinado de D. Sebastião, transformando-se a Igreja de Nossa Senhora da Assunção na Sé Catedral de Elvas.

A traça manuelina iria-se perder ao longo dos séculos, com numerosas campanhas nos séculos XVII e XVIII a serem empreendidas pelos bispos elvenses, de que se destaca o episcopado de D. Lourenço de Lencastre (1759 a 1780) responsável pela criação dos retábulos barrocos de már-

more de Estremoz para as capelas-mor e laterais, os azulejos que revestem desde essa época o interior e a talha que envolve o órgão (obra do entalhador italiano Pascoal Caetano Oldoni) de 1777, instalado no coro alto. A sala do cabido, iniciada em 1609, destaca-se pelo teto pintado nessas campanhas do século XVIII, mas a sua vi-



03 Igreja de Nossa Senhora da Assunção
Foto: Arquivo CME/GINF



Praça da República
Tel.: (+351) 266 769 800

sita não é, por norma, pública. A diocese de Elvas seria extinta em 1881, não se efetuando doravante alterações de relevo, antes conservando-se o seu património, chegando aos dias de hoje em boas condições. O mais recente restauro, já no século XXI, inspira-se nessa linha de conservação deste monumento, acarinhado por elvenses e visitantes que afluem a esta cidade.



03 Sé Catedral (Igreja de N.ª Sr.ª da Assunção) e Praça da República. Vista da Casa da Cultura
Foto: Alberto Mayer. Arquivo CME

visitei

Subindo um pouco, após a Sé, encontramos a Igreja das Domínicas **04** ou de Nossa Senhora da Consolação, templo que fazia parte do antigo Convento de

São Domingos, fundado em 1528 pelas irmãs Maria do Rosário e Madalena da Cruz, sendo seu padroeiro Pero Esteves.

04 Igreja das Dominicás

Foto: Alberto Mayer. Arquivo CME

A Igreja ainda possui um miradouro, um zimbório com lanternim, de onde se avista de forma privilegiada uma Elvas medieval, moderna e contemporânea. É, sem dúvida, um dos pontos essenciais numa visita a Elvas e ao seu património religioso e arquitetónico.

A igreja, construída cerca de vinte anos mais tarde (entre 1543 e 1557) sob a direção do arquiteto Diogo de Torralva, genro de Francisco de Arruda, foi erigida no local onde existia a antiga Igreja de Santa Maria Madalena, da Ordem Templária, o que poderá talvez explicar o seu tipo de planta – planta centralizada e octogonal – tipicamente templária.



Largo do Dr. Santa Clara
Tel.: (+351) 268 639 740

visitei

A arquitetura templária faria em todo o caso parte da arte de Diogo de Torrvalva, que interviria no Convento de Cristo em Tomar, aí realizando o Grande Claustro (ou de D. João III). A relação entre a charola medieval templária/bizantina do Convento de Cristo e a charola da Igreja das Domínicas 04, renascentista e maneirista, fica aberta a mais estudos e às reflexões dos seus visitantes.

Se os edifícios do convento não resistiriam à extinção das Ordens Religiosas e à I.ª República, sendo então demolidos, a igreja seria preservada, sendo hoje visitável e admirável a sua fachada simples – com um arco de volta perfeita datado de cerca de 1550, encimado por um medallhão com uma cruz muito semelhante à da Ordem de Avis – que dá acesso a um interior surpreendente. Com um plano octogonal, como referimos, marcada por oito colunas toscanas que sustentam um zimbório ligado à estrutura por uma abóboda bem alta, o interior é marcado pela azulejaria do século XVII e pela pintura mural sobre as colunas e arcos, ambos muito bem conservados. Com três altares revestidos a talha dourada, dedicados a São Domingos, São João Baptista e São Tomás de Aquino, destaca-se a cúpula que cobre o altar-mor, dividida em cinco gomos e datado de 1552, decorado com motivos da fauna, flora, arte militar e paramenta religiosa.

A igreja ainda possui um miradouro, um zimbório com lanternim, de onde se avista de forma privilegiada uma Elvas medieval, moderna e contemporânea. É, sem dúvida, um dos pontos essenciais numa visita a Elvas e ao seu património religioso e arquitetónico.

Saindo da Igreja das Domínicas deparamo-nos logo com o pelourinho 05, que é na verdade uma adaptação de materiais contemporâneos e interpretação realizada no século XX do pelourinho original, manuelino, que foi instalado em Elvas na sequência do Foral Novo outorgado por D. Manuel em 1512, elevando Elvas a cidade no ano seguinte.

Se do primeiro pelourinho hoje não temos rasto, seria natural que desde o primeiro foral de Elvas no século XIII um pelourinho existisse instalado naquele que seria o largo principal do burgo até à criação da Praça Nova em frente à Sé, o Largo do Salvador (que passou a ser a Praça Velha).

Com um elevado grau de certeza, sabemos que no início do século XVI foi instalado na Praça Nova o pelourinho de Elvas, manuelino e em mármore, claro, sendo apenas apeado a 2 de outubro de 1872 por iniciativa da Câmara Municipal que buscava reinstalar esse símbolo de um poder real absoluto. Guardado parcialmente no Museu Municipal, apenas 80 anos mais tarde seria o pelourinho reconstruído, utilizando algumas peças originais – como os ferros de sujeição – e utilizando uma gravura. Sem dúvida uma peça a admirar no Largo de Santa Clara, tratando-se de um elemento carregado de história e simbolismo, até no seu processo de restauro e reinstalação.

Continuando a subir a partir do pelourinho, entramos na primeira cerca Islâmica 06 (e perímetro da judiaria nova) cruzando o Arco de Santa Clara ou a *Porta de Tempre*, construída no século XIX para romanticamente celebrar o episódio lendário da conquista cristã de Elvas, que terá



05 Pelourinho e Arco de Santa Clara

Foto: Alberto Mayer. Arquivo CME



tido acedida neste ponto da muralha por cavaleiros Templários. O pano desta primeira muralha Islâmica, em todo o caso, delimita o acesso, sendo visíveis vestígios de uma eventual porta original num pátio adjacente ao arco.

Muito perto fica a Igreja de Santa Maria da Alcáçova 07, cuja fundação data de 1230, existindo um consenso entre historiadores que no local existiria a principal mesquita de Elvas. Por entre as camadas do tempo, que apagaram a função original Islâmica deste templo, hoje só encontramos os eventuais vestígios de um *mirhab* (nicho em forma de abside numa mesquita que aponta a direção da cidade de Meca) que estará entaipado e da cisterna.



07 Igreja de Santa Maria da Alcáçova

Foto: Alberto Mayer. Arquivo CME





07 Igreja de Santa Maria da Alcáçova

Foto: Alberto Mayer. Arquivo CME



Igreja de Santa Maria da Alcáçova

Construída no séc. XIII no local onde se encontrava a principal mesquita de Elvas. Largo da Alcáçova.

Visitas sob marcação prévia no Posto de Turismo.

No presente acolhe-nos um templo barroco, que terá tido quatro naves e sofreu obras profundas ao longo da sua existência, nomeadamente no século XVII e XVIII, destacam-se a capela-mor dos finais do século XVIII e as capelas laterais, com altares revestidos a talha dourada.



08 Rua das Beatas

Foto: Isabel Pinto



Hoje uma igreja paroquial aberta ao culto e aos visitantes, trata-se de um monumento em estudo, que nos abre o caminho para o largo da Alcáçova, dando acesso a uma das mais especiais ruas de Elvas, a rua das Beatas 08.

Localizada junto ao castelo de Elvas, esta rua pertence ao núcleo mais antigo da cidade, sendo por um lado uma rua tipicamente alentejana e florida, viva e habitada e, simultaneamente, um testemunho do património medieval de Elvas. Estreita e não dimensionada para automóveis, as suas casas foram construídas sem a geometria do planeamento moderno, em pedra e ocupando lotes esguios, com primeiro e até segundo andar, por vezes com duas portas – sinal de separação entre o negócio e a habitação – alguns casos conservando vestígios claros das suas ocupações medievais, desde arcos românicos e góticos a peanhas,

que ontem como ainda hoje abrigam os seus vizinhos nas quentes noites de verão, além das plantas que aí se conservam. Também as frestas, atrás das quais poderiam estar as mezuzás quando não estavam nas ombreiras das portas, revela a importância da comunidade Judaica de Elvas, constituindo-se a rua das Beatas com uma das fronteiras da Judiaria Nova. Sem dúvida uma rua a percorrer com todos os sentidos e atenção aos pormenores, mesmo se muitos símbolos e marcas medievais foram encobertos pelo tempo, rebocados e caídos, mergulhando no tempo até no cumprimentar de quem hoje habita esta rua, perpetuando uma vivência milenar com total simplicidade e despojamento.

Na passagem pela rua das Beatas 08 desembocamos no castelo e o seu miradouro.

Encimando a cidade como acrópole, as origens do castelo medieval de Elvas ⁰⁹ são provavelmente romanas, como o demonstra alguma cantaria de características romanas encontrada em alguns elementos arquitetónicos do castelo e sua próxima vizinhança. Após setecentos anos de presença administrativa-militar romana, seguir-se-ia a governação visigoda e a sua

presença no *opidum* de Elvas, na transição para os Árabes que, atravessando o mediterrâneo desde o Norte de África, tomaram a Península Ibérica e Elvas como suas no século VIII, aqui encontrando uma fortificação que desenvolveram até meados do século XIII, com a conquista definitiva para a cristandade por D. Sancho II.



Com raiz profundamente islâmica, o castelo medieval que hoje temos reflete uma arquitetura típica dos castelos góticos Cristãos, de planta regular, com torres retangulares nos ângulos e a meio das frentes mais expostas, criando um pátio central no qual se encontravam dependências necessárias à vida dos seus habitantes e as casas de alcaidaria, dispostas em fileira dupla adossada à muralha NE.

A entrada com que nos deparamos, laçada por duas torres quadrangulares – a mais alta correspondendo à de menagem – é unida por um balcão, podendo ver-se aqui o brasão de armas do *Príncipe Perfeito*, D. João II. Refira-se que a torre de menagem, com os seus dois pisos e cisterna ainda visível, é visitável, assim como as muralhas, de ameias largas e altas.

Refira-se que a torre de menagem, com os seus dois pisos e cisterna ainda visível, é visitável, assim como as muralhas, de ameias largas e altas.

Castelo de Elvas

De terça-feira a sábado,
das 09h30 às 13h00
e das 14h00 às 17h30

Apropriado para visitantes
com mobilidade reduzida.



Mais informação:
<https://www.cm-elvas.pt/descobrir/patrimonio/militar/castelo/>



15 Torre Fernandina
Foto: Alberto Mayer. Arquivo CME



10 Arco do Miradouro
Foto: Alberto Mayer. Arquivo CME



São três as linhas defensivas do castelo medieval, duas herdeiras do período muçulmano, a outra já do século XIV, do reinado de D. Fernando. Se a primeira muralha muçulmana foi completamente absorvida pelo crescimento da urbe e é parte integrante da estrutura de várias habitações – sendo ainda presentes duas das suas portas, a da Alcáçova e a do Miradouro **10** – a segunda muralha islâmica **14** ainda é visível, estando viva a memória das suas quatro portas, entretanto cristianizadas e presentes na cidade hoje em dia: Porta da Ferrada, Porta Nova ou da Encarnação, de Santiago e do Bispo. A muralha Fernandina **15** seria mais tarde dotada de 22 torreões defensivos, 11 portas e barbacã de apoio, toda uma estrutura que existia ao tempo de D. Manuel I e da visita do seu artista-desenhador Duarte d'Armas, que fixou Elvas no seu *Livro das Fortalezas*

(publicado em 1509) assim como 55 outras praças Portuguesas.

Até à Restauração o castelo medieval manteria a sua importância administrativo-militar, perdendo-a progressivamente com as grandes obras que tornariam a cidade no maior complexo abaluartado do mundo. A partir de meados do século XIX o castelo deixaria de ter servidão militar, caindo num abandono que os elvenses não permitiram avançar, conseguindo que o seu castelo fosse classificado como Monumento Nacional logo em 1906, no reinado de D. Carlos, o primeiro monumento a receber esta distinção por parte do Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria, ouvido o Conselho dos Monumentos Nacionais. As campanhas dos anos 40 do século XX estabilizariam a paisagem que hoje temos, constituindo para todos

os efeitos o castelo de Elvas um caso de estudo de visibilidade sobre as sucessivas fases construtivas de sistemas defensivos, e do crescimento de uma cidade sempre intramuros até ao século XX.

Descendo do castelo, continuando pela medieval rua das Beatas na sua estreiteza e irregularidade, encontramos o Arco do Miradeiro, ou Porta da Alcáçova, uma porta da primeira muralha islâmica, ladeada por duas torres quadrangulares que integram elementos graníticos, tipicamente romanos, não sendo claro se se trata de um reaproveitamento de materiais ou de um reforço islâmico de um acesso já existente desde o período romano.

Hoje com uma habitação construída no seu topo e dotada de um arco de volta perfeita, a porta da Alcáçova Islâmica teria um arco em ferradura, que seria transformado em 1887 pela câmara municipal para facilitar a passagem dos Elvenses. Um ponto de passagem e reflexão, sem dúvida, um testemunho de mais de 2000 anos de história, que viu por si cruzar gerações de Elvenses de todos os credos.

Entroncando na rua dos Quartéis da Corujeira, avançamos até ao Cemitério dos Ingleses **12**.

Localizado no baluarte S. João de Corujeira, foi inaugurado em 1811 ao receber o corpo do Major-General Daniel Hoghton, morto na Batalha de Albuera (16 de maio de 1811, contra as tropas do General Soulé). Contendo cinco sepulturas apenas, busca honrar a memória dos militares Britânicos que morreram nas Guerras Peninsulares no início do século XIX, contra França e seus aliados. Cemitério Anglicano, a associação que gere este espaço



12 *Cemitério dos Ingleses*

Foto: Alberto Mayer. Arquivo CME



cuida da igreja de S. João da Corujeira, um templo cuja construção data da conquista de Elvas por D. Sancho II, sendo edificada pelos Freires Hospitalários da Ordem de São João de Jerusalém, ou de Malta, que adoptaram este templo como cabeça de comenda da Ordem de Malta.

Seria no adro desta igreja que se festejava o São João de Elvas, o que é revelador da sua importância, mantendo a sua estrutura medieval até 9 de fevereiro de 1840, quando um terramoto de baixa intensidade destruiu metade do edifício e fez com que restauros posteriores, nos séculos XIX e XX lhe retirassem a traça original. Hoje visitável, contendo uma pequena exposição e associada ao cemitério dos Ingleses, é sem dúvida um ponto de visita interessante, permitindo uma reflexão sobre o papel de Elvas nas Guerras Peninsulares e o seu carácter internacional.

Museus

E PONTOS DE INTERESSE

ELV1 Saindo do Cemitério dos Ingleses, recomendamos a visita à Fábrica-Museu das Ameixas de Elvas **11**, iguaria sem igual, a mais antiga fábrica de Ameixas de Elvas ainda a laborar no recinto da cidade, situada na antiga fábrica Frutas Doces (fundada em 1919) e continuando a operar com métodos artesanais, sem maquinismos.



11 Fábrica-Museu das Ameixas de Elvas
Foto: Arquivo CME



Perdendo-se no tempo a origem da confeção das ameixas – nas últimas centenas de anos, apenas do tipo *Rainha Cláudia* – embora sejam conhecidas as suas referências

desde o século XV, o pequeno mas interessante museu permite-nos uma viagem nas memórias deste fruto em calda que ultrapassou fronteiras, com destaque para o Reino Unido e para a diáspora portuguesa, colocando literalmente nas bocas do mundo o nome de Elvas com as suas ameixas em conserva. Uma experiência viva e interessante, esta visita, permitindo ao visitante um contacto direto com a história e este património elvense.

Após esta visita será uma boa altura para recentermos a visita rumando à Praça da República, não antes sem passarmos pela Casa da História Judaica **13**, onde se pensa se situaria a grande sinagoga medieval da cidade, na Rua dos Açougues.

Situada no centro da judiaria velha e dentro da segunda cerca islâmica **14**, num edifício que foi adaptado pela Câmara de Elvas a matadouro público no início do séc. XVI – uma manobra comum de des-sacralização de um espaço – existem alguns sinais indicadores da sua anterior ocupação, caso das cruzes associadas aos Cristãos-Novos ou as 12 colunas identificadas no edifício, que poderão ser associadas às tribos de Israel. A sua ocupação como açougue e depois como armazém da Câmara Municipal de Elvas a partir de meados do século XIX apagaram a maioria dos vestígios da função inicial deste edifício, sendo ténues os sinais arqueológicos e arquitetónicos. Esta casa, no entanto e acima de tudo, constitui-se como um símbolo da importância da comunidade e das famílias Judaicas em Elvas, que se conhece desde o período da presença islâmica, e um interessante museu que nos faz – graças à sua iluminação, cenografia e mensagens – refletir e viajar para além

i

Fábrica-Museu das Ameixas de Elvas
Entrada gratuita.
Seg - Sex: 09h00-13h00 e 14h00-18h00
Sab - Dom: 10h30-13h00 e 14h00-16h00
Rua de Martim Mendes, 16
Tel.: (+351) 268 628 364



13 Casa da História Judaica
Foto: Arquivo CME

do próprio espaço em que nos encontramos.

Um ponto a não perder de vista, portanto, a partir do qual podemos voltar à Praça da República, a Praça da Sé e dos antigos Paços do Concelho (hoje Casa da Cultura) adossados à segunda muralha islâmica, cujo pano constitui o suporte de uma das paredes deste antigo edifício administrativo.

As obras de abertura da praça seriam começadas em 1511, no reinado de D. Manuel I, que elevaria Elvas à categoria de cidade (então uma das mais povoadas do reino, com cerca de 8000 habitantes) e começaria também as obras da sua Sé Cate-

dral, transformando a Praça Nova, após a instalação da Câmara Municipal nesta área junto à cadeia medieval, no centro de Elvas – administrativo-legal e religioso – acolhendo também as touradas e as feiras até bem dentro do século XX.

Uma praça que sofreria alterações no seu nome – em 1886 passaria a chamar-se Praça do Príncipe D. Carlos e em 1910 Praça da República, como tantas praças em Portugal – e na sua fisionomia (perderia o seu coreto) mas que manteve elementos medievais e modernos, caso do Arco da Praça, rasgado na muralha em 1589. A casa dos antigos Paços do Concelho, acolhendo a Câmara Municipal até meados do século XX, é uma obra interessante e bem preservada, constituindo uma criação de Francisco de Arruda, manuelina, portanto com uma bela galeria contemplando a praça monumental e ostentando ainda hoje visivelmente o brasão de armas da cidade.



Casa da História Judaica
Inverno: 10h00-13h00 e 14h00-17h00
Verão: 10h00-13h00 e 15h00-18h00
Encerra às segundas. Entrada gratuita.
Rua dos Acougues, 7
Tel.: (+351) 268 639 740



02 **Museu de Arqueologia e Etnografia**
António Tomás Pires

Foto: Alberto Mayer. Arquivo CME



ELV2 Propomos que, daqui se parta para a nova casa do Museu de Arqueologia e Etnografia António Tomás Pires **02**. Instalado num edifício do século XVII, da antiga Manutenção Militar de Elvas, serviu anteriormente de depósito de trigo, cevada e palha e de Padaria Militar. Com uma exposição permanente que reúne a coleção de arqueologia do museu e a de etnografia do extinto Grémio da Lavoura, aproveita de forma exemplar as memórias e o potencial do edifício da antiga Manutenção Militar, aqui encontrando o visitante entre os vastos espaços de armazém, os túneis e os fornos, uma história das gentes de Elvas e da sua região, do pão, vinho e azeite, dos seus usos e costumes na vida e na morte, dos seus contos, dos seus sons.

Uma estrutura museológica de primeira água, equipada com os mais modernos recursos museográficos e assente em sólidas bases científicas, desenvolvido por elvenses, que convida a dedicar tempo e atenção na descoberta da coleção per-

manente, merecendo um olhar atento aos eventos temporários.

Apesar de ter aberto ao público muito recentemente, num período de pandemia, já está confirmado pelo público como uma referência museológica, regional, nacional e internacional.

À saída do museu, propomos recuar um pouco para uma visita à Torre Fernandina, antes de rumamos a outros pontos de interesse.

Busquemos, portanto, a Torre Fernandina ou Torre Nova. Localizada sobre o antigo espaço da feira elvenses, na medina islâmica, esta torre terá começado a ser erigida no final do século XIV sob o reinado de D. Fernando para funcionar como prisão, existindo documentação que em finais do século XV a descreve como terminada e pronta a receber presos, para aí receberem tormentos.

Longe destas funções, e em bom estado de conservação, é hoje um testemunho preservado de arquitetura militar medieval visitável no centro da cidade, acolhendo nos seus três andares uma interessante exposição sobre as fortificações da cidade.

Finda esta visita, recomendamos descer até ao baluarte de São João de Deus, de onde se poderá admirar um dos mais emblemáticos monumentos de Elvas – o aqueduto da Amoreira **17**.



Museu de Arqueologia e Etnografia
António Tomás Pires

Verão: 09h00-13h00 e 15h00-18h00

Inverno: 10h00-13h00 e 14h00-17h00

Encerra às segundas e terças de manhã

Largo da Sr.ª da Oliveira, 1

Trata-se de uma obra, originalmente da autoria de Francisco de Arruda, cuja construção cruzou os séculos XV, XVI e XVII, sendo lançada em 1498 com D. Manuel I e dada por terminada em 1622, com Filipe III de Portugal, embora os trabalhos de conservação de uma estrutura desta natureza e dimensão tenham sido uma constante, inclusive nos dias de hoje.

Feito de engenharia hidráulica, que atravessa os vales de São Francisco e do Rossio, encontrando-se a nascente na Fonte da Amoreira na Serra do Bispo, o aqueduto desenvolve-se ao longo de mais de sete quilómetros, desde a nascente principal em galerias subterrâneas numa extensão de 1367 metros e depois ao nível do terreno e em arcadas por mais de cinco quilómetros e meio, que chegam a superar os 30 metros de altura. É interessante refletir sobre o facto de que a expressão do famoso Imposto Real d'Água (apenas abolido em 1922) foi cunhada em Elvas, deno-

minando a taxa paga pelos elvenses sobre os bens de consumo em prol da construção do aqueduto, ficando com a longevidade deste imposto mais uma vez demonstrada a tese de que é bem mais fácil criar um imposto do que eliminá-lo.

O aqueduto resolvia alguns problemas de abastecimento de água que os poços intramuros (o Poço de Alcalá, junto da Porta do Bispo, era o poço principal à época de D. Manuel) não tinham até resolvido. A sua importância, até para os exércitos invasores que optaram por não o danificar de forma crítica, era vital para uma população de várias dezenas de milhares de habitantes, abastecendo várias fontes, com primazia para a fonte da Misericórdia, continuando a abastecer Elvas até à década de 80 do século XX.

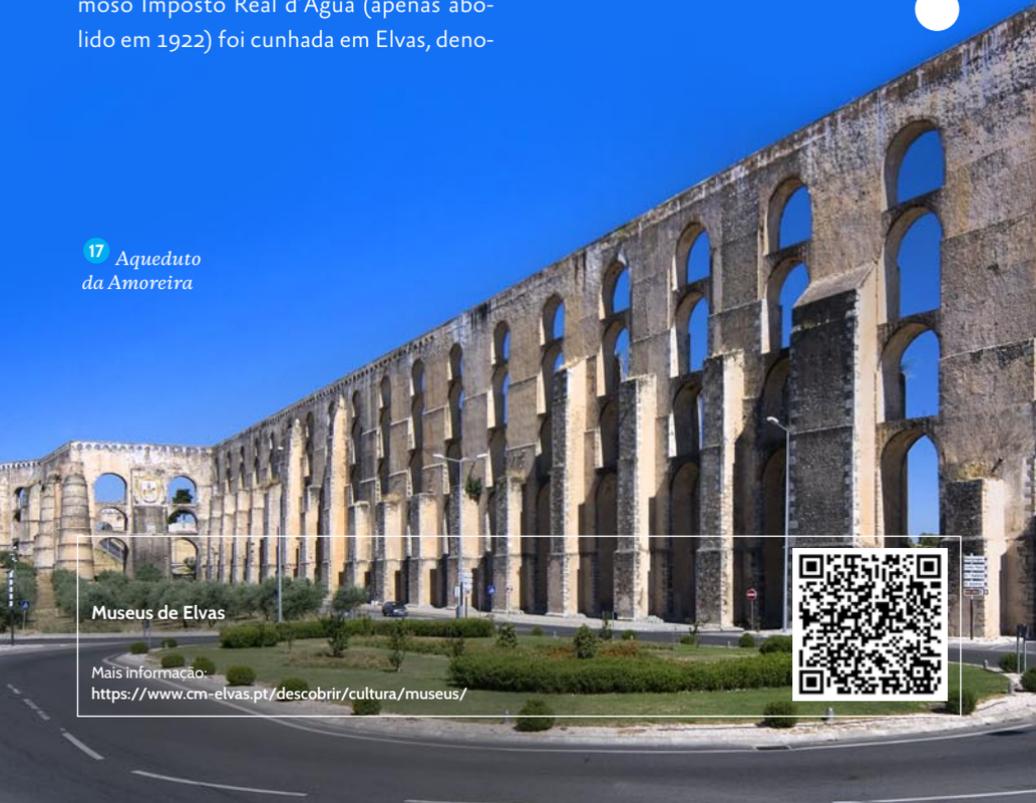
17 *Aqueduto da Amoreira*

Até



Museus de Elvas

Mais informação:
<https://www.cm-elvas.pt/descobrir/cultura/museus/>





01 Museu Militar de Elvas

Foto: Alberto Mayer. Arquivo CME



Da vista sobre o aqueduto, propomos seguir a muralha Seiscentista para Oeste e conhecer o Museu Militar de Elvas **01**, que integra o Centro Interpretativo do Património – sediado em quatro dos antigos Quartéis do Casarão. Num percurso que já compreende um segundo dia de visita a Elvas, trata-se de um espaço museológico de apresentação e interpretação da história e do património de Elvas, que introduz também a visita ao Museu Militar, um dos maiores do país e que mantém no seu edificado o Convento de S. Domingos (séc. XIII) e panos das muralhas Fernandina e Seiscentista.

Após uma reestruturação do Exército em 2006 que ditou a extinção do Regimento

de Infantaria n.º 8, terminava com ela a presença militar ativa em Elvas. Nos espaços vacantes, o Exército criou em 2009, através da sua Direção de História e Cultura Militar um museu com um vastíssimo património, que vai da história do Serviço de Saúde do Exército às transmissões militares, de uma coleção única de Hipomóveis e Arreios Militares no Exército a uma história dos instrumentos musicais do Exército Português, passando por uma exposição sobre a Guerra do Ultramar e outra sobre o património automotor (viaturas do Exército) que se distingue pelo bom estado de conservação, estando muitas das peças em exposição em estado de funcionamento, graças ao dinamismo do Exército e das diversas entidades parceiras do museu.

Confirmando a regra museológica que dita que a exposição permanente é apenas a ponta do icebergue da coleção em reserva, encontramos no Museu Militar de Elvas muitos milhares de peças a aguardarem restauro nas melhores condições de conservação possíveis, para um dia serem usufruídas pelo público.

Sem dúvida um museu cuja visita não se deve perder, fazendo jus o seu lema – “*Covas Qve Jvntas se Acham Raramente*”, sendo particularmente interessante uma visita nos dias 29 de outubro de cada ano, Dia da Unidade, uma ocasião sempre celebrada com pompa nesta casa.



Museu Militar de Elvas e Centro Interpretativo do Património de Elvas

Ter - Sáb: 10h00-18h00

Dom: 10h00-12h30 e 14h30-18h00

Encerra às segundas.

Av. de São Domingos, 13

Os fortes e fortins

ELV1 Seguimos, pois, para um circuito dos fortes e fortins de Elvas – visitado que foi, logo no início do itinerário, o Forte da Graça **01** – e recomendamos que comecemos pelo mais antigo, o Forte de Santa Luzia **18**.

Trata-se de uma fortificação construída após a Restauração no reinado de D. João IV, entre 1643 e 1648, uma obra desenhada pelo jesuíta holandês João Cosmader e construída sob as indicações do engenheiro francês Jean Gilot.

A sua construção e localização reflete a evolução da arte da guerra de Seiscentos, pois o Forte de Santa Luzia destina-se a defender uma posição que poderia ser tomada pelo inimigo para atacar/ofender a cidade. Constrói-se assim o forte num padrao a sul de Elvas, para aí receber uma guarnição de cerca de 300 homens e proteger a cidade, contando com quatro baluartes, reduto central (onde se encontra a casa do governador e uma capela, ambas fortificadas) e dois revelins nas frentes mais propícias a ataque, trincheiras, fossos e covas de lobo, galerias de contra-minas a Sul e Oeste, além de um caminho que ligava o forte à cidade.

Uma obra que na Batalha das Linhas de Elvas em 1659, pela Restauração, seria posta à prova com sucesso e que receberia



Forte de Santa Luzia
Inverno: 10h00-17h00
Verão: 10h00-18h00
Encerra às segundas.
Tel.: (+351) 268 623 287
forte.santaluzia@cm-elvas.pt

reforços por ocasião das Guerras Peninsulares, estendendo a sua utilidade até meados do século XX, altura em que se dá o abandono militar desta estrutura tão bela e precursora, até internacionalmente fa-



03 Fortim de São Domingos, 05 Fortim de São Mamede e 04 Fortim de São Pedro

Fotos: Alberto Mayer. Arquivo CME

lando, dado que o auge das fortificações abaluartadas em termos internacionais só se dá em inícios do século XVIII, 50 anos depois da construção (e experiência de combate) do Forte de Santa Luzia.

Hoje encontramos uma estrutura restaurada e musealizada, que merece sem dúvida uma visita, celebrando os quase 500 anos de bravura e engenho de defesa de Elvas.

Com o Forte da Graça em fundo, propomos a visita aos fortins de São Domingos 03 (o mais próximo do Forte da Graça, no acesso à cidade), de São Pedro 04 e de São Mamede 05, obras Oitocentistas, do tempo das Guerras Peninsulares e construídos sob a batuta do General Duque de Wellington, para repelir os ataques do invasor francês

na “chave do reino”. Se os fortins de São Pedro e São Mamede estão implantados em outeiros padrastrados do forte de Santa Luzia, o fortim de São Domingos/ da Piedade destinava-se a proteger o aqueduto da Amoreira, que resistiu a cercos inimigos (com alguns danos, que nunca o inviabilizaram) terremotos e tempestades.

Tratam-se de monumentos nacionais, visitáveis – estando o fortim de São Mamede verdadeiramente preparado para visitas e possuindo uma pequena, interessante e genuína exposição – e que são importantes para se compreender a dimensão e disposição estratégica desta cidade de Elvas que, se é a maior fortaleza abaluartada do Mundo, o é também graças a estes fortins que estendem o perímetro amuralhado da cidade até aos dez quilómetros. São também, estes fortins, um símbolo da cooperação raiana, transfronteiriça, tendo a sua conservação beneficiado de apoio Português e Espanhol ao longo dos anos, revelando um carinho pelo património e por uma história comuns.

Percurso recomendado

TENDO ELVAS POR BASE

Após dois dias à descoberta da cidade e dos seus tesouros, recomendamos que – caso tenha mais dias disponíveis – visite o património vizinho.

ELV3

ELV4

ELV5

Assim, num terceiro dia de visita a Elvas, tendo as suas muralhas por base, sugerimos que empregue pelo menos uma manhã e uma tarde a descobrir Campo Maior 01 > 07 e Ouguela 08 > 09.

Badajoz

Foto: Ayuntamiento de Badajoz

De seguida, num quarto dia, propomos cruzar a raia, e explorar as estreminhas Valência de Alcântara, que chegou a ser portuguesa, e Badajoz, cujo beleza e riqueza de património romano, árabe e medieval rivaliza com Mérida, Cáceres, Trujillo. Sem dúvida a não perder, se o tempo o permitir.

Num quinto dia de visita e viagem, recomendamos – caso não esteja seguindo a ordem do nosso roteiro – uma ida a Marvão, a inexpugnável fortaleza de Ibn Maruán alcantilada sobre o rio Sever, sentinela de *Ammaia* e dos seus castanheiros, *vendo as águias pelas costas*.

Para concluir, num sexto dia com um pé em Elvas será possível, pensamos, visitar para além de Marvão, também Monsanto, Idanha-a-Velha, Alpedrinha e Vila Velha de Rodão, uma imersão numa herança profundamente portuguesa, essa fusão tão bem conseguida da cultura celta, romana, visigótica, árabe, judia e, já após o século XV, do além-mar.



ELV1/2	Meio dia	(Bicicleta - Carro)
--------	----------	---------------------

01 Forte de Nossa Senhora da Graça
Centro Interpretativo

ELV1	1 Dia	(Pedestre - Bicicleta)
------	-------	------------------------

ELV1/2 + 02 ▶ 18

- 02 Posto de Turismo de Elvas
▼ 100 m / 1 min.
- 03 Sé (Igreja de Nossa Senhora da Assunção)
▼ 100 m / 2 min.
- 04 Igreja das Dominicãs
▼
- 05 Pelourinho
▼
- 06 1.ª Cerca Islâmica
▼ 120 m / 2 min.
- 07 Igreja de Santa Maria da Alcáçova
▼ 100 m / 1 min.
- 08 Rua das Beatas
▼ 100 m / 1 min.
- 09 Castelo/ Miradouro
▼ 120 m / 2 min.
- 10 1.ª Cerca Islâmica/ Arco do Miradeiro
▼ 400 m / 5 min.
- 11 Fábrica das Ameixas de Elvas
▼ 100 m / 2 min.
- 12 Cemitério dos Ingleses
▼ 250 m / 4 min.
- 13 Casa da História Judaica
▼ 100 m / 2 min.

- 14 2.ª Cerca Islâmica
▼ 100 m / 2 min.
- 15 Torre Fernandina
▼ 200 m / 2 min.
- 16 Muralhas Seiscentistas
▼ 650 m / 7 min.
- 17 Aqueduto da Amoreira
▼ 1,7 km / 22/8 min.
- 18 Forte de Santa Luzia

Construído entre 1763 e 1792, o Forte da Graça constitui um exemplo notável da arquitetura militar do século XVIII.



ELV

Elvas

Sistema Fortificado



FORTALEZAS
ABALIARTADAS
DA RAIA

Opção ELV1

PR2 / ELV - Linhas de Elvas
Início no Forte da Graça
e final no Forte de Santa Luzia
(Transalentejo)

Distância: 6 km
Duração: 02h00
Mais informação:
<https://www.visitelvas.net>



ELV2

2 Dias

(Pedestre - Bicicleta)

ELV1 + 01 ▶ 05

- 01 Museu Militar de Elvas e Centro Interpretativo do Património de Elvas
▼ 600 m / 8 min.
- 02 Museu de Arqueologia e Etnografia António Tomás Pires

(Bicicleta - Carro)

- 03 Forte de São Domingos
▼ 1,6/2,9 km / 6 min.
- 04 Forte de São Pedro
▼ 2,3 km / 9/5 min.
- 05 Forte de São Mamede

Opção

PR1 / ELV - Torre de Bolsa
Percurso de Birdwatching

A primeira parte do percurso, desde o Forte de Santa Luzia até à Herdade da Alfardã, caracteriza-se essencialmente por uma zona de agricultura de sequeiro que é preferida de aves estepárias como o Sisão, Alcaravão e Abetarda. Entre outros, esta área é frequentada por aves como Águia Caçadeira, Águia Calçada, Francelho, Tartaranhão Cinzento, Abibes, Abelharuco, Rolieiro, Poupa, Perdiz do Mar, Picanço Barreteiro, Picanço Real e Tarambola Dourada.

Distância: 14.30 km, Duração: 05h15
Mais informação:
<https://www.visitelvas.net>



ELV3

3 Dias

(Pedestre - Bicicleta)

ELV2 + 01 ▶ 09

- 01 Posto de Turismo de Campo Maior
▼ 280 m / 3 min.
- 02 Pelourinho
▼ 150 m / 2 min.
- 03 Igreja Matriz
▼
- 04 Capela dos Ossos
▼ 300 m / 4 min.
- 05 Assento Militar
▼ 200 m / 4 min.
- 06 Castelo/ Centro Interpretativo da Fortificação
▼
- 07 Percurso Interpretativo da Fortificação
▼
8 km / via N373
- 08 Aldeia Histórica de Ouguela
▼
- 09 Percurso Interpretativo da Fortificação de Ouguela

Mais informação:

<https://campomaior.pt/mapas/>



Campo Maior

Centro Histórico



Ouguela

Aldeia Histórica



Mais informação sobre Campo Maior e Ouguela:

<https://campomaior.pt>



FORTALEZAS
ABALUARTADAS
DA RAIÁ

ELV4

4 Dias

(Carro)

ELV3

Valência de Alcântara (39.413185, -7.242904)

Sugestões:

- Bairro Gótico
- Igreja de N.ª Sr.ª de Rocamador

Badajoz

(38.876540, -6.970687)

Sugestões:

- Antiga Mouraria
- Igreja Matriz
- Fortaleza de São Cristóvão

ELV5

5 Dias

(Carro)

ELV4

Idanha-a-Velha (39.996479, -7.143627)

▶ Idanha-a-Velha - Monsanto: 10,4 km / 17 min.

Monsanto (40.039423, -7.114987)

▶ Monsanto - Marvão: 150 km / 2h06

Extra

Alpedrinha
Vila Velha de Rodão

Mais informação sobre Idanha-a-Velha e Monsanto:
<https://aldeiahistoricasdeportugal.com>



Ouguela

Campo
Maior

Elvas

ELV

Elvas

Sistema Fortificado

Barragem
do Cacia

Rio Cacia

Badajoz

Rio Guadiana

PORTUGAL
ESPAÑA

BA-020

▶ Ponaltegre

Gastronomia



Afirmar que a gastronomia da região de Elvas é rica e variada é subestimar um património antigo que todos os dias e durante todo o ano é procurado nacional e internacionalmente. Revelador desta riqueza, a primeira Pousada de Portugal abriu em Elvas em 1942 – hoje Hotel Santa Luzia – aí nascendo um dos pratos mais conhecidos desta região, o bacalhau dourado, obra da cozinheira da Pousada, Jacinta do Carmo Bucho. A doçaria conventual, claro, é uma referência, com a sericaia, e as ameixas rainhas-cláudias de Elvas a serem conhecidas mundialmente.

Onde provar a gastronomia típica de Elvas



Mais informação:
<https://www.cm-elvas.pt/descobrir/onde-comer/>

*Sericaia e
Ameixas de Elvas*
Fotos: Arquivo CME/GINF



Outros manjares aguardam-nos para descoberta em Elvas, de que destacamos: Gaspacho; Sopas de tomate, de cação, de beldroegas, de cachola; Galinha tostada; Galinha de tomatada; Tiborna; Carne do alguidar; Carne de porco à Alentejana; Ensozado de borrego; Migas (de batata, alho, coentros e espargos); Tomatada de carne de porco; Peixe do rio (Bogas, Carpas, Achigã, Lúcio-Perca, Sável); Tarte de requeijão; Bolo de mel e noz; Bolo de cenoura; Dobradiças; Enxovalhada; Biscoitos.



Feiras e festas tradicionais



Além do mercado municipal (visitando a belíssima Casa das Barcas) e do mercado quinzenal de Elvas, ocasiões e motivos há para combinar uma visita de âmbito patrimonial com uma ida às feiras e romarias de Elvas. Destacamos por isso:

Festas em Honra de São Sebastião > em Barbacena > janeiro.

Romaria de Nossa Senhora da Ajuda > Páscoa.

Romaria de Nossa Senhora da Lapa > em Barbacena > na altura da Páscoa.

Romaria de Nossa Senhora da Ventosa > em São Vicente e Ventosa > final de abril a 1 de maio.

Festas em Honra de Nossa Senhora da Conceição > em Vila Fernando > meados de julho.

Festas em Honra de Nossa Senhora dos Remédios > em Vila Boim > último fim de semana de julho.

Festas em Honra de Santo António > na Terragem > 1.º fim-de-semana de agosto.

Festas em Honra de Nossa Senhora do Rosário > em São Vicente e Ventosa > 15 de agosto.

Festas em Honra de Santa Eulália > em Santa Eulália > meados de agosto.

Festas em Honra de São João > em São Vicente e Ventosa > meados de agosto.

Festas em Honra de Nossa Senhora do Paço > em Barbacena > 1.º fim de semana de setembro.

Festas em Honra do Senhor Jesus da Boa-fé > em Caia, São Pedro e Alcáçova > início de setembro.

Feira de São Mateus > em Elvas (geminada com a de Viseu) > 20 de setembro.

Festas em Honra do Senhor Jesus da Piedade > em Elvas > 20 de setembro.

Eventos anuais de Elvas

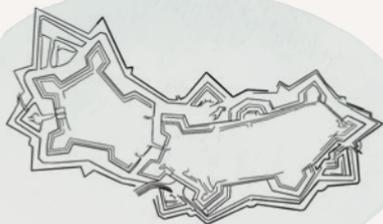


Mais informação:
<https://www.cm-elvas.pt/descobrir/cultura/eventos-aneais/>

Feira Medieval de Elvas
Fots: Arquivo CME/GINF



GLOSSÁRIO



Abaluartada

Fortificação da época moderna, em estrela e guarnecida com baluartes, desenvolvida para resistir aos avanços da artilharia.

Adarve

Caminho de ronda descoberto, situado no topo das muralhas.



Aproches

Do inglês *approach* ou do francês *aproche*, caminhos escavados no terreno pelos sitiantes ou pelos sitiados para ações de ataque ou sabotagem.



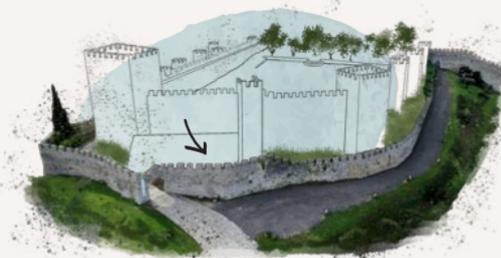
Baluarte

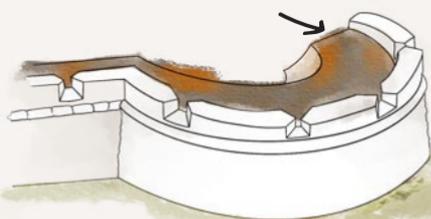
Obra avançada, de alvenaria ou em terra, parte integrante de uma fortaleza para que dela se possa fazer fogo sobre o inimigo atacante, eliminando os ângulos mortos.



Barbacã

Muro avançado em relação à muralha principal, mais baixo do que esta, destinado a atrasar o avanço do inimigo, expondo-o ao fogo dos sitiados.



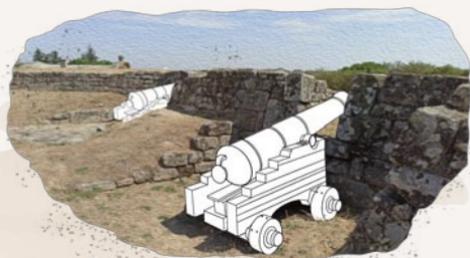


Barbeta ou Barbete

Plataformas sobre as quais estão instalados os canhões, para dispararem sobre os parapeitos das muralhas.

Bastião

Obra de fortificação avançada e angular que acolhe uma bateria, com dois flancos e duas faces ligadas às cortinas da fortaleza.



Bateria

Plataforma com um ou mais canhões, coberta (com casamata) ou aberta.

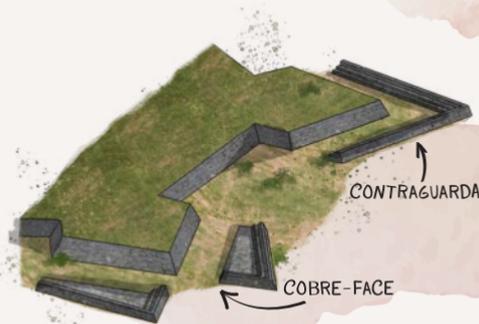
Canhoeira

Abertura entre os merlões dos parapeitos das fortificações abaluartadas, para permitir o disparo das bocas-de-fogo.



Contra-guarda ou Cobre-face

Obra exterior de uma fortificação abaluartada, pequenos muros destinados a proteger um baluarte ou um revelim, situados no fosso à sua frente. Quando construídos em forma de seta designam-se cobre-face.



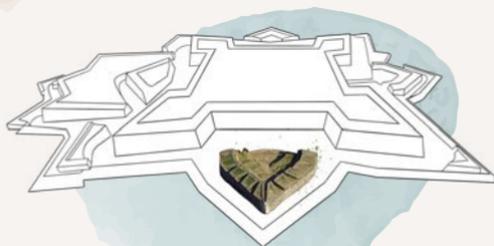


Casamata

Obra fortificada (*bunker*) normalmente abobadada para deflectir projéteis, que aloja tropas ou uma bateria, integrada ou não numa fortificação.

Cavaleiro

Obra construída sobre um baluarte, uma cortina ou qualquer outra estrutura de uma fortificação abaluartada, ocupando uma posição cimeira de tiro.



Cisterna

Reservatório que por norma recolhe águas pluviais, estrutura essencial para resistir a cercos longos.



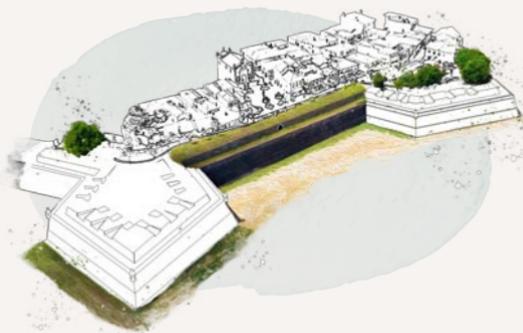
Contraminas

Elemento essencial da guerra de sítio moderna e da Arma de Engenharia dos Exército, consistem em túneis (minas) construídos pelos sitiados para interceptar as minas dos sitiantes, cancelando a sua avançada por destruição das minas ou por batalhas subterrâneas.



Coroadas

Obra que prolonga a muralha para pontos avançados, que podem ser defendidos por baluartes, podendo as próprias coroadas conter baluartes e meios baluartes nos extremos.

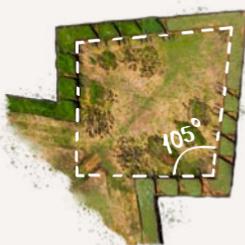


Cortina

Pano de muralha situado entre os flancos de dois baluartes, ligando-os.

Espalda

É a parte acrescentada em cada banda do baluarte, de forma quadrangular.

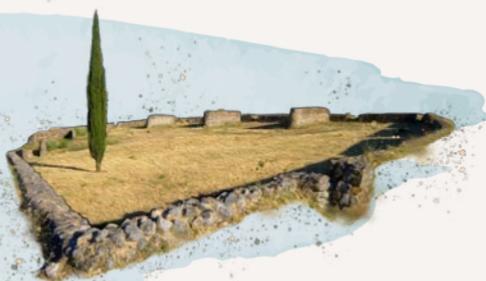


Esplanada

Terreno plano, unido e descoberto, que antecede as muralhas da fortificação.

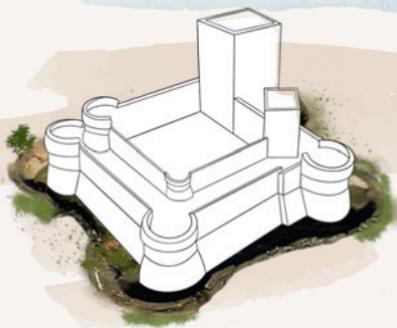
Fortim

Forte de pequenas dimensões, por vezes integrado num sistema e de suporte a uma fortaleza principal.



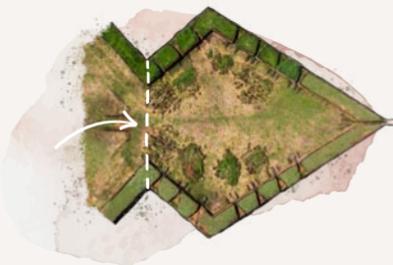
Fosso

Depressão natural ou escavada em torno das muralhas, externas ou internas, destinado a atrasar a progressão dos sitiantes no assalto à fortaleza, podendo o fosso ser seco ou molhado.



Gola

Linha que liga as uniões dos flancos de um baluarte às cortinas de uma fortaleza.



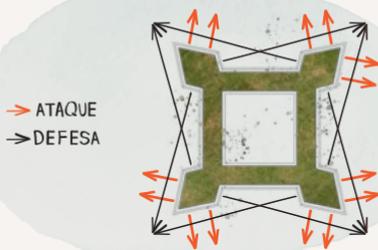
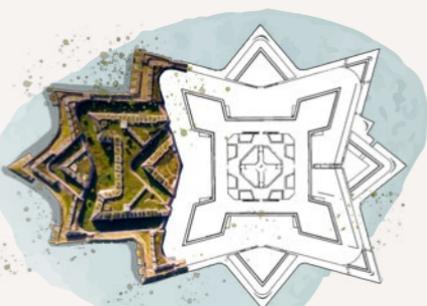


Guarita

Pequenas torres onde as sentinelas fazem o seu serviço, localizadas em ângulos estratégicos da fortaleza de modo a garantir a maior cobertura de ângulos.

Hornevaque

Do alemão *hornwerk*, trata-se de uma obra exterior de uma fortificação abaluartada, composta por dois meio-baluartes unidos por uma cortina.



Linha de Tiro

Linha com que se calcula a direção e alcance das bocas-de-fogo.

Meio-baluarte

Obra que possui apenas uma face e um flanco.



Melrão

Presente também nas fortificações medievais, os merlões constituem as saliências no parapeito de uma muralha, que permitem abrigo aos soldados sitiados.



Padrasto

Ponto estratégico fronteiro à fortaleza, de onde esta pode ser atacada.
Ex: Monte da Graça, em Elvas.

Poterna

Porta secundária aberta nas cortinas das fortificações abaluartadas, podendo ser de comunicação interior ou de ligação ao exterior.



Redente

Obra integrada numa cortina ou exterior, composta por dois meios baluartes, voltada para o lado de um possível ataque.



Reparo

Muro de suporte, normalmente construído em terra e outros materiais utilizados para fazer os fossos, de amortecimento e dissipação de energia para proteger a muralha de pedra e alvenaria.



Revelim

Obra exterior construída no fosso, com uma ou duas golas, destinada a proteger os baluartes e a cortina, a proteger a saída das forças sitiadas em caso de resposta.

Tenalha

Do francês *tenaille*, "tenaz", é uma obra exterior, defensiva e baixa, com dois muros reentrantes - em tenaz - construída normalmente entre dois baluartes, destinando-se à defesa dos reparos.



FICHA TÉCNICA

Promotor_ **Spira**

Coodenação geral_ **João Barbosa e Margarida Sousa**

Textos_ **Yann Araújo**

Fotografia_

Município de Almeida: **Arquivo da Direção Geral do Território/ Arquivo Municipal de Almeida/ Carlos Marques/ Emilio Estudio/ Francisco Piqueiro/ João Campos**

Município de Marvão: **Fernando Algarvio/ Juan Carlos Durán/ Sérgio Conceição/ Pepe Brix**
Município de Elvas: **Alberto Mayer/ Arquivo CME/GINF/ Arquivo Histórico-Militar de Lisboa/ Isabel Pinto/ Raul Ladeira**

Município de Valença: **Belisa Vilar/ Gilberto Coutinho/ Custódia Pereira/ Gus Abreu/ José Sousa/ Luís Gil/ Vitor Salvador**

Revisão de conteúdos_

Município de Almeida: **Paula Sousa/ Luis Trindade**

Município de Elvas: **Isabel Pinto/ Nuno Costa**

Município de Marvão:

Município de Valença: **Belisa Vilar**

Revisão geral_ **José Augusto Guerra**

Capa_ ???

Design, paginação e mapas_ **Angelina Caixeiro**

Impressão_ **Berci**

Tiragem_ **2000 exemplares**

ISBN_ **000-000-00000-0-0**

Depósito Legal_ **000000/22**

Financiado por_

Parceria_

